

ANEXO 01

CONSULTORIA PROJETO E VANTAGENS INDEVIDAS

(NARRATIVA GERAL – anexos específicos individualizam as principais operações)

Síntese

Apesar de efetivamente prestar serviços e firmar contratos regulares, a empresa de consultoria de **ANTONIO PALOCCI** foi utilizada inúmeras vezes para fins ilícitos, incluindo o repasse de *'inside information'* e a viabilização de recebimento de vantagens indevidas decorrente da prática de ações do Colaborador junto a órgãos estatais. Estruturar a **PROJETO** foi uma maneira sofisticada pensada por **ANTONIO PALOCCI** para viabilizar o recebimento de vantagens indevidas, sobretudo como uma forma de esconder as origens ilícitas destas. Ademais, **PALOCCI** sempre foi muito cuidadoso no sentido de esconder as atividades ilícitas da **PROJETO**, evitando fazer contratos com empresas muito visadas nas relações com o governo, a exemplo das empreiteiras. É evidente que estas outras empresas também repassavam propinas a **PALOCCI** e ao **PT**, mas por meio de outros caminhos, muitas vezes por doações de campanha e "caixa dois". É possível pontuar, com exatidão, inúmeros contratos da **PROJETO** que foram utilizados para fins ilícitos (detalhados em anexos específicos):

- 1 -

VANTAGENS INDEVIDAS RECEBIDAS ATRAVÉS DA PROJETO

1 – Contrato com **MÁRCIO THOMAZ BASTOS**

A **PROJETO** realizou um contrato independente com **MÁRCIO THOMAZ BASTOS**, no valor de R\$ 1,5 milhão de reais, a fim de viabilizar o repasse de vantagens indevidas para **PALOCCI** relativa à atuação deste junto ao STJ na situação envolvendo a "Operação Castelo de Areia" (vide anexo específico).

2 – Atos de Ofício para o **BANCO SAFRA**

Conforme consta dos anexos envolvendo o **BANCO SAFRA**, bem se percebe que o Colaborador realizou diversos atos de ofício, em conjunto com outros agentes políticos, sobretudo **LULA**, perante variados órgãos, buscando beneficiar o **BANCO SAFRA**. As contrapartidas aos atos praticados se davam das mais variadas maneiras: (a) doações formais para as campanhas e "caixa dois"; (b) repasses em espécie; (c) "doação" para o **INSTITUTO LULA**; (d) repasses por intermédio da **PROJETO**. Desta forma, de um lado, o **BANCO SAFRA** remunerava constantemente **PALOCCI**, de outro lado, **PALOCCI** atendia ao **BANCO SAFRA** em seus pleitos perante o governo. A relação era tão próxima que, em dado momento, **ANTONIO PALOCCI** chegou a indicar o Presidente do **BANCO DO BRASIL**, **ROSSANO MARANHÃO** para o cargo de presidente do **BANCO SAFRA**, tornando a relação ainda mais fluida. Vale dizer que **ROSSANO MARANHÃO** era pessoa de irrestrita confiança de **PALOCCI**. Além disso, **LULA** e **ANTONIO PALOCCI** comentavam entre si que tinham uma verdadeira "conta sem limite" com o banco **SAFRA**. Vale dizer que, só por intermédio dos contratos realizados com a **PROJETO**, o banco **SAFRA** pagou a quantia de R\$ 1,25 milhão de reais em vantagens indevidas para **ANTONIO PALOCCI**, afora as outras vias de repasse.

3 – **ABÍLIO DINIZ x CASINO**

Conforme consta de anexo específico, **ABÍLIO DINIZ** entrou em "disputa" com a

empresa francesa **CASINO**. Tanto **ABÍLIO**, quanto **CASINO**, buscaram todo tipo de ingerência perante o governo para fazer prevalecer as respectivas posições. **CASINO** aproximou-se de **LULA**, por intermédio de **SAFRA**, prometendo a vultosa quantia de 30 milhões de euros para o ex-presidente. **ABÍLIO DINIZ**, por sua vez, aproximou-se de **PALOCCI**, buscando que este o “apadrinhasse” na situação. **ABÍLIO DINIZ** repassou posteriormente a **PALOCCI** a quantia ilícita de R\$ 2,096 milhões de reais, tendo sido o pagamento operacionalizado através da **PROJETO**. A empresa que efetuou a contratação com a **PROJETO** foi **APAIC PARTICIPAÇÕES**.

4 – Contrato com a SOUZA CRUZ

A **SOUZA CRUZ** não contratou a **PROJETO** por estar interessada no serviço de consultoria por ela prestado, mas porque queria que **ANTONIO PALOCCI** representasse as suas “demandas” perante o governo, o que foi feito junto ao Ministério da Fazenda, na busca por sistemas de tributação mais benéficos à empresa. A **SOUZA CRUZ** repassou R\$ 645 mil em vantagens indevidas à **PROJETO**.

5 – PDG REALTY e o BNDESPAR

A **PDG** tem entre os seus sócios a **VINCI** e o **BTG**, empresas que sempre mantiveram estreitos laços com **ANTONIO PALOCCI**. Em determinado momento, a **PDG** pleiteou um aporte do **BNDESPAR**, mas a situação não estava caminhando com a velocidade esperada, o que estava afligindo os sócios. Estes fizeram contato com **ANTONIO PALOCCI** e pediram uma intervenção dele, junto ao **BNDESPAR**, no sentido de acelerar o aporte em benefício da empresa. **PALOCCI** fez uma ligação para **LUCIANO COUTINHO**, o qual bem recepcionou **PALOCCI** e disse que o atenderia, analisando o assunto extra-pauta. Em seguida, o **BNDESPAR** aprovou imediatamente a operação solicitada pela **PDG**. Em contrapartida, **ANTONIO PALOCCI** recebeu o valor de R\$ 460 mil reais em vantagens indevidas.

6 – AMBEV e o aumento do PIS/COFINS

Muitas empresas contratavam a **PROJETO** com a expectativa de conseguirem “favores” perante o governo, em razão da posição privilegiada de **ANTONIO PALOCCI**. Assim, determinadas interferências eram acertadas no curso dos contratos, ou os contratos eram realizados após os atos praticados. No caso da **AMBEV**, tal empresa solicitou a **PALOCCI** que ingerisse ilícitamente sobre o governo a fim de que não fosse determinado, no âmbito da Presidência da República, o aumento de **PIS/COFINS** sobre o comércio de cerveja, ou para que tal aumento fosse protelado. Por conta de suas diversas intervenções, **PALOCCI** recebeu o valor total de R\$ 1,140 milhão em vantagens indevidas.

7 – BRADESCO e as ‘insides’ do BC

Conforme narrado em anexo específico, **ANTONIO PALOCCI** mantinha estreita relação com o **BRADESCO** e, entre os anos de 2009 e 2010, comprometeu-se a repassar informações privilegiadas do **BANCO CENTRAL** sobre as variações da taxa de juros, a fim de beneficiar o **BRADESCO**, o que efetivamente fez com regularidade, tendo recebido inúmeras contrapartidas, incluindo “remuneração” através de palestras, contabilizadas pela **PROJETO**.

8 – BTG

Conforme já ficou evidenciado, **ANTONIO PALOCCI** mantinha íntima relação de favorecimento ao Banco **BTG**, mas não queria que esta relação acabasse escancarada por meio da **PROJETO** (procedimento similar ao realizado com outras empresas). Assim, os repasses do

BTG, até mesmo por serem demasiadamente expressivos, eram efetuados via **PARTIDO DOS TRABALHADORES**, seja por doação oficial ou por "caixa dois", incluindo o fundo disponibilizado pelo banco. Não obstante, consta que **PALOCCI** proferiu uma palestra ao **BTG** (27 de maio de 2007), denominada de reunião com os investidores, o que restou contabilizado.

9 – ENGEFORM

Conforme consta de anexo específico, a **ENGEFORM** pagou vantagem indevida a **ANTONIO PALOCCI** em contrapartida a benefícios ilícitos obtidos por este e **JOSÉ DIRCEU** para a empresa no âmbito da **PETROBRAS**. A intenção de **REINALDO ABUCHAM** (da empresa **ENGEFORM**) era entrar no denominado "clube" das empreiteiras que cartelizava o mercado da **PETROBRÁS**, o que foi viabilizado por **PALOCCI**, mediante o repasse de vantagem indevida através da **PROJETO**, no importe de R\$ 160 mil reais.

10 – PARMALAT

Em 2008, a **PARMALAT** tinha uma linha de crédito que estava "emperrada" e precisava ser liberada perante o **BANCO DO BRASIL**. Ante a dificuldade em se liberar a linha de crédito que existia perante o **BB**, o dono do fundo **LAEP** que havia recém adquirido a **PARMALAT**, **MARCOS ALBERTO ELIAS** procurou o então deputado federal **ANTONIO PALOCCI**, oferecendo vantagem indevida em contrapartida à viabilização da liberação da linha de crédito. A procura de **ANTONIO PALOCCI** se deveu ao fato de que foi ele, quem, na condição de Ministro da Fazenda, havia nomeado **ROSSANO MARANHÃO** à presidência do **BANCO DO BRASIL**, tendo, pois, ascendência e grande influência sobre ele. Procurado, **PALOCCI** aceitou operar a interferência junto à presidência do Banco, em contrapartida a R\$ 100 mil pagos a título de propina dissimulada por um contrato fictício de honorários de consultoria.

- II -

OUTRAS FORMAS DE RECEBIMENTO

ANTONIO PALOCCI também recebeu valores decorrentes de suas atuações perante e no Governo de outras formas que não por meio da **PROJETO**, muitas das vezes por pleitos de doações para campanha (conforme já descrito e enumerado na sequência), na forma de doação oficial ou "caixa dois", mas também chegou a receber, em benefício pessoal direto, de formas não usuais, conforme se expõe:

1 – BANCO SAFRA

O **SAFRA**, por sua proximidade com **ANTONIO PALOCCI**, além de todos os métodos de repasse já mencionados, chegou a fazer repasses em espécie para o Colaborador e **LULA**, conforme será narrado em anexos específicos.

2 – Doação da OAS

A **OAS** era uma das empresas que mantinha muita relação com o governo, sobretudo nas questões envolvendo a **PETROBRAS**, razão pela qual **PALOCCI** preferia não receber nada através da **PROJETO**, mas sim por doações para as campanhas. Em determinada oportunidade a **OAS** fez uma doação para a **FEIRA DO LIVRO DE RIBEIRÃO PRETO**, evento de interesse

político do Colaborador.

3 – VOTORANTIM

A **VOTORANTIM** queria fazer um repasse pessoal para o Colaborador, mas este não queria se vincular ao evento em que ajudou a empresa, já que este teve grande repercussão pública, razão pela qual falou para que a empresa, ao invés de lhe dar dinheiro, ou contratar a **PROJETO**, fizesse uma doação para o **HOSPITAL DO CÂNCER DE BARRETOS**.

- a) Notas fiscais dos pagamentos de propina;
- b) Relatórios de notas fiscais;
- c) Planilhas com as informações da PROJETO.

ANEXO 02

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA *Ilícitos privados da pessoa física*

Síntese

ANTONIO PALOCCI FILHO mantinha íntima relação política e pessoal com o ex-presidente **LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA**, sendo que, conjuntamente, atuaram na prática de inúmeros atos ilícitos para beneficiar determinadas empresas, mediante o recebimento de vantagens indevidas, utilizadas tanto para fins políticos, quanto para fins pessoais.

Em diversas oportunidades, **ANTONIO PALOCCI** atuou como intermediário de **LULA** no pleito de vantagens indevidas, sobretudo perante a **ODEBRECHT** e perante o **BANCO SAFRA**, intermediando repasses dirigidos, bem como fazendo retiradas e entregas de propinas em espécie ('cash'). **ANTONIO PALOCCI** realizava estas operações em razão, tanto da proximidade que mantinha com a **ODEBRECHT** e com o **SAFRA**, quanto da relação de confiança com **LULA**. Relevante esclarecer que tanto **PALOCCI**, quanto **LULA** conseguiram, por suas respectivas posições políticas, estruturar esquemas 'sofisticados' de recebimento de vantagens indevidas, inclusive mediante contas no exterior abertas por terceiros (**JOESLEY**, **DUDA MENDONÇA**, **JOÃO SANTANA**).

ANTONIO PALOCCI conseguia receber muitas das vantagens ilícitas através da **PROJETO CONSULTORIA**, enquanto **LULA** recebia altas cifras de propina através da empresa de palestras **LILS** e do **INSTITUTO LULA**. O sistema era 'sofisticado' justamente porque permitia dissimular o recebimento das vantagens indevidas, conferindo-lhes aparência de legalidade. Contudo, a conexão de eventos permite a identificação de inúmeros recebimentos ilícitos. **PALOCCI** chegou a estruturar um projeto, a pedido de **LULA**, para reformular o **INSTITUTO LULA**, de maneira a tentar organizá-lo de forma ainda mais sofisticada, mas este acabou sendo descartado por **PAULO OKAMOTO**.

Além disso, **ANTONIO PALOCCI**, com a participação de seu assessor **BRANISLAV KONTIC**, operava uma espécie de "mesada", através da qual **LULA** recebia mensalmente, em espécie ('cash') a quantia média de R\$ 100 mil reais, sendo que os valores eram oriundos da **ODEBRECHT**, bem como outros repasses esporádicos, em quantias variáveis, também em espécie, vindos do **BANCO SAFRA**. Neste esquema, **PALOCCI** chegou a realizar pequenos depósitos, não identificados, para pessoas indicadas por **LULA**, atuando no micro gerenciamento da propina.

Ademais, a parte mais expressiva dos repasses das vantagens indevidas se dava por meio de doações milionárias ao **PT** e seus respectivos candidatos, bem como por "caixa dois" para o partido, de forma a permitir o financiamento de campanhas e a manutenção do **PT** no poder. Vale registrar que, mesmo nos períodos em que **LULA** e **PALOCCI** estavam afastados do governo, ambos possuíam grande ingerência, participando ativamente das decisões de cúpula, o que viabilizava a intervenção em benefício de determinadas empresas e a consequente manutenção das arrecadações.

É possível detalhar especificamente as situações envolvendo atos de ofício, interferências ilícitas e recebimentos de vantagens, ao longo de mais de quinze anos, mas, inicialmente, cabe fazer uma breve retrospectiva sobre o histórico do relacionamento entre **ANTONIO PALOCCI** e **LULA**, para contextualizar os fatos.

- 1 -

RETROSPECTIVA DO CONTEXTO FÁTICO

ANTONIO PALOCCI FILHO conheceu **LULA** em 1980, em reuniões de lideranças políticas que culminaram com a fundação do **PARTIDO DOS TRABALHADORES**. Depois da

abertura democrática de 1988, quando **ANTONIOPALOCCHI** elegeu-se vereador, foi se aproximando aos poucos de **LULA**. Em 1989, **PALOCCHI** foi responsável por coordenar a campanha presidencial de **LULA** na região de Ribeirão Preto/SP, conseguindo fazer a "*lição de casa*", angariando a vitória de **LULA** na cidade. Em 1994, **PALOCCHI** tornou-se amigo próximo de **LULA** e começou a fazer privatizações no governo de Ribeirão Preto/SP. Apesar dos intensos conflitos internos no partido por causa dos projetos de privatização (dentre eles, a rede de saneamento básico de Ribeirão Preto/SP), **PALOCCHI** sempre teve o apoio do **LULA**.

Em 2000, durante a campanha para o segundo turno das eleições municipais, **PALOCCHI** pediu a **JOÃO SANTANA** que fizesse um estudo científico para ver se **LULA** deveria ou não se candidatar à presidência em 2002. A pesquisa, feita por **JOÃO SANTANA** e **DUDA MENDONÇA**, foi apresentada a **LULA**, que se entusiasmou e pediu que **PALOCCHI** se afastasse da prefeitura de Ribeirão Preto/SP e se dedicasse integralmente à campanha presidencial. **PALOCCHI** aceitou o convite, tendo havido distribuição de funções: quem ficou responsável pela arrecadação dos recursos de campanha foi **DELUBIO SOARES**; **PALOCCHI** ficou responsável pelo plano de governo. As ilicitudes tiveram início já na campanha de 2002.

Em verdade, já no primeiro ano de governo (2003), houve uma divisão das lideranças do **PARTIDO DOS TRABALHADORES** em duas tendências: a linha programática; e a linha pragmática. De um lado, **ANTONIO PALOCCHI**, **MIRO TEIXEIRA**, **LUIZ GUSCHIKEN** e **JOSÉ GENUÍNO**, dentre outros, defendiam a "*linha programática*" que tentava fazer uma coalisão e dialogar com todos os partidos de forma conciliadora e diplomática, para ter apoio das bancadas no Congresso com base no programa de ação do governo. De outro lado, **JOSÉ DIRCEU**, **LUIZ DULCI**, **ALOÍSIO MERCADANTE**, **MARCO AURÉLIO GÁRCIA** e **DILMA ROUSSEFF** defendiam a "*linha pragmática*", que partia da premissa de que as ideias do partido seriam inconciliáveis com um diálogo pluripartidário e concluía que o apoio das bancadas no Congresso deveria ser conquistado mediante o loteamento dos ministérios, estatais ou até mesmo a entrega de valores para parlamentares.

Entre a linha "*programática*" e a linha "*pragmática*", **LULA** exercia as vezes de *árbitro* nessa discussão. Durante o primeiro ano do governo, com as primeiras votações, **LULA** convocou uma reunião no Palácio do Planalto, com todas as pessoas acima referidas, para "*bater o martelo*": o governo seria pragmático. Neste caso, o pragmatismo significava aliar-se com alguém que não tem o mesmo pensamento, o que acabava por levar à compra do apoio com valores ou cargos. O grande mentor responsável pela implementação dessa "*política pragmática*" foi **JOSÉ DIRCEU**, que na época era Ministro chefe da Casa Civil.

Como consequências dessa política pragmática, houve o loteamento de cargos e situações como a do "mensalão". Apesar da divergência inicial de posturas, depois que **LULA** "*bateu o martelo*", todos começaram a implementar a "*política pragmática*". Com este escopo "pragmático", **LULA**, por exemplo, tentou emplacar **JOÃO VACCARI** para presidência da **CAIXA ECONÔMICA FEDERAL** e **GERALDO MAGELA** para a do **BANCO DO BRASIL**, no entanto, a tentativa foi obstada por **ANTONIO PALOCCHI** que era à época Ministro da Fazenda.

Em paralelo ao exercício dessa política pragmática, existiam também os interesses pessoais de cada um dos integrantes do **PARTIDO DOS TRABALHADORES**. Nesse contexto, serve, sobretudo, o presente anexo para descrever alguns desses interesses pessoais envolvendo em especial o ex-presidente da república **LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA**.

Frisa-se, desde já que **ANTONIO PALOCCHI** operou para viabilizar inúmeros destes interesses pessoais de **LULA**, em virtude da íntima relação de confiança que mantinham.

- II -
**US\$ 1 MILHÃO DE DÓLARES DE MUAMMAR KADAFI E
A CONTA DE DUDA MENDONÇA**



Os ilícitos envolvendo **LULA**, dos quais **ANTONIO PALOCCI** participou, já se iniciaram na campanha de 2002.

Em determinado momento da campanha, no comitê de campanha do PT em São Paulo, **LULA**, acompanhado de um assessor, procura **PALOCCI** perguntando como poderiam fazer para receber um montante expressivo no exterior, pois tinha um dinheiro que só poderia ser repassado fora do país, em virtude da origem que não poderia "aparecer". O montante inicial era de US\$ 1 milhão de dólares ou, na época, aproximadamente R\$ 3,5 milhões de reais.

PALOCCI sugere que poderia ser através do **SAFRA**, mas **LULA**, dando uma risada, responde que não teria como, pois, a fonte pagadora era o ditador terrorista líbio **MUAMMAR KADAFI**, o qual jamais depositaria dinheiro na conta de um banco controlado por um judeu. Ao saber a fonte do dinheiro, **PALOCCI** concorda que a alocação não teria como ser via **SAFRA**. Considerando o montante expressivo do repasse, o que em 2002 era ainda mais significativo, **PALOCCI** fica de pensar em uma solução para viabilizar o recebimento e a utilização do montante, o que dependeria, obviamente, de uma operação de "branqueamento".

Ao pensar em soluções possíveis, **PALOCCI** se recorda que o marqueteiro da campanha, **DUDA MENDONÇA** tem uma conta na Suíça e que, como teria altos valores a receber referentes à campanha, parte do pagamento poderia vir através deste repasse de **MUAMMAR KADAFI**. **PALOCCI** consulta **LULA** sobre esta possibilidade e definem que é esta a melhor forma de "aproveitar" este dinheiro. Isto porque, descontariam o valor dos repasses para **DUDA** no Brasil e correriam riscos menores, já que a internalização seria dispensável. O PT conseguiria então usar o dinheiro e, ao mesmo tempo, esconder a origem.

Assim, **PALOCCI** vai falar com **DUDA MENDONÇA**, que se encontrava hospedado no Hotel do **WT CENTER** de São Paulo/SP, e diz que quer fazer o pagamento de US\$ 1 milhão de dólares na Suíça, mas sem esclarecer a origem para **DUDA**, apenas dizendo que é um "doador" que não pode internalizar o valor no Brasil.

DUDA MENDONÇA concorda em receber o valor na Suíça e fornece os dados da conta a fim de viabilizar a transferência. Com os dados da conta em mãos, **PALOCCI** vai ao assessor de **LULA** e explica como deve ser operacionalizado o pagamento. Este assessor é quem faz o contato com um importante "assessor" governamental de **KADAFI**, de nome **KHALIFA**.

Alguns dias depois, **DUDA MENDONÇA** fala para **PALOCCI** que a transferência foi feita e ainda faz uma brincadeira, dizendo: "o cara lá é firme hein, fez a transferência rapidinho".

O caminho do dinheiro pode ser rastreado a partir da entrada de US\$ 1 milhão de

dólares na conta de **DUDA MENDONÇA** na Suíça, no ano de 2002, conta esta já mencionada em outros procedimentos de colaboração premiada. Posteriormente, no ano de 2005, **LULA** foi à Líbia, em um encontro oficial, mas com a pretensão de agradecer a **KADAFI** e estreitar relações com o ditador, com vistas às eleições de 2006.

Por sua importante participação no esquema da doação em 2002, **ANTONIO PALOCCI** iria junto, tendo chegado a tirar o visto para a entrada na Líbia, mas, em virtude de outros compromissos, acabou não viajando. Fato é que, também no ano de 2005, quando do escândalo do "mensalão", **DUDA MENDONÇA** presta um depoimento comprometedor à CPI, ao fazer referência a "caixa dois" na campanha presidencial de 2002, contudo, sem revelar detalhes mais obscuros.

Além disso, dois dias depois do depoimento, **DUDA** procura **PALOCCI**, às 03h00min da madrugada, na casa oficial do Ministro da Fazenda em Brasília/DF, chorando e dizendo que estava se sentindo abandonado, dizendo ainda que estava querendo "entregar tudo".

PALOCCI reporta o ocorrido a **LULA**, o qual marca um encontro com urgência, encontro este que se realiza no Escritório da Aeronáutica da Base Aérea de Brasília. **LULA** fica extremamente preocupado e diz para **PALOCCI** que tem que dar um jeito de "calar a boca" do **DUDA** para ele parar de falar besteira. Muito embora **DUDA** não tivesse conhecimento da origem do dinheiro de **KADAFI**, a simples entrega dos dados da conta na Suíça poderia fazer um grande estrago.

LULA diz, então, que vai tentar uma ajuda financeira com **EMÍLIO ODEBRECHT**. Em nova conversa, **LULA** fala para **PALOCCI** ir conversar com **PEDRO NOVIS**, pois combinou com **EMÍLIO ODEBRECHT** um repasse de dinheiro para **DUDA MENDONÇA**. Nem **LULA** e nem **PALOCCI** explicaram a **EMÍLIO** e **NOVIS** a real finalidade do repasse, apenas sugerindo que tinham uma dívida a ser quitada com **DUDA**.

PALOCCI combinou com **PEDRO NOVIS** o repasse de R\$ 15 milhões de reais para **DUDA MENDONÇA**, através de operações no exterior, valor que foi transferido para a conta de **DUDA MENDONÇA** na Suíça. A **ODEBRECHT** fez o repasse como pagamento por atos de ofício praticados em benefício da empresa.

Por fim, vale dizer que, no ano de 2007, **LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA** solicitou que **ANTONIO PALOCCI** fosse até a **ODEBRECHT** para demandar à empresa o repasse de vantagens indevidas ao ex-presidente, as quais teriam como razão de ser as obras da **ODEBRECHT** na Líbia. Em verdade, **LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA** tinha sido responsável por obter para a **ODEBRECHT** diversas obras no país de **KADAFI**, de modo que agora, em razão do seu ato de ofício, ele queria cobrar da empresa as vantagens indevidas por sua conduta presidencial. É de se destacar que **LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA** tratou do tema diretamente com **KADAFI** e seus assessores, defendendo, na qualidade de Presidente da República, a entrada da **ODEBRECHT** na Líbia. Assim sendo, no ano de 2007, **LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA** incumbiu **ANTONIO PALOCCI** de ir até a **ODEBRECHT** para cobrar "a conta" em razão dos atos realizados em favor da empresa.

Nesse contexto, **ANTONIO PALOCCI** foi até a **ODEBRECHT** e explicou para **MARCELO ODEBRECHT** o pedido de **LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA**. **MARCELO ODEBRECHT** disse que assentia em realizar o pagamento das vantagens indevidas, mas que, para tanto, precisava que **LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA** conversasse com **KADAFI** para que ele aumentasse a margem de lucro da **ODEBRECHT** em seus contratos na Líbia. **ANTONIO PALOCCI** disse que ia conversar com **LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA** sobre o tema e tentaria ajudar a empresa. Fato é que **LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA** entrevistou diretamente com **KADAFI** e seus assessores e a margem de lucro da **ODEBRECHT** em seus contratos na Líbia foi aumentada. Dessa forma, a **ODEBRECHT** disponibilizou para o **LULA** e o **PARTIDO DOS TRABALHADORES** a quantia de R\$ 15 milhões em vantagens indevidas oriundas de tais contratos. Vale dizer que tais valores chegaram aos seus destinatários da seguinte forma: a **ODEBRECHT** recebia do governo líbio os seus pagamentos, esses valores eram repassados para uma conta do operador **PAULO PRETO** na Suíça. Em seguida, **ADIR ASSAD** realizava uma operação de dólar cabo com **PAULO**

PRETO e disponibilizava tais valores em espécie no Brasil para a **ODEBRECHT**, os quais eram retirados por **ANTONIO PALOCCI** e **BRANISLAV KONTIC** junto à empresa.

- III -

BANCO SAFRA E REPASSES PARA LULA

O **BANCO SAFRA** sempre foi muito próximo de **LULA** e de **PALOCCI**, de forma que sempre teve “facilidade” para resolver suas questões com o governo, repassando as quantias que lhe eram solicitadas, das mais variadas maneiras.

PALOCCI tinha “carta branca” buscar recursos (dinheiro) com o **SAFRA** sempre que ele ou **LULA** precisassem. De forma a bem esclarecer, todos os repasses do **SAFRA** à **CONSULTORIA PROJETO** visavam remunerar **PALOCCI** pelos “favores” prestados junto ao governo. Um dos casos em que **LULA** atendeu o **BANCOSAFRA**, foi no pedido que beneficiou a empresa francesa **CASINO**.

Conforme descrito no anexo referente à situação conflituosa “**CASINO X ABÍLIO DINIZ**”, o **CASINO** se comprometeu a repassar 30 milhões de euros a **LULA** e ao **PT**, caso **LULA** atuasse junto ao Governo (**DILMA**) e ao **BNDES** (**LUCIANO COUTINHO**) para dificultar a “atuação” de **ABÍLIO**, o que efetivamente foi feito. Os repasses foram realizados das mais variadas formas, sobretudo em virtude do expressivo montante que ficou acertado. A operação ficou a cargo do **BANCO SAFRA**, até mesmo porque foi **JOSEPH SAFRA** quem intermediou o contato entre **JEAN-CHARLES**, Presidente do **CASINO**, e **LULA**, em um jantar do qual também participou **CLARA ANT. PALOCCI** não participou do jantar, tendo em vista que representava os interesses de **ABÍLIO**. Não obstante, **LULA** lhe relatou tudo, pois ele teria um papel muito importante: “segurar” **ABÍLIO** no que fosse possível.

Neste caso do **CASINO**, após a realização dos atos inegavelmente favoráveis, os repasses da propina começaram a ser realizados, sendo que, em virtude do expressivo montante, foi necessária a diluição temporal. Os valores ficaram alocados no **SAFRA**, provavelmente na filial da Suíça, em nome do próprio **JOSEPH SAFRA**. Tanto é assim que **JOSEPH SAFRA** convidou **PALOCCI** para ser Conselheiro do banco na Suíça. O **PT** recebeu através de doações oficiais e por meio de “caixa dois”. **LULA** recebeu através do **INSTITUTO LULA** e pessoalmente em espécie (‘cash’). Aqui é que entra **ANTONIO PALOCCI**, pois foi ele quem pessoalmente foi ao **BANCO SAFRA** solicitar os repasses para o **INSTITUTO LULA**, bem como “recolher” os valores para serem entregues diretamente a **LULA**. Vale ressaltar que o **SAFRA** já repassava valores em espécie para **LULA** e **PALOCCI** que faziam as retiradas no referido banco já no final do governo **LULA**, como “agradecimento” por favores anteriores ao **CASINO**.

A atuação pessoal de **PALOCCI** explica-se, pois, nem **SAFRA** e nem **LULA** se sentiriam à vontade de entregar/receber dinheiro em ‘cash’ por intermédio de operadores. Assim é que, por volta de cinco vezes, **ANTONIO PALOCCI** esteve no **BANCO SAFRA** para retirar dinheiro em espécie para repassar pessoalmente a **LULA**, montantes variáveis entre R\$ 20 e R\$ 100 mil reais, conforme era demandado por **LULA**.

O Colaborador se recorda que, em uma das oportunidades, **JOSÉ SAFRA** entregou o dinheiro dentro de uma caixa de lenços *hermés*, a qual tem guardada até hoje. A maioria das entregas para **LULA** aconteceu no próprio **INSTITUTO LULA**, mas duas entregas foram peculiares e em locais distintos do **INSTITUTO**.

Na primeira destas oportunidades, **ANTONIO PALOCCI** repassou o dinheiro para **LULA** na sala presidencial dentro do terminal da aeronáutica do Aeroporto de Brasília, em uma caixa de celular, valor que era de R\$ 50 mil reais. Esta entrega aconteceu no final de 2010, provavelmente no mês de outubro.

Na segunda oportunidade, **PALOCCI** entregou dinheiro no interior do avião

presidencial no Aeroporto em Congonhas, sendo que o dinheiro se encontrava dentro de uma caixa de uísque, ao que se recorda R\$ 50 mil reais, também no ano de 2010, provavelmente em novembro/dezembro de 2010. As demais entregas pessoais (PALOCCI/LULA) foram realizadas no **INSTITUTO LULA**. Em todas as oportunidades, foram feitas inúmeras ligações para **LULA**, a fim de combinar horários e locais.

Nas ligações, **LULA** sempre utilizava o celular de um "ajudante de ordem", sobretudo **MORAES**. Registro importante é que os deslocamentos de **PALOCCI** sempre foram realizados por seus motoristas, tanto em São Paulo/SP, quanto em Brasília, pois **PALOCCI** não dirigia, sendo que tais motoristas podem corroborar certos detalhes destes deslocamentos até o **SAFRA**, aos aeroportos e ao **INSTITUTO LULA**. Estes motoristas testemunharam os diversos encontros de **PALOCCI**.

- IV -
**RELAÇÃO DE FAVORECIMENTO À ODEBRECHT, OS R\$ 300 MILHÕES
E A MESADA EM 'CASH'**

Conforme consta de anexos específico, o governo **LULA** sempre teve um esquema de favorecimento à **ODEBRECHT**, através da prática de inúmeros atos de ofício, amplamente remunerados. Em razão deste "íntimo" relacionamento, o fim do segundo governo **LULA** gerou muita ansiedade na **ODEBRECHT**, haja vista as incertezas que o vindouro governo de **DILMA ROUSSEFF** representava.

Assim, ainda em 2010, com a vitória da **DILMA ROUSSEFF** para a presidência, **EMILIO ODEBRECHT** realiza uma reunião com **LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA**.

No encontro, **EMÍLIO ODEBRECHT** se demonstra muito preocupado com o desgaste que teve com a então Ministra **DILMA ROUSSEFF** por causa de alguns projetos da **ODEBRECHT** na área de energia, especificamente envolvendo as usinas de Santo Antônio e de Jirau. Na verdade, houve muito desgaste entre a empresa e o governo no que tange ao preço de referência das obras. Com receio de, por conta disto, ser prejudicado com a assunção de **DILMA ROUSSEFF** à Presidência da República, **EMILIO ODEBRECHT** vai até **LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA** para pedir que este interceda para que **DILMA ROUSSEFF** continue a "parceria" com a **ODEBRECHT**.

Para tanto, **EMILIO ODEBRECHT** informa na reunião para **LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA** que a empresa teria reservado R\$ 300 milhões em vantagens indevidas para o presidente, mas que **LULA** tinha que o ajudar a resolver eventuais impasses que viessem a surgir com **DILMA ROUSSEFF**. Além disso, **EMÍLIO** se colocou à disposição para "ajudar" **LULA** em tudo que este precisasse nesta fase pós-governo. **LULA** garante a **EMÍLIO** que a **ODEBRECHT** receberá no governo **DILMA** o mesmo tratamento que sempre teve.

A verdade é que a **ODEBRECHT** sempre foi uma fonte inesgotável de dinheiro para **LULA** e para o **PT**. Assim é que a **ODEBRECHT** foi uma das principais "financiadoras" do **INSTITUTO LULA** e do próprio **LULA**, não só por meio de repasses oficiais, mas por dinheiro em 'cash', sendo que os repasses em espécie foram operados por **ANTONIO PALOCCI**.

Quando o ex-presidente **LULA** deixou o segundo mandato em 2010, pediu que **ANTONIO PALOCCI** procurasse **PAULO OKAMOTO** para discutir e ajudar na sustentação do **INSTITUTO**. Entenda-se "instituto", neste caso, como a sede e o "trabalho político" do ex-presidente, retomado sob o nome **INSTITUTO LULA**, antigo **INSTITUTO CIDADANIA**.

O Colaborador procurou **PAULO OKAMOTO** e sugeriu que o modelo de financiamento do Instituto fosse copiado do modelo do **INSTITUTO FHC**, por dois motivos: primeiro porque era um modelo de aparência adequada e economicamente razoável; segundo porque dificilmente uma ação investigativa se abateria ao mesmo tempo sobre as figuras de **LULA** e **FERNANDO HENRIQUE**, por serem polos opostos da política, de maneira que um instituto protegeria o outro e vice-versa.

A ideia foi totalmente rechaçada por **OKAMOTO**, que, ao invés disso, pediu que **ANTONIO PALOCCI** ajudasse a buscar colaboradores formais e informais para o instituto, pois precisariam de ambos. **OKAMOTO** ressaltou que seria muito importante levantar valores em 'cash'.

Dizia **OKAMOTO** que existiam despesas, principalmente as pessoais de **LULA**, grandes ou pequenas, que não teriam como ser contabilizadas como despesas do instituto, sob pena de gerar uma série de problemas legais. Era indispensável, na visão de **OKAMOTO**, estruturar uma contabilidade paralela para as despesas gerais, o que beneficiaria não apenas o Instituto, mas pessoalmente **LULA**, o qual não precisaria usar o dinheiro recebido da empresa de palestras **LILS** para tais despesas, reservando o montante para formar patrimônio aparentemente "lícito".

Assim, **ANTONIO PALOCCI** sempre atuou na busca de repasses para o **INSTITUTO LULA**, o que se dava quase que na totalidade perante as empresas que já tinham recebido "favores" perante o governo, bem como perante aquelas que estavam almejando tais favores. Muitos dos repasses eram travestidos de doações formais, mas, paralelamente, **PALOCCI** conseguiu montar uma operação mensal de repasses clandestinos em 'cash' com a **ODEBRECHT** (a exemplo do que também ocorreu com o **BANCO SAFRA**). Por tudo que **LULA** fez pela **ODEBRECHT**, este tinha um bom valor para receber da **ODEBRECHT**, remuneração por todos os atos de ofício praticados, o que chegou a ser contabilizado pela empresa na denominada "conta amigo". A operação foi pensada e estruturada por **ANTONIO PALOCCI** e **BRANISLAV KONTIC**.

Estes valores foram fixados em R\$ 100 mil reais por mês. Isso aconteceu até meados de 2015, ou seja, por mais de quatro anos, parando apenas quando, com a evolução da Lava Jato, o Colaborador passou a ter dificuldades de providenciar recursos em 'cash', razão pela qual cessou o ilícito. **PALOCCI** atuou como o operador desta propina.

No meio deste período, por volta do início de 2013, **LULA** irritou-se com o financiamento do instituto e de suas despesas, achando que estava tudo muito desorganizado e que poderia dar problema com as autoridades, razão pela qual chamou **ANTONIO PALOCCI** para que este apresentasse uma proposta de novo formato. Nesta oportunidade, o Colaborador apresentou por escrito a mesma proposta apresentada em 2011 para **PAULO OKAMOTO**, que era, basicamente, similar ao projeto do **INSTITUTO FHC**. O Colaborador preferiu elaborar similar ao invés de idêntico, para evitar o fator "preconceito", que era enorme à volta de **LULA**. Esta proposta foi enviada para **CLARA ANT**, **OKAMOTO** e entregue nas mãos do próprio **LULA**, sendo que este falou que marcaria uma reunião para discutir a proposta com a diretoria do instituto. Tal reunião jamais chegou a ocorrer, tendo a vida financeira do instituto voltado ao normal, entendendo-se por normal o financiamento misto, legal e ilegal, sempre com a colaboração de **ANTONIO PALOCCI**, não sabendo o Colaborador o que ocorreu após meados de 2015, quando não teve mais sucesso na busca de recursos em 'cash'.

Sobre a origem dos recursos em 'cash', a quase totalidade veio da empresa **ODEBRECHT**, por solicitação do colaborador a **MARCELO**, o qual, em geral, sabia o destino do recurso. Quem operacionalizava a retirada e a entrega dos R\$ 100 mil reais mensais era **BRANISLAV**, sob as ordens de **PALOCCI**, embora, várias vezes o Colaborador propôs a **BRANISLAV** colocar **OKAMOTO** em contato direto com a equipe operacional da **ODEBRECHT**, pois não havia motivos para a intermediação.

BRANISLAV informou **PALOCCI** que assim havia procedido e que, vez ou outra, o próprio **OKAMOTO** operacionalizava o recurso, mas este preferia o método via **BRANISLAV**, para não se expor. Por vezes, **BRANISLAV** pegava quantias maiores, por volta de R\$ 300 mil reais, para não ter que ficar retornando à **ODEBRECHT**, mas levava de cem em cem mil para **OKAMOTO**, guardando em sua casa o restante. Em uma oportunidade, a casa de **BRANISLAV** foi assaltada e parte do dinheiro foi levado, o que preocupou **BRANISLAV**, passando então a entregar tudo de uma vez só.

Composição do Saque	R\$
LULA	8.000
MORAES	2.000
Outros	9.000

Como o Colaborador gerenciava a propina recebida da **ODEBRECHT**, de forma que, para atender certas demandas "emergenciais" de **LULA**, fazia depósitos para pessoas indicadas por **LULA**. Era **BRANISLAV** quem fazia os depósitos.

Em 2015, **LULA** fez uma ligação para **PALOCCI** perguntando sobre um depósito que não havia sido feito, entre os diversos que solicitava ao Colaborador. Esta situação ocorreu em uma manhã, sendo que a ligação foi feita através do telefone do assessor **MORAES**.

No caso se tratava de um depósito de R\$ 3 mil reais feito a pedido de **LULA** para uma "pessoa de sua confiança", sendo que foram feitos diversos depósitos para esta mesma pessoa por mais de um ano. Os depósitos eram feitos dentro do limite de R\$ 3 mil reais, para que não fosse necessário registrar o depositante. Quem fazia os depósitos era **BRANISLAV**, a pedido do Colaborador. A ligação mencionada foi recebida no telefone residencial do Colaborador ou no celular apreendido pela Polícia Federal.

- V -

OUTROS REPASSES ILÍCITOS PARA O INSTITUTO

No início do ano de 2014, **PAULO OKAMOTO** procurou **ANTONIO PALOCCI** para que este "ajudasse" o **INSTITUTO LULA** a obter recursos para realizar o pagamento de algumas dívidas que estavam em aberto. O encontro ocorreu na sede do **INSTITUTO LULA**, na sala ocupada pelo ex-presidente **LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA**, na qual o mesmo estava presente e ciente do que seria discutido no encontro. **PAULO OKAMOTO** disse a **ANTONIO PALOCCI** que precisaria de um valor de R\$ 4 ou 5 milhões de reais para pagar as dívidas do **INSTITUTO LULA** e pediu que **ANTONIO PALOCCI** obtivesse o recurso junto a alguma empresa parceira do Governo Federal. **ANTONIO PALOCCI** disse para **PAULO OKAMOTO** que iria proceder conforme solicitado e que, na sequência iria até a **ODEBRECHT** para obter mais recursos, além dos valores que eram repassados mensalmente em 'cash'.

Em seguida, **ANTONIO PALOCCI** foi até a **ODEBRECHT** e lá, conversando com **MARCELO ODEBRECHT**, solicitou os valores para o pagamento das despesas do **INSTITUTO LULA**.

MARCELO ODEBRECHT se comprometeu a repassar o valor de R\$ 4 milhões de reais ao **INSTITUTO LULA**, descontando tal montante da conta corrente que a empresa possuía com o **PARTIDO DOS TRABALHADORES** como contrapartida aos atos de ofício realizados pelo Governo Federal em favor da **ODEBRECHT**. Depois da reunião, **ANTONIO PALOCCI** informou a **PAULO OKAMOTO** que tinha obtido os valores e que pediria a **BRANISLAV KONTIC** para operacionalizar junto à empresa os repasses para o **INSTITUTO LULA**. Fato é que os R\$ 4 milhões foram repassados em espécie ao **INSTITUTO LULA**, constando tal informação nas planilhas da **ODEBRECHT**.

Em oportunidade anterior, mas que também teve a atuação de **PALOCCI**, no ano de 2012, **ANTONIO PALOCCI** foi também convocado a obter recursos para o **INSTITUTO LULA**. Neste ano, **PAULO OKAMOTO** se encontrou com **ANTONIO PALOCCI** e disse que o **INSTITUTO LULA** estava tendo dificuldades em obter uma doação expressiva do **BANCO SAFRA**. De acordo com **PAULO OKAMOTO** a assessora de **LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA**, **CLARA ANT**, tinha entrado em contato com o **BANCO SAFRA**, mas a doação que o **SAFRA** ofereceu para **CLARA** foi muito pequena (R\$ 100 mil reais).

Por tal razão, **PAULOOKAMOTO** queria que **ANTONIO PALOCCI** entrasse em contato com **JOSEPH SAFRA** para obter uma doação mais expressiva, até porque o Governo Federal já tinha “feito muito” pelo **BANCOSAFRA**. Diante da solicitação de **PAULO OKAMOTO**, **ANTONIO PALOCCI** foi até a sede do **BANCO SAFRA**, em São Paulo/SP, para conversar com **JOSEPH SAFRA**. No encontro, **ANTONIO PALOCCI** pediu uma doação mais expressiva para o **INSTITUTO LULA**, o que foi prontamente aceito por **JOSEPH SAFRA** o qual, por causa das ações realizadas em seu favor pelo Governo Federal e pelo **PARTIDO DOS TRABALHADORES**, repassou R\$ 1 milhão de reais para o **INSTITUTO LULA**.

Também no ano de 2012, **PAULO OKAMOTO** indagou a **ANTONIO PALOCCI** se ele não poderia ir conversar com **MURILO FERREIRA** para obter da **VALE DO RIO DOCE** uma doação para o **INSTITUTO LULA**. **ANTONIO PALOCCI** disse que poderia sim ir conversar com o presidente da companhia e obter uma doação. Então, dias mais tarde, **ANTONIO PALOCCI** se encontrou com **MURILO FERREIRA** e obteve um aporte para o **INSTITUTO LULA**. Apesar da conversa ter sido relativamente formal, era evidente que a doação só foi realizada pela **VALE DO RIO DOCE** porque **ANTONIO PALOCCI** favoreceu os interesses da empresa junto ao Governo Federal em outras oportunidades, conforme narrado em anexo específico. A operacionalização de tal pagamento ficou a encargo de **PAULO OKAMOTO**.

Por fim, no ano de 2013, **LULA** recebeu inúmeras visitas de **JOESLEY BATISTA**, o qual pretendia apoio de **LULA** em uma situação envolvendo relações comerciais entre a **JBS** e a Venezuela. **JOESLEY** estava com dificuldades em receber, pois a Venezuela estava sem dólar. Assim, sem avisar, o próprio **JOESLEY** aparece com uma mala contendo R\$100 mil reais no **INSTITUTO LULA**. **LULA** fala para **JOESLEY** que “essas coisas” tem que combinar com o **PALOCCI**. Então, **JOESLEY** fala com **PALOCCI**, o qual por sua vez indica **OKAMOTO** para operacionalizar o recebimento. **PALOCCI** avisa **PAULOOKAMOTO** que **JOESLEY** vai lhe entregar “uns documentos” no instituto e a entrega é realizada.

- VI -

INSTITUTO LULA E APARTAMENTO

No final do seu governo, **LULA** decidiu criar o **INSTITUTO LULA**, com o escopo de servir como uma espécie de galeria de memória para arquivar o acervo pessoal e os presentes recebidos durante o governo, dentre outras finalidades. Para tanto, **LULA** acionou três pessoas muito próximas: **PAULO OKAMOTO**, **JOSÉ CARLOS BUMLAI** e **ROBERTO TEXEIRA**. Assim, o início dos trabalhos foi procurar um lugar para servir de sede do **INSTITUTO LULA**. Foi encontrado um local que atendia às exigências do ex-presidente (Rua Haberbeck Brandão, 178, São Paulo/SP), porém o imóvel estava embaraçado com litígios internos da família proprietária, envolvendo direito sucessório, de modo que foi necessário dispendir um total de R\$ 12.422.000,00 para comprar o terreno e desenrolar a situação. A fonte pagadora do prédio onde funcionaria o **INSTITUTO LULA** era a **ODEBRECHT**. A empresa aceitou custear a obra por dois motivos: primeiro, a inegável influência de **LULA** sobre a recém-eleita presidente **DILMA ROUSSEF**; e, segundo, a possibilidade de **LULA** voltar a ser Presidente da República.

Enfim, a **ODEBRECHT** resolveu aportar os recursos necessários para a compra do imóvel, mas não quis aparecer ostensivamente na operação. Para tanto, **MARCELO ODEBRECHT** valeu-se da **DAG CONSTRUTORA**, como interposta pessoa para operacionalizar a transação. Na globalidade da operação, a **ODEBRECHT** aportou o total de R\$ 12.422.000,00, valor que foi utilizado para a aquisição do terreno e manutenção do mesmo durante os anos de 2010, 2011 e 2012. Esse valor foi descontado da “conta corrente” que a empresa possuía em favor do **PARTIDO DOS TRABALHADORES** como contrapartida aos atos de ofício realizados no âmbito do Governo Federal em favor da empresa.

Além disso, parte desse valor total de R\$ 12.422.000,00 foi também utilizado para a aquisição de um apartamento em São Bernardo do Campo para o ex-presidente **LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA**. A operação se estruturou da seguinte forma: do valor de R\$ 12.422.000,00, foram repassados R\$ 800 mil reais para **GLAUCOS DA COSTAMARQUES**, primo de **JOSÉ CARLOS BUMLAI**. R\$ 176.408,00 ficaram de posse de **GLAUCOS** como compensação financeira por participar da operação de lavagem. Em seguida, R\$ 119.592,00 foram aproveitados por **GLAUCOS** para a quitação de tributos relativos ao terreno que poderia ser utilizado como sede do **INSTITUTO LULA**. E, por fim, R\$ 504.000,00 foram utilizados por **GLAUCOS** para a aquisição de um apartamento em São Bernardo do Campo, o qual seria destinado para **LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA**.

Por evidente, o saldo de toda essa operação foi descontado da conta corrente que a **ODEBRECHT** possuía com o **PARTIDO DOS TRABALHADORES**. Além disso, tais fatos não se passaram alheios ao conhecimento de **LULA**, muito pelo contrário: como beneficiário final de todo o esquema, **LULA** não só anulou, como, depois, deu-se por satisfeito e aceitou tanto o apartamento, quanto o **INSTITUTO**. No entanto, depois de consumada a compra tanto do terreno, quanto do apartamento, **LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA** começou a se preocupar com a maneira através da qual a operação restou estruturada, sobretudo no que dizia respeito ao terreno destinado ao **INSTITUTO LULA**. Em verdade, tal preocupação surgiu após matéria publicada na Revista Veja com informações parciais sobre a operação de compra de tal terreno. Nesse contexto, no ano de 2012, **LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA** chama **ANTONIOPALOCCHI** para conversar sobre a compra do terreno para o **INSTITUTO LULA**. No encontro, **LULA** se demonstrou preocupado com a "operação" de compra e queria saber a opinião de **ANTONIO PALOCCI**. **ANTONIO PALOCCI** disse que a operação da forma como foi estruturada chamaria muito a atenção e seria muito arriscada. **LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA** se convence de que a operação está mal estruturada e pede que **ANTONIO PALOCCI** se reúna com ele uma vez mais, em sua casa em São Bernardo do Campo, para convencer **MARISA LETÍCIA** de que a operação não estava bem montada e de que o negócio não poderia mais ir para frente. **ANTONIO PALOCCI** se encontra então na casa de **LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA**, junto com **MARISA LETÍCIA**, **BUMLAI**, **ROBERTOTEIXEIRA** e **PAULO OKAMOTO**. No encontro, **ROBERTO TEIXEIRA** e **BUMLAI** brigam com **ANTONIOPALOCCHI** dizendo que a operação estava bem montada. De toda forma, no final da reunião, **ANTONIO PALOCCI** consegue convencer todos que a compra do terreno era muito arriscada e que eles deveriam abandonar a ideia sob pena de chamar a atenção das autoridades.

Tempos mais tarde, **LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA** chamou **ANTONIO PALOCCI** e pediu que este fizesse um projeto de financiamento para o **INSTITUTO LULA**. **ANTONIO PALOCCI** chega a confeccionar um projeto de financiamento. No projeto listou 30 empresas que poderiam realizar a doação para o fundo do instituto.

- VII - TRIPLEX E SÍTIO

MARISA LETÍCIA e **LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA** adquiriram no ano de 2005 um apartamento no edifício **SOLARIS**, na praia do Guarujá/SP. Depois da aquisição, surgiu a possibilidade de o casal trocar a unidade 141-A por um apartamento melhor no mesmo edifício, um triplex. A ideia foi aceita tanto por **MARISA LETÍCIA**, quanto por **LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA** e o pagamento da nova unidade ficou a cargo da construtora **OAS**, como contrapartida aos atos realizados em favor da construtora pelo Governo Federal e pelo **PARTIDO DOS TRABALHADORES**. Dessa forma, a **OAS** desembolsou um total de R\$ 2.424.990,00 para custear a troca de unidade, sendo que, desse total, R\$ 1.147.780,00 foram pagos pela aquisição do triplex, R\$ 926.228,00 foram desembolsados para a reforma do apartamento e R\$ 350.991,00 foram gastos para realizar a decoração do apartamento.

Sublinhe-se que o ex-presidente **LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA**, em conversas realizadas com **ANTONIO PALOCCI**, sempre deixou claro que o apartamento seria destinado à sua pessoa e que tinha conhecimento do fato de que a empresa **OAS** custeou toda a aquisição e reforma da unidade como contrapartida aos atos de governo realizados em seu favor tanto por **LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA**, quanto pelo **PARTIDO DOS TRABALHADORES**.

Apesar de sempre ter tido a vontade de ser proprietário de um sítio, **LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA** afirmava a **ANTONIO PALOCCI** que a sua biografia não permitia que ele adquirisse tal gênero de imóvel. Foi então que surgiu a ideia de obter uma propriedade com tais características no nome de interpostas pessoas ao ex-presidente **LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA**. Nesse contexto, foram adquiridos com o auxílio de **ROBERTO TEXEIRA** dois imóveis. De um lado, o Sítio **SANTA DENISE**, que estava formalmente no nome de **FERNANDO BITTAR**. De outro lado, o Sítio **SANTABARBARA**, que por sua vez pertencia formalmente a **JONAS LEITE SUASSUNA**. Apesar de os imóveis estarem no nome de terceiros, o seu real proprietário sempre foi **LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA**.

Sublinhe-se que por diversas vezes **ANTONIO PALOCCI** foi, inclusive, convidado por **LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA** para visitar a propriedade. Além disso, é de conhecimento de **ANTONIO PALOCCI** que as reformas do Sítio visando adequá-lo às necessidades de **LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA** foram custeadas pelas empresas **OAS**, **ODEBRECHT** e pela pessoa de **JOSÉ CARLOS BUMLAI** como contrapartida aos atos de Governo realizados em prol de tais pessoas por **LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA**. Nesse contexto, foram pagos em reformas e em aquisição de móveis para o Sítio os seguintes valores: a) R\$ 150.500,00, pagos por **JOSÉ CARLOS BUMLAI**; b) R\$ 700.000,00, pagos pela **ODEBRECHT**, por intermédio de **EMILIO ODEBRECHT** e **ALEXANDRINOALENCAR**; c) R\$ 170.000,00, pagos pela **OAS**, através de **LEO PINHEIRO**.

–VIII–

REPASSES PARA O FILME DE LULA

ROBERTO D'AVILA era o responsável pelas questões pertinentes ao financiamento e à promoção do filme "*Lula o filho do Brasil*". Quando **D'AVILA** percebeu que faltaria dinheiro para concluir o projeto, procurou **ANTONIOPALOCCI**, por indicação de **LULA**, pedindo que este ajudasse na arrecadação de repasses perante as grandes empresas que mantinham relação com o Governo do **PARTIDO DOS TRABALHADORES**, afim de que estas custeassem o projeto. **D'AVILA** fez questão de esclarecer que as empresas que não quisessem aparecer ostensivamente como patrocinadoras do filme, poderiam ficar ocultas. Atendendo ao pleito de **D'AVILA**, **ANTONIO PALOCCI** pediu dinheiro para seis empresas (**HIUNDAY/CAOA**, **SOUZA CRUZ**, **CAMARGO CORRÊA**, **JBS**, **OAS**, **ODEBRECHT**). Ao que se recorda, conseguiu levantar o valor total de R\$ 5 milhões de reais para a continuação das gravações do filme.

Elementos de Corroboração:

- a) DEPOIMENTOS motoristas de **ANTONIO PALOCCI**;
- b) Bilhetagem telefônica **ANTONIO PALOCCI** e **LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA**;
- c) Documentação PROJETO (contratos de consultoria e notas fiscais);
- d) Doações oficiais para o INSTITUTO LULA;
- e) Doações para o Filme de LULA;
- f) Depoimentos **MARCELO ODEBRECHT**;
- g) Planilha Plano Italiano **ODEBRECHT**;

ANEXO 03

DILMA, AMBEV E O NÃO AUMENTO DE PIS/COFINS

Síntese

Ato ilícito

Interferência de PALOCCI, GILES AZEVEDO e DILMA ROUSSEFF para evitar o aumento (base de cálculo e/ou alíquota) de PIS/COFINS incidente sobre bebidas alcóolicas.

Vantagem indevida

Repasse de vantagens indevidas a PALOCCI através de pagamentos à PROJETO. Repasse de R\$ 6 milhões em doação para a campanha de DILMA em 2014.

A AMBEV, por intermédio de VICTÓRIO CARLOS DE MARCHI e PEDRO DE ABREU MARIANI, contratou ANTONIO PALOCCI com a finalidade específica de que este intercedesse junto ao Governo Federal, seja como Deputado Federal, Ministro da Casa Civil ou como prócere do PARTIDO DOS TRABALHADORES, no sentido de impedir ou atrasar o aumento do PIS/COFINS incidente sobre bebidas alcóolicas. Nesse contexto, três foram os atos realizados para favorecer a empresa, os quais tiveram como contrapartida pagamentos indevidos à PROJETO CONSULTORIA, à LILS e à campanha presidencial de 2014.

O primeiro ocorreu em 2010. Nesta data, seguindo solicitação da AMBEV, ANTONIO PALOCCI, à época Deputado Federal, intercedeu junto ao presidente LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA para impedir que o imposto PIS/COFINS fosse aumentado naquele ano para as bebidas alcóolicas. ANTONIO PALOCCI disse ao presidente que a medida, além de ser bem vista pelo setor, poderia gerar o pagamento de vantagens indevidas para LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA. Após a conversa, LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA aprovou o pedido de ANTONIO PALOCCI e disse que não iria realizar o aumento do PIS/COFINS em 2010, mesmo diante do fato de que o decreto já estava em sua mesa para ser assinado, o que efetivamente foi cumprido pelo então presidente. Em contrapartida, ANTONIO PALOCCI recebeu vantagens indevidas da AMBEV por intermédio de um contrato de consultoria firmado com a empresa, enquanto que LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA recebeu R\$ 350.113,99 mil reais da empresa por intermédio de um depósito na LILS.

O segundo ato ocorreu em 2013, quando ANTONIO PALOCCI intercedeu junto à DILMA ROUSSEFF para que o aumento do PIS/COFINS fosse realizado apenas no segundo semestre do ano e não no primeiro semestre como desejava o governo. Vale dizer que, efetivamente, o decreto aumentando referido imposto foi prolatado apenas em setembro de 2013, contrariamente aos demais anos nos quais tal decreto era sempre feito no primeiro semestre fiscal. Em contrapartida a sua ação, ANTONIO PALOCCI recebeu da AMBEV vantagens indevidas por intermédio de contratos de consultoria firmados entre a empresa e a PROJETO.

Por fim, o terceiro ato ocorreu em 2014. Em setembro de 2014, ANTONIO PALOCCI recebeu a informação de BRANISLAV KONTIC no sentido de que este tinha sido procurado pelo setor jurídico da empresa AMBEV, por intermédio de PEDRO DE ABREU MARIANI, o qual estava preocupado com um possível aumento do imposto PIS/COFINS em 2014. Na verdade, de acordo com a informação que tinha sido repassada pela empresa a BRANISLAV, esse aumento estava sendo preparado no Ministério da Fazenda e, na sequência, iria para o gabinete da presidência para ser decretado. Diante da informação, ANTONIO PALOCCI determinou para que BRANISLAV KONTIC fosse a Brasília/DF, para conversar com GILES AZEVEDO, então assessor especial da presidente DILMA ROUSSEFF, e verificar se a informação do aumento tributário procedia ou não. No encontro, GILES AZEVEDO confirmou o aumento do PIS/COFINS para as próximas semanas daquele mês. Diante disto, seguindo a orientação de ANTONIO PALOCCI, BRANISLAV KONTIC indagou a GILES AZEVEDO se o aumento poderia ser

	<p>evitado, vez que a AMBEV poderia – em contrapartida ao não aumento do PIS/COFINS – realizar o pagamento de vantagens indevidas ao Governo Federal, por intermédio de doações eleitorais para a campanha presidencial de DILMA ROUSSEFF daquele ano. GILES AZEVEDO se mostrou animado com a proposição e aceitou de imediato, dizendo que precisaria para tanto de uma doação de no mínimo R\$ 6 milhões de reais. Em seguida, GILES AZEVEDO disse ainda que iria conversar com DILMA ROUSSEFF sobre o tema, mas que, se a doação ocorresse, o imposto não iria aumentar.</p> <p>De volta a São Paulo, BRANISLAV KONTIC, sob a orientação de ANTONIO PALOCCI, procurou a empresa AMBEV e disse que o aumento do PIS/CONFINS realmente iria ocorrer, mas que ele poderia ser evitado pelo Governo Federal, sob a condição de que a empresa realizasse doações eleitorais para a campanha presidencial de 2014, no valor mínimo de R\$ 6 milhões de reais. Aquiescendo ao pedido, a AMBEV, por intermédio de JOÃO MAURÍCIO GIFFONI DE CASTRO NEVES e PEDRO DE ABREU MARIANI, realizou então repasses de R\$ 7,5 milhões de reais para a campanha de DILMA ROUSSEFF, dos quais R\$ 6 milhões representavam a contrapartida expressa ao ato de ofício realizado pelo Governo Federal para não aumentar o PIS/COFINS. ANTONIO PALOCCI recebeu sua parte das vantagens indevidas pagas pela empresa através do contrato que a AMBEV tinha com a PROJETO. A conversa sobre a doação para campanha em 2014 foi direta: <i>“pagando bem, o imposto não seria aumentado”</i>.</p>
<p>Elementos de Corroboração</p>	<ul style="list-style-type: none"> a) <i>Contrato de consultoria com a PROJETO;</i> b) <i>Entrada e saída da PROJETO;</i> c) <i>Histórico de aumentos de PIS/COFINS;</i> d) <i>Registro de entrada e saída do Palácio do Planalto;</i> e) <i>Notas e extratos bancários da PROJETO;</i> f) <i>Bihetagem telefônica</i>

ANEXO 04

OPERAÇÃO "CASTELO DE AREIA"

Sinopse

Ato Ilícito	Vantagem Indevida
<i>A atuação perante o então Presidente do Superior Tribunal de Justiça para que este concedesse a liminar no caso em tela, também influenciando seu posicionamento no julgamento de mérito do Habeas Corpus. Atuação perante o Desembargador Celso Limongi.</i>	<i>A promessa e o repasse fragmentado de 50 milhões de reais em vantagens indevidas, dissimulados em doações para a campanha presidencial do Partido dos Trabalhadores em 2010. O recebimento por Palocci de R\$ 1,5 milhões de reais em vantagens indevidas por sua atuação no caso. Além disso, mais R\$ 5 milhões para o Ministro CEZAR ASFOR ROCHA.</i>

A operação **CASTELO DE AREIA** tinha como objeto principal de investigação a empresa **CAMARGO CORRÊA** e os seus proprietários. Para defender os interesses dos investigados/processados foi contratado o escritório do advogado **MÁRCIO THOMAZ BASTOS**. Além da defesa técnica no processo, houve uma movimentação nos bastidores políticos/jurídicos visando obter a anulação da ação penal. Em um encontro realizado na casa ministerial da então candidata à presidência **DILMA ROUSSEF**, **MÁRCIO THOMAZ BASTOS** disse que a empresa **CAMARGO CORRÊA** iria doar o valor de R\$ 50 milhões para a campanha presidencial de 2010 em troca de uma ajuda do governo para "derrubar" a operação **CASTELO DE AREIA** no **SUPERIOR TRIBUNAL DE JUSTIÇA**. A ajuda que o governo iria dar consistia, sobretudo, em fomentar no ex-ministro **CESAR ASFOR ROCHA** a expectativa de ser o próximo ministro do **SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL**.

Em um segundo encontro com **MÁRCIO THOMAZ BASTOS**, **ANTONIO PALOCCI** disse que poderia ajudar, mas que achava muito difícil conseguir a nomeação de **CESAR ASFOR ROCHA** para o **SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL**. **ANTONIO PALOCCI** e **MÁRCIO THOMAZ BASTOS** sabiam que, na ausência de nomeação de **CESAR ASFOR ROCHA** para o **SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL**, a questão teria que ser resolvida com o então presidente do **SUPERIOR TRIBUNAL DE JUSTIÇA** em termos não republicanos.

Após essas conversas iniciais, **DILMA ROUSSEFF** pediu para **ANTONIO PALOCCI** acompanhá-la em uma reunião com **LUIZ NASCIMENTO**, um dos proprietários da **CAMARGO CORRÊA**, em Brasília/DF. Quando foi indagada por **ANTONIO PALOCCI** qual era o motivo do encontro, a então candidata à presidência disse que era para informar a **LUIZ NASCIMENTO** que a doação de campanha de R\$ 50 milhões da **CAMARGO CORRÊA** não poderia ser oficial, mas teria que ser via caixa dois, para não levantar suspeitas sobre o acordo firmado entre a empresa e o governo para anular a operação **CASTELO DE AREIA**. Quando soube do motivo da reunião, **ANTONIO PALOCCI** demoveu a ex-presidente do encontro, dizendo que não seria conveniente ela, em pessoa, tratar diretamente com **LUIZ NASCIMENTO** sobre tal assunto, razão pela qual a reunião foi feita apenas entre **ANTONIO PALOCCI** e **LUIZ NASCIMENTO**, sem a presença de **DILMA**. Como solução ao problema, ficou deliberado que a doação da empresa para a campanha de 2010 seria pulverizada entre diversos candidatos do **PARTIDO DOS TRABALHADORES**, os quais seriam indicados por **DILMA ROUSSEFF**. Em contrapartida, o Governo Federal iria realizar esforços junto ao **SUPERIOR TRIBUNAL DE JUSTIÇA** para anular a operação que envolvia a **CAMARGO CORRÊA**. Nesse contexto, **ANTONIO PALOCCI**, conforme será narrado em anexo específico, chegou a realizar jantares na casa do então Ministro do **SUPERIOR TRIBUNAL DE JUSTIÇA**, **CESAR ASFOR ROCHA** para dizer a este que apoiava a sua

candidatura para o **SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL**.

Fato é que, após iniciadas as conversas, em janeiro de 2010, o então presidente do **SUPERIOR TRIBUNAL DE JUSTIÇA**, ministro **CEZAR ASFOR ROCHA**, determinou em decisão concedida no plantão judiciário, a suspensão dos processos criminais e investigações referentes à operação **CASTELO DE AREIA**, até que fossem resolvidas as origens das provas que lastreavam o procedimento. A decisão foi prolatada no bojo do *Habeas Corpus* nº 159.159.

Após a decisão liminar, **MARCIO THOMAS BASTOS** voltou a conversar com **ANTONIO PALOCCI** dizendo que precisava da ajuda do governo para que a decisão fosse confirmada no mérito do *Habeas corpus* e, em seguida, a operação fosse anulada. Por conta do pedido, e em razão das promessas de doação para a campanha de 2010, **ANTONIO PALOCCI** foi por duas vezes conversar com o Desembargador convocado para o **SUPERIOR TRIBUNAL DE JUSTIÇA**, **CELSO LIMONGI**, o qual votaria no processo, para que este votasse no sentido de se anular a operação. O pedido foi aceito pelo desembargador convocado, o qual, efetivamente, votou pela concessão do *Habeas Corpus* pelo **SUPERIOR TRIBUNAL DE JUSTIÇA**.

Fato é que, por maioria de votos, no dia 05/04/2011, a operação **CASTELO DE AREIA** foi anulada pelo **SUPERIOR TRIBUNAL DE JUSTIÇA**.

Diante da ausência de indicação do Ministro **CEZAR ASFOR ROCHA** para o **SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL**, **ANTONIO PALOCCI** foi informado de que em troca da liminar concedida no *Habeas Corpus*, referido Ministro recebeu a quantia de R\$ 5 milhões em uma conta no exterior, na Suíça.

Dessa forma, em síntese, para obter a anulação da operação **CASTELO DE AREIA** no **SUPERIOR TRIBUNAL DE JUSTIÇA** as vantagens indevidas foram operacionalizadas em duas frentes. De um lado, por intermédio de doações de campanha da empresa **CAMARGO CORRÊA** para o **PARTIDO DOS TRABALHADORES**, num total aproximado de R\$ 50 milhões de reais. De outro lado, por via do pagamento de R\$ 5 milhões de reais no exterior para o Ministro **CEZAR ASFOR ROCHA**.

Nesse contexto, dois aspectos merecem ser destacados. A uma, a empresa **CAMARGO CORRÊA** nunca até então tinha tido uma aproximação com o **PARTIDO DOS TRABALHADORES** que justificasse uma doação tão expressiva como a que ocorreu na campanha de 2010. Pelo contrário, a empresa era conhecida como "amiga" do **PSDB** e não do **PT**. A duas, a decisão liminar concedida por **CEZAR ASFOR ROCHA** no bojo do *Habeas Corpus* nº 159.159 contraria claramente os precedentes de lavra do mesmo ministro em casos análogos ao da operação **CASTELO DE AREIA**, além de contrariar a posição do próprio **SUPERIOR TRIBUNAL DE JUSTIÇA** com relação a casos análogos.

Por fim, vale dizer que, por ter atuado no caso junto ao Governo e ao **SUPERIOR TRIBUNAL DE JUSTIÇA**, **ANTONIO PALOCCI**, na qualidade de Deputado Federal e também Ministro da Casa Civil, recebeu o valor de R\$ 1,5 milhões em vantagens indevidas pagas a sua pessoa pelo escritório de **MÁRCIO THOMAZ BASTOS**, por intermédio de contratos fictícios de consultoria firmados com a **PROJETO**,

Dados de
Corroboração

- a) Decisões e andamento do HC 159.159;
- b) Doações de campanha para candidatos indicados – R\$ 50 milhões;
- c) Contrato **PROJETO CONSULTORIA** com **MARCIO THOMAZ BASTO**;
- d) Notas fiscais **PROJETO**;
- e) Extrato bancário **PROJETO**;

ANEXO 05

CASINO X ABÍLIO DINIZ

E OS 30 MILHÕES DE EUROS PARA O PT E LULA

Síntese

Ato ilícito

De um lado, a atuação de Lula e Dilma para beneficiar a empresa francesa Casino, inviabilizando empréstimo do BNDES para o Pão de Açúcar. De outro lado, a atuação de Palocci para tentar beneficiar o Pão de Açúcar.

Vantagem Indevida

De um lado, a promessa e o repasse fragmentado de 30 milhões de euros para Lula e o PT, com a atuação de Palocci nos recebimentos. De outro lado, o recebimento por Palocci de R\$ 2 milhões de reais pagos por Abílio Diniz.

Em 2005, **ABÍLIO DINIZ** realizou um negócio de “salvamento” do **GRUPO PÃO DE AÇUCAR** com a empresa francesa **CASINO**, a qual fez um aporte substancial no **PÃO DE AÇUCAR**, ficando, por meio do acordo assinado, com o direito de assumir o controle acionário do **GPA** alguns anos depois, o que significaria a entrega do **PÃO DE AÇUCAR** para o grupo francês. Tal negociação acabou por envolver uma ampla atuação de favorecimentos políticos nos anos de 2011 e 2012. **PALOCCI** favoreceu **ABÍLIO DINIZ**. **LULA** e **DILMA** favoreceram o **GRUPO CASINO**.

1 – **ABÍLIO** e a aproximação do Governo:

Em 2010, o **PÃO DE AÇUCAR** fez um negócio de compra das **CASAS BAHIA**, sendo que, a partir daí, **ABÍLIO DINIZ** se aproximou ainda mais de **ANTONIO PALOCCI** e de **MÁRCIO THOMAZ BASTOS**. **ABÍLIO DINIZ** tinha uma relação muito próxima com o governo e este “movimento” já representava uma preparação para tentar “derrubar” a entrada do grupo **CASINO** no território nacional. **CASINO** tinha a opção para exercer a compra do **PÃO DE AÇUCAR** com vencimento no ano de 2012. Assim é que, no ano de 2011, **ABÍLIO DINIZ** põe em prática um plano para tentar evitar que o **GPA (GRUPO PÃO DE AÇUCAR)** fosse retirado do seu controle, o que envolveria movimentos tanto empresariais, quanto governamentais. Concomitantemente, **ANTONIO PALOCCI** convida **ABÍLIO** e outros três empresários para compor um *Conselho de Gestão* junto à *Presidência da República*, cujos integrantes eram chamados de “*ministros sem pasta*”. Desse conselho participavam: **ABÍLIO DINIZ**, **JORGE GERDAU**, **ANTONIO MACIEL**, **ANTONIO PALOCCI** e **DILMAR ROUSSEFF**. Na sequência, é realizado um almoço entre **ABÍLIO**, **DILMA** e **PALOCCI**, conforme agenda formal da presidência, oportunidade em que **ABÍLIO** narra que tinha um negócio que, segundo ele, seria “*fantástico*”, mas que precisaria da ajuda do Planalto com o tema. No encontro, **ABÍLIO** não especificou exatamente o que tinha em mente, mas disse que logo traria a questão para conhecimento do Planalto.

2 – A estratégia da fusão com o Carrefour:

Posteriormente, o Colaborador ficou sabendo da estratégia de **ABÍLIO**. A grande jogada de **ABÍLIO** era realizar uma fusão do **GPA** com o **CARREFOUR**, o que diluiria a entrada do **CASINO**, quando do exercício da opção de compra, de forma a inviabilizar que o **CASINO** assumisse o controle acionário.

Ocorre que, a fim de efetivar a fusão com o **CARREFOUR**, **ABÍLIO** precisaria da liberação de empréstimo do **BNDES**, o que ele deixou previamente ajustado com o Banco. Contudo,

quando **ABÍLIO** anuncia a compra do **CARREFOUR**, a imprensa reage fortemente, dizendo se tratar de um “golpe”, repercussão que de imediato deixa **ABÍLIO** preocupado.

PÉRCIO DE SOUZA era quem estava organizando a operação para **ABÍLIO** e, no dia em que a situação veio a tona na imprensa, **PÉRCIO** vai à casa do Colaborador e diz que dará quanto o Colaborador quiser para atuar em duas frentes: a primeira, para o governo defendesse publicamente a operação; e, a segunda, para garantir o empréstimo perante o **BNDES**, operação sem a qual o negócio não teria como se realizar.

ANTONIO PALOCCI diz que está “fechado” com **ABÍLIO**, mas diz que será difícil, mencionando que talvez fosse necessário ir ao **LULA** para que ele resolvesse a situação junto à **DILMA**. No dia seguinte – ou dois dias depois – **PALOCCI** vai buscar **ABÍLIO** no escritório dele e vão juntos no **INSTITUTO LULA**. Na reunião **ABÍLIO** “apela” muito, fazendo referência às “ajudas” prestadas no passado, não conseguindo esconder certa fragilidade diante da situação. **LULA** fica de falar com a **DILMA** e com o **LUCIANO COUTINHO** sobre o assunto, embora não dê garantias a **ABÍLIO**.

3 – Movimento oposto do CASINO:

Paralelamente, sabedores de que o Colaborador está “ao lado” de **ABÍLIO DINIZ** na questão, **CLARA ANT** e **PAULO OKAMOTO** ligam para **PALOCCI** para avisar que **JOSÉ DIRCEU** está ligando todos os dias no **INSTITUTO LULA** para tentar marcar uma reunião entre **LULA** e **JEAN-CHARLES NAOURI**, presidente do **CASINO**.

CLARA fala para **PALOCCI** ir conversar com **LULA**, pois tinha algo “muito grande” acontecendo, relacionado ao assunto. Atendendo ao conselho de **CLARA**, **PALOCCI** vai falar com **LULA** e este menciona que o **CASINO** estava querendo dar 30 milhões de euros para que eles ajudassem a “melar” a operação de **ABÍLIO** com o **CARREFOUR**.

A verdade é que o **CASINO** começou a fazer um movimento pesado para vencer a disputa com **ABÍLIO**, passando a atuar em várias frentes, inclusive perante o Colaborador.

Neste contexto, **MARCELO TRINDADE**, que era um dos representantes do **CASINO**, liga para o Colaborador dizendo que queria lhe indicar um grande cliente. Simultaneamente, **HENRIQUE**, genro de **EDSON GODOI**, da **AMIL**, vem ao Colaborador e diz que quer fazer um “novo contrato” com **PALOCCI** a fim de que ele atue em favor dos interesses de **JEAN-CHARLES**. O Colaborador diz que tem um problema ético, pois é amigo e trabalha para o **ABÍLIO**, mas, a fim de “tranquilizar” o interlocutor, **PALOCCI** diz que vai se afastar do caso, “tirando o pé” da situação.

As “procuras” não cessam e **MARCELO TRINDADE** visita **ANTONIO PALOCCI**, dizendo que quer passar contratos com grandes ganhos financeiros para o mesmo. Ao final do encontro, **TRINDADE** pergunta se **PALOCCI** estaria participando do negócio do **PÃO DE AÇUCAR**. **PALOCCI** responde que era amigo de **ABÍLIO**, mas que estaria distante do assunto. **MARCELO** se mostra, então, preocupado e curioso em saber os próximos passos de **ABÍLIO**, mas **PALOCCI** desconversa e não dá continuidade ao assunto.

4 – O acordo entre LULA e JEAN-CHARLES:

Em determinado momento, **ABÍLIO** procura o Colaborador e diz que está sendo traído, pois **LULA** teria jantado com **JEAN-CHARLES** e com **JOSEPHS AFRA** na casa deste último. Estariam no jantar **LULA**, **SAFRA**, **CLARA ANT** e **JEAN-CHARLES**. **CLARA** estava presente, pois foi ela quem viabilizou o encontro. O Colaborador fala, então, para **ABÍLIO** ir com calma, pois **LULA** não tinha porque apoiar o **CASINO**.

Contudo, no mesmo dia, **LULA** chama o Colaborador no **INSTITUTO LULA** e conta os detalhes do jantar, pedindo que o Colaborador passasse a controlar o **ABÍLIO**, salientando que a conversa com **JEAN-CHARLES** tinha sido muito boa. Nas palavras de **LULA**: “O cara confirmou

os trinta milhões de euros, pô, você tem que me ajudar". De acordo com **LULA**, **JOSEPH SAFRA** daria todo o apoio para operacionalizar as questões financeiras. **LULA** atuaria junto a **DILMA** e **COUTINHO** para barrar o empréstimo e qualquer apoio governamental e a tarefa de **PALOCCI** seria a de segurar o **ABÍLIO**, pois este estava movendo mundos e fundos para obter a satisfação dos seus interesses na operação.

LULA fez a parte dele, fazendo com que o **BNDES** não liberasse o empréstimo pré-aprovado e inviabilizando qualquer apoio governamental ao **GPA**. Já no jantar **LULA** "vendeu" para **JEAN-CHARLES** que a situação estaria resolvida e que ele poderia retornar tranquilo para a França, pois, do outro lado, representando **ABÍLIO**, estava **ANTONIO PALOCCI**, pessoa sob a qual ele, **LULA**, tinha plena ascendência. O Colaborador sabe que o empréstimo do **BNDES** deveria ter sido realizado, mas apenas não foi em razão da interferência de **LULA**.

5 – Repasses das vantagens indevidas:

Conforme mencionado, o Banco **SAFRA** ficou incumbido de intermediar os repasses das vantagens indevidas, de forma diluída e diversificada, pois o montante era muito expressivo. Assim é que, após estar tudo resolvido:

- (a) **LULA** pede um almoço com **JOSEPH SAFRA**, no qual **FERNANDO HADDAD** vai junto para ser apresentado como candidato às eleições municipais de São Paulo/SP. No dia seguinte, **LULA** pede para **PALOCCI** voltar a falar com **JOSEPH SAFRA** e já levantar valores financeiros para **HADDAD**, sendo que **JOSEPH SAFRA** repassa R\$ 2 milhões de para a campanha eleitoral de **HADDAD** para a prefeitura de São Paulo de 2012;
- (b) Na eleição presidencial de 2014, **SAFRA** efetua a doação de R\$ 10 milhões de reais.
- (c) O **SAFRA** faz repasses para o **INSTITUTO LULA**, tanto de forma extraoficial, quanto de forma oficial, sendo que **PALOCCI** fez retiradas frequentes de valores em espécie junto ao Banco **SAFRA**.

Foi **ANTONIO PALOCCI** quem foi no **SAFRA** para organizar vários dos repasses. **JOSEPH SAFRA**, inclusive, convidou **PALOCCI** para que fosse Conselheiro do seu banco na Suíça, provavelmente por estar lá alocada boa parte do dinheiro do **CASINO**. **PALOCCI** entendeu que o convite poderia ser uma forma de que **LULA** ficasse bem informado sobre o dinheiro alocado no banco, por meio de **PALOCCI**. O Colaborador perguntou se seria necessário. **SAFRA** diz que poderia ficar a critério de **PALOCCI**.

Por outro lado, **ABÍLIO DINIZ** recompensa **ANTONIO PALOCCI** pela atuação, ainda que não tenha dado certo, por todo o esforço em indicá-lo para o Conselho da Presidência, bem como pelas tentativas frustradas em seu favor, através do pagamento de R\$ 2 milhões de reais, efetuado pela empresa **PAIC PARTICIPAÇÕES** junto à sua consultoria.

- A) contrato da Projeto com a PAIC;
- B) Doação para HADAD;
- C) Nomeação de ABÍLIO DINIZ para o Conselho da Presidência;
- D) Entradas na PROJETO;
- E) Entradas no SAFRA;
- F) Bilhetagem telefônica

ANEXO 06

SAFRA, ARACRUZ E A PROPINA PARA PT, LULA E PALOCCI

Síntese

Ato ilícito

Interferência de PALOCCI e de LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA para que o BNDES injetasse R\$ 2,7 bilhões na compra da ARACRUZ por parte do GRUPOVOTORANTIM, beneficiando, dentre outros, a BANCO SAFRA.

Vantagem Indevida

Primeiro, a promessa e o repasse de mais de 50 milhões de reais em vantagens indevidas, dissimulados em doações para a campanha do Partido dos Trabalhadores em 2010 e 2014, realizadas pelo BANCO SAFRA, pelo GRUPO VOTORANTIM e ARACRUZ. Segundo, o repasse de valores ilícitos por intermédio de contratos de consultoria celebrados entre a PROJETO e a Banco SAFRA. Em terceiro lugar, doações oficiais para o INSTITUTO LULA.

A empresa **ARACRUZ**, uma das que integravam o **GRUPO VOTORANTIM**, era composta por três sócios: o **GRUPO VOTORANTIM**; o **GRUPO SAFRA**, o qual possuía 28% da **ARACRUZ**; e a empresa **ARAPAR**, a qual também possuía 28% da empresa.

Em 2008, antes da crise econômica, **JOSEPH SAFRA** procurou **ANTONIO PALOCCI** para dizer que tinha recebido uma oferta do **GRUPO VOTORANTIM** para vender sua participação na empresa **ARACRUZ**. De acordo com o que disse **JOSEPH SAFRA**, a oferta era superior a R\$ 3 bilhões de reais. No encontro, **JOSEPH SAFRA** indagou a **ANTONIO PALOCCI** o que ele achava da proposta. **ANTONIO PALOCCI** disse que a proposta era muito boa e que ele, **JOSEPH SAFRA**, deveria aceitá-la e vender a sua participação de 28% na **ARACRUZ** para o **GRUPO VOTORANTIM**. Apesar da opinião de **ANTONIO PALOCCI**, **JOSEPH SAFRA** não vendeu sua participação na **ARACRUZ** naquele momento para o **GRUPO VOTORANTIM**.

Fato é que, meses mais tarde, por conta da crise de 2008, narrada em outro anexo, a empresa **ARACRUZ** teve um prejuízo de alguns bilhões de reais por causa das suas operações financeiras envolvendo os “derivativos cambiais”, razão pela qual a participação de **JOSEPH SAFRA** na **ARACRUZ** passou a valer muito pouco, quase nada, literalmente.

Nesse contexto, **JOSEPH SAFRA** procura novamente **ANTONIO PALOCCI** para se lamentar da situação e dizer que iria precisar da ajuda do Governo Federal para recuperar o seu prejuízo. Fato é que, com a ajuda fornecida ao **GRUPO VOTORANTIM** durante a crise de 2008/2009, **JOSEPH SAFRA** acaba conseguindo realizar a venda de 28% da empresa **ARACRUZ** para o **GRUPO VOTORANTIM**. Essa venda ocorreu em março de 2009, e foi no valor de R\$ 2,7 bilhões, dos quais R\$ 2,4 bilhões foram pagos pelo **BNDES**. Ou seja, ao invés de ter um enorme prejuízo, **JOSEPH SAFRA**, com a ajuda do Governo Federal, por intermédio sobretudo de **LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA**, acabou por lucrar R\$ 2,7 bilhões com a venda da sua participação na **ARACRUZ** para o **GRUPO VOTORANTIM**.

Vale ressaltar que essa “injeção de dinheiro” do **BNDES** na **ARACRUZ** para possibilitar a venda da participação de **JOSEPH SAFRA** na empresa era extremamente atípica para a situação. Em contrapartida, **JOSEPH SAFRA** realizou diversas doações para o **PARTIDO DOS TRABALHADORES** na campanha de 2010 (aproximadamente R\$ 2,5 milhões) e também de 2014 (R\$ 5 milhões), além de doações solicitadas por **ANTONIO PALOCCI** para o **INSTITUTO LULA**, conforme já narrado em anexo anterior. Vale dizer também que, no que tange a campanha de 2010, no final da campanha, **ANTONIO PALOCCI** foi até **JOSEPH SAFRA** pedir

Elementos de Corroboração	<p>um reforço em doações, o que foi rapidamente aceito pelo banqueiro. Além disto, também em contrapartida, a VOTORANTIM, de um lado, doou R\$ 4,2 milhões de reais para a campanha do PARTIDOS TRABALHADORES em 2010, e R\$ 5,6 milhões de reais para a campanha do PARTIDO DOS TRABALHADORES em 2014, enquanto que a ARACRUZ, de outro lado, doou R\$ 2 milhões de reais para a campanha do PARTIDODOSTRABALHADORES em 2010.</p>
	<ul style="list-style-type: none"> a) Doações de campanha do SAFRA e da VOTORANTIM; b) Documentos relativos a "Injeção de dinheiro" do BNDES na ARACRUZ; c) Doações instituto LULA; d) Agenda pessoal ANTONIO PALOCCI; e) Bilhetagem eletrônica dos telefones.

ANEXO 07

PDG REALTY

Síntese

Ato Ilícito

Atuação perante o **BNDESPAR**, junto a **LUCIANO COUTINHO**, a fim de acelerar e garantir um aporte de R\$ 155 milhões de reais.

Vantagem Indevida

Repasses a **ANTONIO PALOCCI** via empresa de consultoria **PROJETO**, totalizando R\$ 480 mil reais.

A **PDG REALTY** tem entre os seus sócios a **VINCI** e o **BTG**, empresas que sempre mantiveram estreitos laços com **ANTONIO PALOCCI**. Nesse contexto, a **PDG REALTY** buscou a interferência de **ANTONIO PALOCCI** junto a uma demanda da empresa com o **BNDESPAR**, remurando o então Deputado Federal por intermédio de um contrato de consultoria firmado com a **PROJETO**. Em verdade, a **PDG REALTY** tinha pleiteado um aporte do **BNDESPAR**, mas a situação não estava caminhando com a velocidade esperada, o que estava afligindo os sócios. Assim, eles solicitaram a intervenção de **ANTONIO PALOCCI** para que o assunto fosse colocado em pauta no **BNDESPAR**, algo que até então estava sem previsão. Em virtude da solicitação, **ANTONIO PALOCCI** fez uma ligação para **LUCIANOCOUTINHO**, ao que se recorda no mês de fevereiro do ano de 2009, o qual disse que era para o pessoal da **PDG** ficar tranquilo, pois, diante do pedido de **ANTONIO PALOCCI**, o assunto seria analisado extra-pauta já no dia seguinte. Em contrapartida a sua atuação, **ANTONIO PALOCCI** firmou um contrato com a **PDG** para ser remunerado por seu ato de ofício.

 PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO SECRETARIA MUNICIPAL DA FAZENDA	Nota Fiscal Eletrônica de Serviços - NF-e	Número da Nota 00000403
		Data e Hora de Emissão 10/02/2009 10:36:24
		Código de Verificação JQB6-C6EQ
PRESTADOR DE SERVIÇOS		
CPF/CNPJ: 08.432.773/0001-69 Inscrição Municipal: 3.983.729-2		
Nome/Razão Social: PROJETO CONSULTORIA FINANCEIRA E ECONOMICA LTDA		
Endereço: RUA PADRE JOAO MANUEL 00450, 6A SL 88 - CERQ CESAR - CEP: 01411-400		
Município: São Paulo UF: SP		
TOMADOR DE SERVIÇOS		
Nome/Razão Social: PDG REALTY		
CPF/CNPJ: 02.950.811/0001-89 Inscrição Municipal: —		
Endereço: R de Botafogo 501, conj 203 - Botafogo - CEP: 22260-040		
Município: Rio de Janeiro UF: RJ E-mail: gguioto@pdgrealty.com.br		

Como resultado deste ato de ofício, o **BNDESPAR** aprovou a operação solicitada pela **PDG**, o que se deu no mês de março de 2009, velocidade que demonstra a efetividade da atuação do Colaborador. Dessa forma, o **BNDESPAR** fez um aporte de R\$ 155 milhões de reais na **PDG**, através de contrato de promessa de subscrição de debêntures conversíveis, conforme nota oficial emitida pela empresa ao mercado:

FOG REALTY S.A. EMPREENDIMENTOS E PARTICIPAÇÕES
 CNPJ nº 02.950.811/0001-09
 NIRE 25.10013895-4

CASO RELEVANTE

O presente relatório descreve as informações contidas no livro de registros nº 20802, FOG Realty S.A. Empreendimentos e Participações ("Empreenda") controlada pelo acionista e se aplica em geral ao FOG REALTY PARTICIPAÇÕES S.A. - IMOBILIAR, subsidiária integral de Grupo Imobiliário Desenvolvimento Construção e Gestão (IMOCOR) ("IMOCOR"), aprovada em Assembleia de Deliberação e Realização de Investimento na Empreenda mediante submissão de debêntures conversíveis.

O acionista controlador da Companhia, IMOCOR Desenvolvimento e Gestão - Fundo de Investimento em Participações ("FICOM") e a Companhia aderiram por meio de escritura pública de compra e venda de participação de Investimento, Cessão de Direitos e Oneros e Outras Avenças ("Escritura de Compra e Venda") por meio de que o IMOCOR e a FOG REALTY PARTICIPAÇÕES e compromissos de subscrição e integralização de debêntures conversíveis de 2ª emissão da Companhia, com garantia real e subordinação sucessiva em ações, ("Debêntures Conversíveis"), conforme disposto em o e o anexo, em sua integralidade as partes legais e materiais aplicáveis.

Para realização de operação em referência, a Companhia subscritora é essencial para a conclusão e aprovação do 2º pedido de Deliberação, de acordo com o disposto no o e o anexo.

02.950.811/0001-09	FOG REALTY S/A EMPREENDIMENTOS E PARTICIPAÇÕES	CTM - IRM - Remuneração de serviços prestados por pessoa jurídica	482.000,00
--------------------	--	---	------------

Elementos de Corroboração

- a) Contrato de consultoria com a PROJETO;**
- b) Entrada e saída da PROJETO;**
- c) Notas e extratos bancários da PROJETO.**

ANEXO 08

CAMARGO CORRÊA E PETROS

Síntese

<i>Ato ilícito</i>	<i>Vantagem Indevida</i>
<i>Atuação do Colaborador em conjunto com Luiz Gushiken, com o aval de Lula, junto à PETROS a fim de viabilizar negociação de compra de ações, em valor superior a 1,6 bilhões de reais, com a CAMARGO CORRÊA.</i>	<i>A CAMARGO CORRÊA prometeu e repassou R\$ 28 milhões de reais ao PT, a Luiz Gushiken e a Lula, via Instituto Lula, empresa de palestra LILS e conta no exterior OKINAWA de Joesley Batista.</i>

A **CAMARGO CORRÊA** queria realizar a venda das ações que detinha da **ITAUSA**, sendo que era detentora de 5% da referida empresa. A **PETROS** (Fundo de Pensão dos Funcionários da **PETROBRAS**) figurava como potencial compradora, mas não se tratava de uma negociação usual, havendo alguma resistência. Assim, **ANTONIO PALOCCI** foi procurado por **LUIZ NASCIMENTO**, da **CAMARGO CORRÊA**, para ajudar **LUIZ GUSHIKEN** a agir perante a **PETROS**, a fim de que o negócio fosse realizado. O negócio seria muito vantajoso para a **CAMARGO CORRÊA**, razão pela qual a empresa ofereceu uma vantagem indevida para os envolvidos na operação, a qual restou estabelecida num patamar entre 1% e 1,5% do valor da negociação.

O negócio efetivamente deu certo, sobretudo em virtude da forte atuação de **LUIZ GUSHIKEN**, sendo que, em Novembro de 2010, as ações foram adquiridas pela **PETROS**, por mais de R\$ 1,6 bilhões de reais.

Tendo dado certo o negócio, **GUSHIKEN** procurou **ANTONIO PALOCCI** para verificar como cobriam e dividiriam os valores que lhes eram de "direito". **ANTONIO PALOCCI**, consciente de que teve participação menos expressiva na negociação, disse que a sua parte deveria entrar para o **PT** para **LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA**, solicitando ainda que **GUSHIKEN** realizasse a cobrança de tais valores. **LUIZ GUSHIKEN** disse então que iria proceder dessa forma.

Posteriormente, **ANTONIO PALOCCI** recebeu o agradecimento de **LUIZ NASCIMENTO**, o qual narrou ter repassado mais de R\$ 20 milhões de reais a título de "pagamento" pela realização do negócio. **NASCIMENTO** comentou que teve de diluir os repasses, para não chamar a atenção, por meio de doações para o **INSTITUTO LULA**, "contratação" de palestras através da **LILS**, doações para o **PT** e repasses para uma conta de **JOESLEY BATISTA** no exterior, a pedido de **GUILHERME GUSHIKEN**, filho de **LUIZ GUSHIKEN**. As informações repassadas por **LUIZ NASCIMENTO** ao Colaborador encontram corroboração aos inúmeros "repasses" posteriores feitos pela **CAMARGO CORRÊA**, tendo em vista que:

(a) A **LILS** (empresa de palestras de **LULA**) recebeu, entre 2011 e 2013, mais de R\$ 1,9 milhões de reais (05 palestras no valor de US\$ 200 mil dólares cada uma, com cotação do dólar aproximada).

(b) O **INSTITUTO LULA** recebeu R\$ 3 milhões de reais em "doações" e "bônus eleitoriais".

Tabela 8 – Lançamentos que registram pagamentos ao INSTITUTO LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA

Data do Lançamento	Conta Contábil	Valor Lançado (R\$)
02/12/2011	Contribuições e Doações	1.000.000,00
02/07/2012	Réguas Eleitorais	1.000.000,00
11/12/2013	Contribuições e Doações	1.000.000,00
	TOTAL	3.000.000,00

(c) Em sua delação **JOESLEY BATISTA** esclareceu que abriu uma conta no exterior para receber dinheiro a pedido de **GUILHERME GUSHIKEN**, sendo que parte deste dinheiro certamente faz parte do “acerto” com a **CAMARGO CORRÊA**.

Elementos de Corroboraco

- a) Bilhetagem telefônica;
- b) Depósitos na conta de **JOESLEY BATISTA**;
- c) Pagamentos realizados para a **LILS**;
- d) Repasses para o **INSTITUTO LULA**.

ANEXO 09

ANDRÉ ESTEVES

Síntese

Para se compreender o relacionamento entre o grupo BTG e o Governo, é preciso ter em mente que esse enredo se desdobra em diversos atos.

- I - CONSELHINHO

No ano de 2005, **ANDRÉ ESTEVES** procurou **ANTONIO PALOCCI** no Ministério da Fazenda. **ANDRÉ ESTEVES** disse que estava preocupado, porque possuía um procedimento disciplinar junto ao **CONSELHO DE RECURSOS DO SISTEMA FINANCEIRO NACIONAL** ("Conselhinho do Banco Central"), o qual poderia atrapalhar a venda do **BANCO PACTUAL** para o **UBS**.

ANDRÉ ESTEVES perguntou se **ANTONIO PALOCCI** não poderia "dar cabo" desse procedimento disciplinar em contrapartida à parceria que ele, **ANDRÉ ESTEVES**, possuía com o Governo Federal. **ANTONIO PALOCCI** disse para **ANDRÉ ESTEVES** não se preocupar e que ele, na qualidade de Ministro da Fazenda, iria resolver a questão, mas alertou que **ANDRÉ ESTEVES** deveria se acertar financeiramente com o "conselhinho", oferecendo vantagem indevida aos integrantes do órgão.

Na sequência, **ANTONIO PALOCCI** chamou **MANOEL FELIPE RÊGO BRANDÃO**, a época Procurador Geral da Fazenda Nacional, e ordenou que resolvesse o procedimento disciplinar em favor de **ANDRÉ ESTEVES**, livrando o banqueiro de qualquer punição, o que foi prontamente realizado pelo **PGFN** junto ao conselhinho. Além disso, **ANTONIO PALOCCI** sabe que **ANDRÉ ESTEVES** realizou o pagamento de vantagem indevida para um integrante do Conselhinho, qual seja a Sra. **RITA MARIA SCARPONI**, seguindo a orientação de **ANTONIO PALOCCI**.

Resolvido o problema, **ANDRÉ ESTEVES** se mostrou muito grato a **ANTONIO PALOCCI**. Por tal razão, no ano de 2006, **ANTONIO PALOCCI** foi ao encontro de **ANDRÉ ESTEVES**, em sua casa em São Paulo/SP, para solicitar doações de campanha. **ANDRÉ ESTEVES** disse que iria realizar a doação e pediu a **ANTONIO PALOCCI** para que **JOÃO VACCARI** se encontrasse com ele para tratar do tema. Foi então realizada uma doação oficial de R\$ 4 milhões de reais por **ANDRÉ ESTEVES** para a campanha presidencial de 2006, ou seja, um pagamento dissimulado de vantagem indevida para o **PARTIDO DOS TRABALHADORES**, em razão do ato de ofício praticado por **ANTONIO PALOCCI**.

- II - *Tentativa Frustrada de Operações com Informações Oriundas de Relação Privilegiada*

No ano de 2009, **ANTONIO PALOCCI** foi convidado por **LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA** para fazer uma reunião no Palácio do Alvorada. Na presença de **GUIDO MANTEGA** e **JOSÉ CARLOS BUMLAI**, **LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA** anunciou a **ANTONIO PALOCCI** que iria demitir **HENRIQUE MEIRELLES** da presidência do **BANCO CENTRAL**. No lugar dele, o ex-presidente iria colocar o professor **LUIZ GONZAGA BELLUZZO**. Por tal razão, **LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA** tinha convocado **ANTONIO PALOCCI** para a reunião, pois queria que **ANTONIO PALOCCI** apoiasse a medida, comunicando **HENRIQUE MEIRELLES** sobre a demissão do mesmo. A comunicação era

cabível porque **ANTONIO PALOCCI**, na qualidade de Ministro da Fazenda, tinha sido responsável pela indicação de **HENRIQUE MEIRELLES** para o cargo. No encontro, **ANTONIO PALOCCI** disse a **LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA** que achava a decisão um erro, mas que iria fazer a comunicação conforme solicitado. Contudo, solicitou ao ex-presidente que não demitisse de imediato **HENRIQUE MEIRELLES**, mas que concedesse algumas semanas para que ele, **ANTONIO PALOCCI**, pudesse convencer o então presidente do **BANCO CENTRAL** a pedir demissão, o que seria melhor para a imagem de **HENRIQUE MEIRELLES** e do próprio governo. O pedido de **ANTONIO PALOCCI** foi prontamente aceito por **LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA**. Em seguida, com todos ainda presentes, inclusive **LULA**, **ANTONIO PALOCCI** indaga a **GUIDO MANTEGA** a razão pela qual **HENRIQUE MEIRELLES** seria demitido do cargo de presidente do **BANCO CENTRAL**. **GUIDO MANTEGA** responde que era por causa da eleição de **DILMA ROUSSEFF** para presidente no ano de 2010, a qual não poderia ser feita se o **BANCO CENTRAL** não ajudasse na campanha do **PARTIDO DOS TRABALHADORES**. Na verdade, a ideia de **GUIDO MANTEGA** era obter informações do **BANCO CENTRAL** e operar com tais informações no mercado financeiro. Nesse contexto, o **BTG PACTUAL**, que era um banco que possuía proximidade com o **PARTIDO DOS TRABALHADORES**, tinha sido o banco escolhido para realizar tais operações, a partir da relação privilegiada. Em troca de tais informações, o **BTG PACTUAL** repassaria para o **PARTIDO DOS TRABALHADORES** percentuais em cima das operações financeiras que realizasse. Nesse contexto, a troca da presidência do **BANCO CENTRAL** era necessária para que, justamente, o **PARTIDO DOS TRABALHADORES** pudesse ter acesso às informações, as quais nunca tinham sido repassadas por **HENRIQUE MEIRELLES**. Após tal diálogo, a reunião se encerrou. Nos dias subsequentes, **ANTONIO PALOCCI** foi conversar com **HENRIQUE MEIRELLES**, no intuito de convencê-lo a pedir demissão do cargo de presidente do **BANCO CENTRAL**, mas sem mencionar a reunião que teve com **GUIDO MANTEGA**. De outra arte, mesmo seguindo o que foi solicitado por **LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA**, **ANTONIO PALOCCI** tentou demover o ex-presidente da ideia de demitir **HENRIQUE MEIRELLES** da presidência do **BANCO CENTRAL**. Fato é que, após alguns dias de conversa, **ANTONIO PALOCCI**, de um lado, conseguiu convencer **HENRIQUE MEIRELLES** a pedir demissão do **BANCO CENTRAL** e, de outro lado, também conseguiu convencer **LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA** a não demitir **HENRIQUE MEIRELLES** do **BANCO CENTRAL**. Na sequência, o ex-presidente se encontra com **HENRIQUE MEIRELLES** e, diante do pedido de demissão dele, acaba solicitando para **HENRIQUE MEIRELLES** continuar na presidência do **BANCO CENTRAL**. Diante da não demissão de **HENRIQUE MEIRELLES** do **BANCO CENTRAL**, **GUIDO MANTEGA**, em reunião realizada na **CAIXA ECONÔMICA FEDERAL** em São Paulo/SP (Avenida Paulista, nº 2083, São Paulo/SP), informou a **ANTONIO PALOCCI** que estava muito aborrecido com tal situação, indagando a este o que tinha ocorrido de errado. **ANTONIO PALOCCI** disse que a manutenção de **HENRIQUE MEIRELLES** no **BANCO CENTRAL** tinha sido uma decisão de **LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA** e que ele não poderia esclarecer mais detalhes sobre o assunto.

- III -

A Compra da Boa Vontade

Diante da frustração dos planos, durante a campanha de 2010, **ANDRE ESTEVES** foi até o escritório de **ANTONIO PALOCCI** em São Paulo/SP para conversar. No diálogo travado durante o encontro, **ANDRE ESTEVES** pediu que **ANTONIO PALOCCI** dissesse a **DILMA ROUSSEFF** que ele tinha a intenção de ser um grande parceiro do governo federal no próximo mandato. No contexto da conversa, ficou claro que "ser grande parceiro" do governo federal era, dentre outras coisas, poder atuar nos moldes do que se havia tentado em vão anteriormente com informações privilegiadas do **BANCO CENTRAL**. Como demonstrativo dessa boa vontade, **ANDRE ESTEVES** anunciou já ter feito uma doação oficial de mais de R\$ 2

milhões.

Doador	CPF/CNPJ	Data	N° Recibo Eleitoral	Valor R\$	Tipo de Recurso	Tipo Comitê	Partido	UF
MANCINI CONSULTING S.A.	06.908.282/0001-85	04/11/2010	000000000000000000	20.000,00	Contribuição para a Campanha Eleitoral	Comitê Eleitoral - Recursos para a Campanha Eleitoral	PT	MS
MANCINI CONSULTING S.A.	06.908.282/0001-85	04/11/2010	000000000000000000	5.000.000,00	Contribuição para a Campanha Eleitoral	Comitê Eleitoral - Recursos para a Campanha Eleitoral	PT	MS
MANCINI CONSULTING S.A.	06.908.282/0001-85	04/11/2010	000000000000000000	150.000,00	Contribuição para a Campanha Eleitoral	Comitê Eleitoral - Recursos para a Campanha Eleitoral	PT	MS
MANCINI CONSULTING S.A.	06.908.282/0001-85	04/11/2010	000000000000000000	100.000,00	Contribuição para a Campanha Eleitoral	Comitê Eleitoral - Recursos para a Campanha Eleitoral	PT	MS

Ainda na conversa, **ANDRE ESTEVES** afirmou que sabia que, na reta final da campanha, era normal haver gastos adicionais e que ele, **ANDRÉ ESTEVES**, estava disposto a contribuir para a campanha de **DILMA ROUSSEFF** com mais R\$ 5 milhões de reais, via "caixa 02". **ANDRE ESTEVES** informou que os valores deveriam ser retirados por alguém na sede do **BTG PACTUAL** (Avenida Brigadeiro Faria Lima, nº 3477, São Paulo/SP). Terminado o encontro, **ANTONIO PALOCCI** entrou em contato com o tesoureiro da campanha para que ele operacionalizasse o recebimento dos valores indevidos disfarçados de "caixa 02", para atendimento de interesses futuros de **ANDRÉ ESTEVES** frente ao governo, o que foi feito. Além disso, **ANTONIO PALOCCI** informou a **DILMA ROUSSEFF** o diálogo que teve com **ANDRE ESTEVES**.

- IV -

A Formação da "Conta Corrente"

Em paralelo a isso tudo, ainda em 2010, com a vitória da **DILMA ROUSSEFF** para a presidência, **EMILIO ODEBRECHT** realiza uma reunião com **LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA**. No encontro, **EMÍLIO ODEBRECHT** se demonstra muito preocupado com o desgaste que teve com a então Ministra **DILMA ROUSSEFF** por causa de alguns projetos da **ODEBRECHT** na área de energia, especificamente envolvendo as usinas de Santo Antônio e de Jirau. Na verdade, houve muito desgaste entre a empresa e o governo no que tange ao preço de referência das obras. Com receio de, por conta disto, ser prejudicado com a assunção de **DILMA ROUSSEFF** à Presidência da República, **EMILIO ODEBRECHT** vai até **LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA** para pedir que este realize uma aproximação entre a empresa e **DILMA ROUSSEFF**. Para tanto, **EMILIO ODEBRECHT** informa na reunião para **LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA** que a empresa teria reservado R\$ 300 milhões em vantagens indevidas para as atividades futuras do presidente e que **ANTONIO PALOCCI** poderia cuidar do assunto. Depois do encontro, **LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA** se reuniu com **ANTONIO PALOCCI** para reportar a ele o teor da sua conversa com **EMILIO ODEBRECHT**, pedindo que **ANTONIO PALOCCI** fosse até **MARCELO ODEBRECHT** para verificar essa questão. Em seguida, **ANTONIO PALOCCI** se encontra com **MARCELO ODEBRECHT** para tratar do tema, o qual informa a **ANTONIO PALOCCI** que, efetivamente, o **PARTIDO DOS TRABALHADORES** possuía uma reserva com a empresa, mas que essa reserva não era de R\$ 300 milhões, mas sim de R\$ 150 milhões. Após o encontro com **MARCELO**

ODEBRECHT, ANTONIO PALOCCI se reuniu com **LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA** e reportou para este o teor do seu diálogo com **MARCELO ODEBRECHT**. O objetivo de **ANTONIO PALOCCI** era demover o presidente da ideia do Governo concordar com uma "conta corrente" com a **ODEBRECHT**, pois ficariam reféns da empresa. Não que **PALOCCI** quisesse abrir mão dos valores. Ao contrário: ele não queria ter um limite previamente estabelecido, mas sim ter a "boa vontade" da **ODEBRECHT**, sempre que fosse necessário, sem menções à ideia de uma "conta corrente". **LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA** disse que iria pensar, mas que – ao mesmo tempo – tinha se encontrado uma segunda vez com **EMÍLIO ODEBRECHT** o qual havia lhe confirmado o referido crédito e dito que o valor poderia ser ainda maior. Fato é que **ANTONIO PALOCCI** não consegue demover o ex-presidente da ideia de se fazer a tal "conta corrente". Assim, o plano da "conta corrente" entre a empresa **ODEBRECHT**, o **PARTIDO DOS TRABALHADORES** e o Governo Federal foi concretizado. O que isso tem a ver com **ANDRÉ ESTEVES** é algo que será esclarecido no próximo tópico deste mesmo anexo.

– V –

André Esteves e Marcelo Odebrecht

Em abril de 2011, **ANDRÉ ESTEVES** se reuniu com **ANTONIO PALOCCI** em Brasília/DF. O encontro ocorreu na casa do Ministro da Casa Civil. Na reunião, **ANDRÉ ESTEVES** informa a **ANTONIO PALOCCI** que conversou com **GUIDO MANTEGA**, com o conhecimento de **LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA**, e que combinou com **GUIDO MANTEGA** que ele, **ANDRÉ ESTEVES**, ficaria responsável por cuidar das finanças de **LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA**. Isso significava que **ANDRÉ ESTEVES** iria assumir tanto a obtenção quanto a guarda das vantagens indevidas pertencentes ao **PARTIDO DOS TRABALHADORES**. A ideia era aplicar tais vantagens indevidas em um fundo dentro do **BANCO BTG**, o qual pertencia a **ANDRÉ ESTEVES**. Diante do teor do diálogo, **ANTONIO PALOCCI** perguntou a **ANDRÉ ESTEVES** se **DILMA ROUSSEFF** sabia desse projeto. **ANDRÉ ESTEVES** disse que não, mas afirmou que **LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA** estava informado do projeto por intermédio de **GUIDO MANTEGA**, tendo autorizado a implementação do esquema. **ANDRÉ ESTEVES** foi conversar com **ANTONIO PALOCCI** porque queria que este marcasse uma reunião com **MARCELO ODEBRECHT**. O objetivo dessa reunião era convencer **MARCELO ODEBRECHT** a repassar as vantagens indevidas que a empresa **ODEBRECHT** devia ao **PARTIDO DOS TRABALHADORES** para **ANDRÉ ESTEVES**, para que este pudesse investir tais valores no fundo que estava montando para o **PARTIDO DOS TRABALHADORES** dentro do **BANCO BTG**. Além disso, **ANDRÉ ESTEVES** solicitou que **ANTONIO PALOCCI** repassasse para ele outros eventuais recursos ilícitos de **LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA** que poderiam estar em posse do então Ministro da Casa Civil. **ANTONIO PALOCCI** disse a **ANDRÉ ESTEVES** que não guardava nenhum recurso de **LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA** e que não poderia ajudar **ANDRÉ ESTEVES** em tal empreitada.

Este fundo também funcionaria como destino de repasses de vantagens que o próprio **ANDRÉ ESTEVES** tivesse que destinar a **LULA**, o que evitaria maiores vestígios, já que o dinheiro ficaria alocado no próprio banco. **ESTEVES** também manteria aberta uma conta de repasses para **LULA** que ficaria em nome de terceiro indicado pelo ex-presidente. **LULA** dizia ao Colaborador que o dinheiro do **BTG** era seu e da sua família, não devendo ser utilizado para outros fins sem a sua autorização.

– VI –

A Consumo do Benefício e da Contrapartida

O **BANCO CENTRAL**, por intermédio do **COMITÊ DE POLÍTICA MONETÁRIA (COPOM)**, é responsável por fixar a taxa de juros referencial no mercado financeiro (Taxa de Juros Selic). A

cada 45 dias, o **BANCO CENTRAL** emite uma normativa com o valor de tal taxa. Essa taxa de juros possui ampla influência nas operações financeiras do mercado, de modo que saber qual será o valor fixado na próxima normativa, antes de esta ser publicada, é uma informação privilegiada, de posse da qual o operador do mercado financeiro pode realizar transações muito lucrativas.

Em agosto de 2011, **DILMA ROUSSEFF** se reuniu com **GUIDO MANTEGA**, então Ministro da Fazenda, e **ALEXANDRE TOMBINI**, então presidente do **BANCO CENTRAL**. No encontro, **ALEXANDRE TOMBINI** informou que o **BANCO CENTRAL**, no mês seguinte, contrariando a posição que vinha tendo, no sentido de aumentar a taxa de juros da SELIC, iria baixar a taxa de juros, de 12,42% para 11,90%. A taxa de juros seguia uma tendência de alta, desde 2009. E foi justamente neste mês que se alterou a tendência e houve uma guinada dos juros para baixo, pela primeira vez após cerca de dois anos. Segundo **ALEXANDRE TOMBINI**, essa alteração no curso da taxa de juros era necessária por causa da volta da crise na Europa e do consequente resfriamento da atividade econômica que atingiria todo o mundo, inclusive o Brasil, como de fato acabou acontecendo:

Ordem	Data	Intervalo de Vigência	Taxa (%)	Valor	Valor
161ª	31/08/2011	01/09/2011 - 19/10/2011	12,00	1,48	11,90
160ª	20/07/2011	21/07/2011 - 31/08/2011	12,50	1,40	12,42

De posse dessa informação privilegiada, **GUIDO MANTEGA** foi até **ANDRE ESTEVES** e informou este que a taxa de juros do **BANCO CENTRAL** iria ser alterada para menos. **ANDRE ESTEVES**, por intermédio do **BTG PACTUAL**, realizou diversas operações no mercado financeiro, obtendo lucros muito acima da média dos outros operadores financeiros. Tratou-se de operações do **FUNDO BINTANG**, administrado pelo **BTG PACTUAL**. Essas operações, contrariando todos os operadores do mercado, apostaram nas oscilações para baixo da taxa básica de juros e renderam mais de 400% de lucro no ano. Depois das operações, o patrimônio do **FUNDO BINTANG** cresceu vertiginosamente de R\$ 20 milhões para R\$ 38 milhões, em menos de três meses. Esta operação gerou depósito no fundo destino a **LULA**. Só para se ter uma ideia, entre 31 de agosto e 1º de setembro, dia de inflexão da taxa de juros, o **FUNDO BINTANG** saltou de 252,84% de rentabilidade acumulada para 335,76%. Num só dia! Enquanto isso, a rentabilidade do CDI variou de 11,81% para 11,87%. Diante dessa operação atípica do **BTG PACTUAL**, a qual contrariou a própria expectativa do mercado no sentido de se continuar ou manter o aumento da taxa de juros do **BANCO CENTRAL**, a **COMISSÃO DE VALORES MOBILIÁRIOS** chegou a instalar uma investigação e comentou-se intensamente que **ANDRE ESTEVES** tinha, finalmente, por intermédio de **GUIDO MANTEGA**, conseguido "grampear o

Banco Central". Como contrapartida à informação privilegiada de **GUIDO MANTEGA**, **ANDRE ESTEVES** pagou R\$ 9,5 milhões como doação oficial de campanha de **DILMA ROUSSEFF** nas eleições de 2014, além de rentabilizar as vantagens indevidas de **LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA** nos fundos que mantinha no **BTG**. Vale dizer que, com relação ao fundo **BINTANG**, foi provisionado para **LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA** 10% em vantagens indevidas sobre o lucro que o fundo obteve com as informações privilegiadas fornecidas por **GUIDO MANTEGA**.

2.000.000,00	Transferência eletrônica	55914	DILMA VANA ROUSSEFF
2.000.000,00	Transferência eletrônica	133429	DILMA VANA ROUSSEFF
1.250.000,00	Transferência eletrônica	56282	DILMA VANA ROUSSEFF

2.000.000,00	Transferência eletrônica	133425	DILMA VANA ROUSSEFF
--------------	--------------------------	--------	---------------------

Valor R\$	Espécie do Recurso	N.º Documento	Nome do Candidato
1.250.000,00	Transferência eletrônica	56282	DILMA VANA ROUSSEFF

As planilhas acima que se encontram anexadas ao presente documento foram extraídas do site de prestação de contas eleitorais, que totalizam R\$ 9,5 milhões para a campanha de **DILMA ROUSSEFF**, fora as doações para os comitês eleitorais e o para o partido como um todo. A porcentagem que **ANDRE ESTEVES** pagava de vantagem indevida a **LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA** era de 10% sobre o ganho dele nas operações.

- VI -

André Esteves e a Rede D'or

A pedido do **GRUPO SÃO LUIS DE HOSPITAIS**, **ANTONIO PALOCCI** fez lobby para tentar permitir alterações na legislação brasileira, a fim de que, regulamentando-se o disposto na Constituição Federal de 1988, com as alterações da EC nº 29, empresas estrangeiras pudessem comprar hospitais (abertura ao capital estrangeiro). Este Grupo tinha doado montante significativo na campanha de 2006 e, como era de se esperar, foi cobrar a conta. As doações vieram a partir de empresas portuárias da mesma família que era proprietária do **GRUPO SÃO LUIS**.

ANTONIO PALOCCI, a fim de colocar o plano em prática, para beneficiar o **GRUPO SÃO**

LUIS, foi no então Ministro **JOSÉ GOMES TEMPORÃO**, pedindo que este atuasse no objetivo de possibilitar a abertura dos hospitais ao capital estrangeiro.

Um tempo depois, **ANTONIO PALOCCI** teve uma conversa com **ANDRÉ ESTEVES** e este lhe confidenciou que estava comprando a **REDE D'OR**, importante conglomerado de saúde, e pediu para o Colaborador segurar o projeto de regulamentação de abertura da saúde ao capital estrangeiro, pois tinha interesse em, primeiro, consolidar a sua posição junto à **REDE D'OR**, sem ter de concorrer com as empresas estrangeiras, para, apenas depois, vender o grupo aos estrangeiros, com maior margem de lucro. **ANTONIOPALOCCI**, disse que não teria como segurar o projeto, mas sabe que, correndo por outra ponta, **GUIDO MANTEGA** interferiu para que o andamento fosse lento, em benefício de **ANDRÉ ESTEVES**.

O assunto só voltou a andar em 2014, "coincidentemente" para atender aos novos interesses de **ANDRÉ ESTEVES**, o qual queria realizar, agora sim, o movimento de venda da **REDE D'OR**, bem como do **GRUPO SÃO LUIS**, o qual também acabou sendo adquirido por **ESTEVES**. O projeto foi aprovado no final de 2015 e **ANDRÉ ESTEVES** vendeu os imóveis da **REDE D'OR** para um grupo canadense, programando-se para, na sequência abrir, também, o capital aos estrangeiros.

Além da **REDE D'OR** e do **GRUPO SÃO LUIS**, **ANDRÉ ESTEVES** também queria a todo custo comprar a **AMIL**, tendo proposto grandes vantagens a **ANTONIO PALOCCI** para ajudar, mas não conseguiu, pois a negociação da **AMIL** com os estrangeiros era muito mais vantajosa. Importante esclarecer que a **AMIL** pôde realizar a negociação com estrangeiros, pois se tratava de plano de saúde e não de uma rede "pura" de hospitais.

Sabe o Colaborador que **ANDRÉ ESTEVES**, a fim de aprovar a alteração legislativa, propôs 10% de comissionamento ao **PT**, por intermédio de **GUIDO MANTEGA**, pelo lucro que teria com a venda posterior aos estrangeiros. O Colaborador sabe, também, que no Congresso, **ANDRÉ ESTEVES** acertou o repasse de valores ao grupo de **EDUARDO CUNHA**.

**Dados de
corroboração**

- (1) Histórico da taxa de juros do Banco Central,
- (2) Extratos de doação oficial de campanha de 2010,
- (3) Variações do Fundo Bintang,
- (4) Extratos de doação oficial de campanha de 2014,
- (5) Procedimento apuração CVM.

ANEXO 10

IPI EXPORTAÇÃO

Síntese

No ano de 2009, foi votada a Medida Provisória 460, no bojo da qual havia a denominada “*emenda do crédito prêmio*”, de relatoria do ex-Deputado Federal **ANDRÉ VARGAS**. Referida emenda visava estender o crédito para pagamento de IPI nas operações de exportação, que existiu desde 1969. O que se discutia era o termo final sobre até quando esse crédito se prolongava: se até 1983 ou se até dezembro 2002. A MP 460 propunha a extensão desse crédito até 2002, o que, em termos práticos, significaria que o erário deixaria de arrecadar tributos na casa dos R\$ 200 bilhões. Detalhe: o tema da MP 460 era “*Minha Casa, Minha Vida*”. A “*emenda do crédito prêmio*” vinha inserida no bojo da MP 460, fora de contexto, para não chamar atenção. No entanto, corria à boca pequena o comentário de que, enquanto a MP 460 de um modo geral versava sobre “*Minha Casa, Minha Vida*”, a emenda dizia respeito a “*Meu Jato, Minha Vida*”. Caso aprovada a MP 460, com sua emenda, as empresas exportadoras lucrariam cifras elevadíssimas. Foram escolhidas três lideranças empresariais para a interlocução com o Planalto e com os parlamentares envolvidos na questão:

- (1) **BENJAMINSTEINBRUCH** (da Companhia Siderúrgica Nacional);
- (2) **MARCELO ODEBRECHT** (do grupo ODEBRECHT); e
- (3) **RUBENS OMETTO SILVEIRO MELLO** (da COSAN).

Nesse ínterim, o interlocutor que exercia o maior protagonismo era **RUBENS OMETTO**, um empresário agressivo, disposto a dar a vantagem indevida que **ANTONIOPALOCCHI** arbitrasse, para colocar a bancada do **PARTIDODOSTRABALHADORES** a favor da MP 460. Todos os grandes empresários que participaram dessa interlocução ofereceram dinheiro “sem limites” para **ANTONIO PALOCCI** e **GUIDO MANTEGA**, porque, afinal de contas, quando a conversa é “*me livre de R\$ 200 bi de dívida*”, não há teto que limite o valor da vantagem indevida oferecida. Diante das ofertas, **ANTONIOPALOCCHI** foi ao Palácio do Planalto conversar com **LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA** e informar a este que os empresários estavam oferecendo a campanha de 2010 para aprovação da Medida Provisória nº 460, algo em torno de R\$ 300 milhões. Quando soube da proposta, imediatamente, **LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA** quis que **PALOCCI** aceitasse a oferta. Todavia, **ANTONIOPALOCCHI** recomendou ao presidente que não aceitasse a oferta porque era muito arriscado e iria “dar o que falar”. **LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA** não gostou da colocação de **ANTONIOPALOCCHI**, mas entendeu a posição do então Deputado Federal. Fato é que, mesmo com a posição de **ANTONIO PALOCCI**, a emenda de relatoria de **ANDRÉ VARGAS** foi aprovada na Câmara dos Deputados. No entanto, faltava ainda a lei ser submetida à sanção ou veto presidencial. Em seguida, no dia 13 de agosto de 2009, dois eventos importantes ocorrem em paralelo:

- (A) **OSUPREMO TRIBUNAL FEDERAL** também se debruça sobre o tema e decide, em 13 de agosto de 2009, que o crédito valeria até 1990, dando ganho (parcial) de causa ao setor empresarial.
- (B) Sabendo que o caso deveria ser solucionado pelo Planalto, **MARCELO ODEBRECHT** encaminha e-mail para os membros da cúpula da **ODEBRECHT**, para que todos pensassem em argumentos para convencer o presidente a sancionar a lei ou, então, pensassem numa “alternativa” para compensar o veto presidencial.

Assunto: Fw:


De: Marcelo Bahia Odebrecht [O=ODEBRECHT/OU=EXCHANGE ADMINISTRATIVE GROUP (FYDIBOHF23SPDLT)/CN=RECIPIENTS/CN=MSBAHA]
Para: DANI LUIZ [O=ODEBRECHT/OU=EXCHANGE ADMINISTRATIVE GROUP (FYDIBOHF23SPDLT)/CN=RECIPIENTS/CN=DanLuz]
Envio: 13/08/2009 21:01:50

Imprima tudo e entregue a meu pai.
Confirme que MF e CF receberam.

----- Original Message -----

From: Marcelo Bahia Odebrecht
To: Claudio Melo Filho; 'mauricio.ferro@braskem.com.br'
Cc: 'bernardo.gratin@braskem.com.br'; Newton Souza; Alessandro Klennar;
'carlos.fedigas@braskem.com.br'
Sent: Thu Aug 13 20:00:57 2009

Tudo que é bom, é difícil.
Tudo que é fácil, não é para nós.
Acho que o "muito pequeno" sobtítulo de hoje abre uma avenida de oportunidades para sairmos ainda melhor do que se tivéssemos ganho.

Hoje estivamos "carregando" um mundo de gente, agora com a dívida (ainda que moral, e de costume) - tal realidade, mas talvez "parcial" tem o mesmo objetivo: reduzir custos e melhorar a eficiência. 
Italiano acabou de me ligar. Disse que DF manipulou a taxa para o DO. Vai estar com o DO na Ia ou durante o final de semana. Combinamos de nos encontrar amanhã as 11hs. Ele mesmo pediu além dos argumentos para a redução/zero parcial, que tivéssemos alternativas para nos compensar.

Sejam criativos!

Maurício: além das que vc está trabalhando avalie com Fedigas se não tem nada também no Solisidro (ainda que parcial).

O ideal seríamos colocar valores de qt somos compensados em cada uma das opções abridas assim um menu/mix de escolha tributarias e ou com Petrobras.

Vamos sair melhor do que se tivéssemos ganho.

MF/CF: Vou estar em reunião amanhã pela manhã, mas podem me chamar assim que tiverem o material. Sob não poder depois das 11:00.

De toda sorte, mesmo com a aprovação da MP 460 no Congresso, inclusive no que tange a emenda que tratava do "crédito prêmio", **LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA** vetou a emenda, mais precisamente no dia 28 de agosto de 2009. Dias depois, em 02 de setembro de 2009, sobrevém outro e-mail de **MAURÍCIO FERRO** sugerindo o **REFIS**, como forma de compensar o setor empresarial pelo veto presidencial.

Assunto: Fw:

De: Marcelo Bahia Odebrecht [O=ODEBRECHT/OU=EXCHANGE ADMINISTRATIVE GROUP (FYDIBOHF23SPDLT)/CN=RECIPIENTS/CN=MSBAHA]
Para: DANI LUIZ [O=ODEBRECHT/OU=EXCHANGE ADMINISTRATIVE GROUP (FYDIBOHF23SPDLT)/CN=RECIPIENTS/CN=DanLuz]
Envio: 13/08/2009 16:31:49

Imprimindo...

Enviar mensagem para o remetente

Imprimir

Marcar

De: Marcelo Bahia Odebrecht

Enviado em: quarta-feira, 2 de setembro de 2009 10:42

Para: Claudio Melo Filho; 'mauricio.ferro@braskem.com.br'

Assunto:

Colaboração em regime de não imputação.

De: MAURICIO ROBERTO DE CARVALHO FERRO [mailto:mauricio.ferro@braskem.com.br]

Enviado em: quarta-feira, 2 de setembro de 2009 10:37

Para: Claudio Melo Filho; MAURICIO DANIEL BIZERRA; Marcelo Bahia Odebrecht

Assunto:

Clareza

Segue algumas informações para serem usadas por você, onde o termo "colabor"

Por não se aplicar a seu caso. Prejuízo Fiscal em 31.12.2009

Prejuízo fiscal é um ativo contra o mesmo crédito de Refis.

Estes valores são devidos somente 1 ano de apuração.

Não dá pra ser no modo de uma única empresa feita declaração trimestral.

Este ano a expectativa das empresas é dar lucro, em função da variação cambial, portanto, esta extensão não deverá impactar

substancialmente o Refis;

As empresas não vão ter o Prejuízo Fiscal de momento.

Ninguém será prejudicado, pois a empresa que pagar o Prejuízo Fiscal no Refis, passará a pagar mais IR no ano que vem;

Para as poucas empresas que terão Prejuízo Fiscal este ano e portanto farão um fôlego maior, isso ajuda a adesão na modelagem de

pagamento de prazo mais curto.

A Lei do Refis da Crise não estabeleceu data de corte. Isso foi feito pela norma interna da Receita Federal, o que não é justo.

O e-mail foi encaminhado a **BRANISLAV KONTICH**, que se reportou a **ANTONIOPALOCCHI**, que, por sua vez, contatou **GUIDO MANTEGA** para aceitar a alternativa proposta. É assim que, para compensar os empresários em relação ao veto presidencial da MP 460, **GUIDO MANTEGA** faz um parcelamento do imposto (REFIS da crise), mediante a promulgação da Medida Provisória 470, cuja redação foi confeccionada por **MAURÍCIO DE CARVALHO FERRO**, um funcionário da **ODEBRECHT**, que levou, por meio de **NELSON MACHADO** (secretário executivo de **GUIDO**), o texto à **GUIDO MANTEGA**, conforme se infere do e-mail abaixo:

Assunto: ENC: RES:
De: Marcelo Bahia Odebrecht /O=ODEBRECHT/OU=EXCHANGE ADMINISTRATIVE GROUP (FYDIBOHF23SPDLTY/CN=RECIPIENTS/CN=MBAHIA
Para: Darci Luz /O=ODEBRECHT/OU=EXCHANGE ADMINISTRATIVE GROUP (FYDIBOHF23SPDLTY/CN=RECIPIENTS/CN=DarciLuz;
Envio: 11/08/2009 17:28:52

Imprimir

De: Marcelo Bahia Odebrecht
Enviada em: terça-feira, 11 de agosto de 2009 16:59
Para: Ircelia Sampaio Andrade Silva; Cecilia Ida
Assunto: ENC: RES:

De: Marcelo Bahia Odebrecht [mailto:mbahia@odebrecht.com]
Enviada em: segunda-feira, 10 de agosto de 2009 17:07
Para: MAURICIO DANTAS BEZERRA; MAURICIO ROBERTO DE CARVALHO FERRO
Assunto: RES:

PIS-COFINS: poderia agregar alguma argumentação política (ex: já praticado no passado, etc?)
Novo Refis: formatar para uma página e colocar também alguma "deixa" tipo só para aqueles que fizeram a compensação ou deixaram de receber com autorização judicial
Votos a entender: colocar em 2 cores (uma o que já foi vetado na câmara e outra o que ele pode vetar a man)

De: MAURICIO DANTAS BEZERRA [mailto:mauricio.bezerra@braskem.com.br]
Enviada em: segunda-feira, 10 de agosto de 2009 16:57
Para: Marcelo Bahia Odebrecht; MAURICIO ROBERTO DE CARVALHO FERRO
Assunto:

Caro Marcelo,

A pedido do Maurício Ferro, seguem os dois pedidos alternativos ao acordo do CP-IPi (redução alíquota PIS/COFINS Nafta e Novo Refis) e a emenda de voto versão radical.

Permaneço à disposição.

Maurício Dantas Bezerra

Jurídico
Braskem S.A.
Fone 55 11 3576.9000
Fax 55 11 3576.9197
mauricio.bezerra@braskem.com.br

"Novo" Refis dos Débitos de IPI Prêmio e Aliquota Zero

Em contrapartida, **GUIDO MANTEGA** cobrou R\$ 50 milhões da **ODEBRECHT** para fazer esse parcelamento, com vinculação expressa para a concessão do REFIS proposto na MP 470. Por sua vez, a contrapartida ilícita paga por **BENJAMIN STEINBRUCH** e **RUBENS OMETTO** foi cobrada por **ANTONIO PALOCCI**. De um lado, **BENJAMIN STEINBRUCH** realizou o pagamento de R\$ 14 milhões de reais em vantagens indevidas por causa da MP 470. Esse pagamento foi operacionalizado por intermédio da **ODEBRECHT**, por conta da dificuldade que a empresa de **BENJAMINSTEINBRUCH** possuía para realizar caixa dois. De outro lado, **RUBENS OMMETTO** realizou o pagamento da vantagem indevida ao **PARTIDO DOS TRABALHADORES** por intermédio de doações oficiais ao partido durante a campanha de 2010.

Dados de Corroboração

- (1) E-mail's.
- (2) Doações de campanha.
- (3) Planilha Italiano/Odebrecht.

ANEXO 11

RBS/CARF

Síntese

A empresa **RBS** foi autuada pela **RECEITA FEDERAL** e deveria adimplir uma multa no valor de R\$ 500 milhões de reais em razão de uma operação de fusão. Nesse contexto, no 1º semestre de 2011, **ANTONIO PALOCCI**, na qualidade de Ministro da Casa Civil, foi procurado por **PAULO TONET CAMARGO**, diretor da **RBS**, e por **NELSON SIROTSKY**, então presidente do **GRUPO RBS**. O encontro, ocorrido no gabinete do Ministro da Casa Civil no Palácio do Planalto, deu-se porque a discussão do pagamento de tal multa chegaria ao **CONSELHO ADMINISTRATIVO DE RECURSOS FISCAIS** e a empresa **RBS** precisava vencer a qualquer custo a questão junto ao **CARF**, necessitando para tanto da intervenção de **ANTONIO PALOCCI**. **ANTONIO PALOCCI** disse que poderia ajudar a resolver a questão da multa, mas que, em paralelo, a empresa **RBS** deveria também procurar os conselheiros do **CARF** para convencê-los, pois, muito embora muitos atuassem com lisura, outros aceitavam vantagens ilícitas. Em verdade, **ANTONIO PALOCCI** alertou aos seus interlocutores que uma simples ação governamental não seria suficiente para que a discussão fiscal fosse resolvida, mas que, além dela, era necessário realizar um “acerto” entre a **RBS** e parte dos conselheiros do **CARF**. **PAULO TONET CAMARGO** e **NELSON SIROTSKY** entenderam o alerta feito por **ANTONIO PALOCCI** e confirmaram que iriam conversar com os conselheiros do **CARF** para este fim.

Assim sendo, de um lado, tanto **PAULO TONET CAMARGO**, quanto **NELSON SIROTSKY**, comprometeram-se a ir até o **CARF** e realizar pagamentos ilícitos aos conselheiros do órgão, enquanto que, de outro lado, **ANTONIO PALOCCI** afirmou que daria início à uma “ação governamental” para resolver o problema da **RBS**. Ainda no encontro, **ANTONIO PALOCCI** disse a **PAULO TONET CAMARGO** e **NELSON SIROTSKY** que, para o sucesso da ação governamental, seria interessante que alguém da **REDE GLOBO** ligasse diretamente para a então presidente **DILMA ROUSSEFF**, para corroborar o pedido da **RBS**. O encontro terminou e **ANTONIO PALOCCI** deu início a ação para resolver ilicitamente o problema da **RBS** junto ao **CARF**.

Nesse contexto, **ANTONIO PALOCCI** foi, dias mais tarde, conversar com **DILMA ROUSSEFF**, no gabinete da presidência da república no Palácio do Planalto. Depois de explicar a situação para **DILMA ROUSSEFF**, a então presidente deu sinal verde para **ANTONIO PALOCCI** entrar no circuito e resolver a questão. **DILMA ROUSSEFF** solicitou apenas que **ANTONIO PALOCCI** aguardasse uma viagem de **GUIDO MANTEGA** para o exterior e, somente após, desse início a ação governamental solicitada pela **RBS**. Após a viagem de **GUIDO MANTEGA**, **ANTONIO PALOCCI** solicitou uma reunião com **NELSON BARBOSA**, à época Secretário Executivo do Ministério da Fazenda. No encontro, **ANTONIO PALOCCI** disse a **NELSON BARBOSA** que a questão da multa da **RBS** no **CARF** deveria ser resolvida de qualquer forma em favor da empresa. Por tal razão, **ANTONIO PALOCCI** ordenou que **NELSON BARBOSA** interviesse, na qualidade de Secretário Executivo do Ministério da Fazenda, junto ao **CARF** e resolvesse a questão em favor da empresa. **NELSON BARBOSA** disse que ia estudar o caso e ver como poderia resolver a questão de acordo com o interesse da **RBS**. Dias mais tarde, **NELSON BARBOSA** contactou **ANTONIO PALOCCI** para informar que no mérito a Receita Federal tinha razão em aplicar a multa a **RBS**, mas que daria um jeito de resolver o processo em favor da empresa. **ANTONIO PALOCCI** confirmou para **NELSON BARBOSA** que era muito importante resolver a questão, até porque tratava-se de uma ordem presidencial.

Nesse ínterim, **ANTONIO PALOCCI** foi procurado por **PAULO TONET CAMARGO**, em seu Gabinete no Palácio do Planalto. No encontro, **PAULO TONET CAMARGO** perguntou como estava caminhando a resolução da questão junto ao **CARF**. **ANTONIO PALOCCI** disse que já estava dando andamento ao assunto, mas que continuava precisando da ajuda de **PAULO**

	<p>TONETCAMARGO junto ao órgão, no sentido de conseguir o apoio dos conselheiros do CARF. PAULO TONET CAMARGO pediu que ANTONIO PALOCCI ficasse tranquilo quanto ao tema, porque a empresa já estava fazendo isso.</p> <p>Fato é que, em razão dessas intervenções (ação governamental por parte de ANTONIOPALOCCI e pagamento de vantagens indevidas aos conselheiros do CARF por parte da RBS), a questão foi resolvida em favor da RBS no CONSELHO ADMINISTRATIVO DE RECURSOS FISCAIS, no sentido de se não exigir da empresa o pagamento da multa de R\$ 500 milhões de reais. Dias mais tarde, ANTONIO PALOCCI recebeu um bilhete de NELSONSIROTSKY agradecendo ao então Ministro da Casa Civil a ajuda deste junto ao CARF. Além disso, em contrapartida a ação governamental realizada por ANTONIO PALOCCI, diversas intervenções midiáticas por parte da RBS foram realizadas em prol dos interesses do Governo DILMA ROUSEFF. Meses depois, NELSON SIROTSKY visita ANTONIO PALOCCI em seu escritório (ele já havia deixado o governo e atuava como consultor), oportunidade em que NELSON oferece diversas alternativas de contratos e negócios conjuntos com PALOCCI, como "agradecimento" pela atuação pessoal de PALOCCI. NELSON e PALOCCI ficam de refletir sobre as possibilidades e voltarem a conversar depois, mas acabam não voltando a se falar.</p>
<p>Elementos de corroboração</p>	<ul style="list-style-type: none"> a) Agenda oficial do Ministro da Fazenda; b) Registro de entrada e saída do Palácio do Planalto; c) Procedimento administrativo CARF; d) Autos de inquérito policial operação ZELOTES.

ANEXO 12

ILICITUDES NA PETROBRÁS E SETE BRASIL

Síntese

- 1 -

Continuidade dos ilícitos após a Lava Jato

As ilícitudes na **PETROBRAS** prosseguiram mesmo após a **LAVA JATO** estar em curso, tendo **ANTONIO PALOCCI** participado de tratativas nas quais **BENDINE** tentava por em operação novos esquemas.

ALDEMIR BENDINE, mais conhecido por **DIDA**, assume a **PETROBRAS** após a saída de **GRAÇA FOSTER**. **DILMA** nomeia **BENDINE** à presidência da companhia, em 06 de fevereiro de 2015, porque agradaria **LULA**, já que era antigo conhecido do ex-presidente e velho "operador" do partido (a título de exemplo, no passado, quando era presidente do **BB**, **DIDA** cobrou vantagens indevidas para o partido, em contrapartida à concessão de empréstimos bancários).

Nesse mesmo contexto, **PALOCCI** faz uma visita a **JOESLEY**, ocasião em que o Colaborador percebeu que ele e outros empresários estavam muito empolgados com negócios da **PETROBRAS**, sobretudo no que tange à venda de ativos. Paralelamente a isso, no final de 2015, o Colaborador visita **DILMA** e sai uma nota no jornal.

Em decorrência dessa nota, **JOESLEY** acha que **PALOCCI** está operando com **DILMA** e fica uma noite toda no apartamento do Colaborador, para que **PALOCCI** convencesse **DILMA** acerca das teses que tinha sobre a venda de ativos da **PETROBRAS**.

Uma dessas teses consistia numa divergência de opinião entre o que **DILMA** e **JOESLEY** pensavam sobre a possível venda de ativos da **BRDISTRIBUIDORA**: de um lado, **DILMA** queria uma participação privada minoritária para arrecadar vantagens indevidas; de outro lado, **JOESLEY** queria comprar a **BR**, tendo o controle acionário. Por sua vez, **BENDINE** encampava a tese de **JOESLEY**, mas tinha a resistência de **DILMA**.

Como **PALOCCI** tinha mais acesso a **DILMA**, **JOESLEY** queria ele, **PALOCCI**, atuasse perante a então Presidente, para convencê-la de vender o controle acionário da **BRDISTRIBUIDORA** a **JOESLEY**.

O Colaborador falou que era melhor ele, **JOESLEY**, tratar direto com a própria **DILMA**. Uma semana depois, **ANDRÉ VIEIRA DA SILVA**, sócio de uma empresa de marketing, procura o Colaborador, em nome de **BENDINE**, esclarecendo que queria a ajuda do Colaborador para atuar em alguns projetos de venda de ativos da **PETROBRAS**, dentre os quais a venda do controle acionário da **BRDISTRIBUIDORA**.

Nesta ocasião, **ANDRÉ** confidenciou ao Colaborador estar arrecadando vantagens indevidas para o **BENDINE**, no âmbito dessa venda de ativos, e que poderia repassar parte dessas vantagens indevidas, para o Colaborador e para quem mais este quisesse. De pronto, **PALOCCI** aceitou participar do esquema e pediu que **ANDRÉ** o informasse dos próximos passos.

Dias mais tarde, **ANDRÉ** ligou para o Colaborador e disse estar na casa do **JOESLEY**, onde estavam discutindo as questões da **PETROBRAS**, convidando o Colaborador para ir à casa de **JOESLEY**.

No jantar, os dois estavam traçando as coordenadas de como seria viabilizada a operação de venda do controle acionário da **BRDISTRIBUIDORA**. Eles queriam a atuação de

ANTONIO PALOCCI para facilitar as coisas com **LULA** e **DILMA**.

- II -

Venda dos Ativos na África

<i>Ato ilícito</i>	<i>Vantagem Indevida</i>
Redução do preço de venda dos ativos na África de US\$ 10 bilhões, para US\$ 1,5 bilhão	Pagamento de US\$ 15 milhões ao Partido, intermediados por GUIDO MANTEGA .

Em 2012, a **PETROBRÁS** constata a inviabilidade financeira para explorar o pré-sal e, diante disso, decide partir para a venda de ativos, para se capitalizar. Desses ativos postos à venda, estavam vários projetos, em diferentes fases, de exploração de petróleo na África, que valiam em torno de US\$ 8 bilhões, conforme avaliação feita mediante estudo coordenado por **ROBERTO GONÇALVES**, da área internacional da **PETROBRÁS**. Foi neste contexto que se deu início a uma operação ilícita que envolveu vantagens indevidas em contrapartida a atos de ofício para beneficiar agentes privados. **GRAÇA FOSTER** avocou para si o processo de venda de ativos e decidiu refazer a avaliação, convocando, para tanto, uma comissão. Em seguida, 50% desses ativos foram leiloados e arrematados por **ANDRÉ ESTEVES** (do Banco **BTG**) pela bagatela de US\$ 1,5 bilhão. Ou seja: os 50% dos ativos que inicialmente foram avaliados em US\$ 8 bilhões acabaram por ser arrematados por US\$ 1,5 bilhão. Em contrapartida a essa generosa operação, **ANDRÉ ESTEVES** pagou vantagens indevidas consistentes em US\$ 15 milhões, negociadas por **GUIDO MANTEGA**, que foram guardadas dentro do fundo de **LULA** perante o **BTG PACTUAL**.

- III -

A Questão da Sete Brasil

Em 2009, **LULA** convoca reunião com **DILMA**, **PALOCCI** (então Deputado Federal) e **GABRIELLI** (então Presidente da **PETROBRÁS**). **LULA** é direto: "o pré-sal é nossa prioridade. Ele será muito importante para o país e dará muitos ganhos políticos para o governo". **LULA** estabelece que a **PETROBRÁS** vai licitar 40 sondas para o pré-sal, 12 no exterior e 28 no Brasil e pontua: "nós precisamos garantir que isso ocorra dentro do programado e que o projeto produza os recursos necessários para a reeleição de **DILMA**". **LULA** ressalta a importância e diz que o **GABRIELLI** é quem vai ficar responsável, mas que **PALOCCI** deve acompanhar tudo de perto para garantir que o projeto pague a campanha de **DILMA**.

Pouco se falou após esta orientação de **LULA**, pois ela foi transmitida como uma "ordem direta".

Nos meses seguintes, **ANTONIO PALOCCI** começou a acompanhar o processo junto a **GABRIELLI**. **ANTONIO PALOCCI** perguntou a **GABRIELLE** se ele gostaria que a questão fosse tratada com algum outro diretor da empresa, mas **GABRIELLE** responde que o assunto deve ser tratado diretamente com ele. Após algumas reuniões, **GABRIELLE** expõe a **PALOCCI** o que será feito:

- 1- A constituição de uma empresa para afretar as sondas (mais tarde tal empresa seria chamada de Sete Brasil).
- 2- A **PETROBRÁS** faria grande pressão nas empresas para segurar os preços.

Nesse dia **PALOCCI** diz a **GABRIELLE** que acredita que desta forma, se tudo der certo (o que achava difícil pois o Brasil jamais faria sondas a preços internacionais antes de uma "curva de aprendizagem"), a demanda de **LULA** deveria ser atendida. **GABRIELLE** diz que não pode

agir de forma diferente. Neste dia o Colaborador entende o recado de **GABRIELLE**, o qual queria dizer que conseguir fazer as sondas era o seu desafio e que a demanda do Presidente não teria muito espaço ali. **PALOCCI** entende o recado e combina com **GABRIELLE** de administrar o assunto de **LULA** ao longo do tempo.

Vem a campanha de 2010 e **LULA** continua a cobrar os recursos provenientes das sondas. **GABRIELLE** e **PALOCCI** literalmente enrolam, mesmo porque o atraso do processo é grande. Sabendo que sairia das sondas para a campanha, **PALOCCI** sequer transmite a questão à Coordenação de Campanha, para que ninguém conte com um recurso que nunca virá. Da mesma forma, **PALOCCI** esclarece **DILMA** da dificuldade. **DILMA** pergunta se será possível fazer a campanha sem esses recursos e o Colaborador garante que sim, pois haveria centenas de colaboradores dispostos a contribuir visando a aproximação de **DILMA**, sobretudo em virtude da aprovação do governo **LULA**. **PALOCCI** diz a **DILMA** que os recursos das sondas, naquele momento provavelmente seriam dispensáveis.

Contudo, nos anos de 2011 e 2012, **LULA** volta ao assunto das sondas com **PALOCCI**, já antevendo as eleições de 2014, quando, em verdade, **LULA** tinha a intenção de se candidatar. Nesta oportunidade **PALOCCI** esclarece que dificilmente o projeto das sondas seria capaz de gerar as contribuições (propinas) pretendidas, pois:

- 1- O projeto estava sendo muito mais desafiador do que parecia, com muitas empresas de porte em dúvida sobre a lucratividade do projeto;
- 2- Os preços que a **PETROBRAS** pedia eram (na visão do Colaborador) muito apertados, não permitindo margem para propina.

PALOCCI fez as ressalvas, mas disse que voltaria ao assunto com **GABRIELLE**, **FERRAZ** e outros para ver o que seria possível viabilizar.

Nesta data já havia ocorrido um jantar na casa de **ANDRÉ ESTEVES** com o Colaborador e **FERRAZ**, Presidente da **SETE BRASIL**. **ESTEVES** solicitou a presença do Colaborador neste jantar para que este o ajudasse a convencer **FERRAZ** a realizar os aportes na **SETE BRASIL** com critérios de mercado e não com "jogadas" políticas. **ESTEVES** convidou **PALOCCI**, pois achava, erroneamente, que o Colaborador era quem tinham colocado **FERRAZ** na presidência da empresa, sendo este um longa manus de **PALOCCI**.

PALOCCI explica a **ESTEVES** que ele está equivocado sobre a relação entre **FERRAZ** e o Colaborador, mas **ESTEVES** insiste que ele participe do jantar, o que de fato aconteceu. No jantar a conversa foi totalmente amistosa e voltada para os esforços de viabilidade financeira da **SETE BRASIL**.

Mas, a partir daí, dois movimentos acontecem:

Primeiro, **ANDRÉ ESTEVES**, percebendo que de fato **PALOCCI** não "mandava" na **SETE BRASIL**, vai diretamente a **LULA** várias vezes e, em pelo menos três vezes, leva **FERRAZ** consigo. Nas reuniões, **ESTEVES** constata que **LULA** é quem comanda o processo todo e passa a manter a interlocução com ele.

Segundo, **LULA** sente o desânimo do Colaborador com a produção de propina a partir do projeto sondas e aciona **VACCARI** para agir em conjunto com **PALOCCI**, objetivando botar o assunto para frente. Assim, **VACCARI** vai algumas vezes ao escritório de **PALOCCI**, oportunidade em que o Colaborador repassa todas as informações sobre o assunto. **VACCARI** então anuncia a **PALOCCI** que vai procurar as empresas para pedir propina. Faz este anúncio para evitar qualquer "choque" com as ações anteriores de **PALOCCI**. O Colaborador esclarece que não tinha ido nas empresas, de forma que **VACCARI** poderia ficar à vontade para cuidar do assunto, fazendo seu "trabalho" sem receio de criar qualquer aresta com o Colaborador.

Dando continuidade ao assunto, **VACCARI** começa a recolher recursos dos estaleiros com sócios estrangeiros, relatando, contudo, dificuldades com as empreiteiras brasileiras.

Já no início de 2014, em uma situação específica, **LULA**, através de **PAULO OKAMOTO**, pressiona **PALOCCI** para conseguir recursos para o **INSTITUTO LULA** e para outras atividades

pessoais do ex-presidente. Para atender **LULA**, **PALOCCI** pede a **BRANISLAV KONTIC** que vá falar com **VACCARI** sobre as demandas de **LULA** e que peça para ele atender durante alguns meses as “necessidades” de **LULA** e **OKAMOTO**. Sabe o Colaborador que **VACCARI** atendeu ao pleito, com a proina advinda de alguns poucos estaleiros (**KEPPEL** e **JURONG** ao que acredita o Colaborador).

O Colaborador delegou esta questão específica a **BRANISLAV**, o qual resolveu o assunto com **VACCARI**, não sabendo, contudo, se **VACCARI** levava os recursos para **OKAMOTO**, ou se utilizou **BRANISLAV** como intermediário. De qualquer forma, não havia necessidade de intermediação, pois **VACCARI** mantinha excelente relação com **LULA** e **PAULO OKAMOTO**.

Esses recursos de **VACCARI** para **LULA** eram necessários porque, nesta fase (início de 2014), **ANTONIO PALOCCI** começava a ter dificuldades de obter recursos para financiar as despesas “por fora” do **INSTITUTO LULA**, conforme narrado em anexo específico.

Concomitante a isso, **GRAÇA FOSTER**, agora na Presidência da **PETROBRAS**, inicia um movimento para tirar **FERRAZ** da **SETE BRASIL**. **FERRAZ**, ao saber do movimento, vai até **PALOCCI** e pede apoio. O Colaborador, apesar de manter boa relação com **FERRAZ**, não vê como interferir no assunto e leva a questão para **LULA**, o qual diz que vai resolver o assunto.

LULA chama **GRAÇA FOSTER** e **RENATO DUQUE** várias vezes no **INSTITUTO LULA** e passa a pilotar diretamente o assunto da **SETE BRASIL**, percebendo que **PALOCCI** não se envolve totalmente com a causa. **LULA** cobrava ações de **DUQUE** mesmo após este ter deixado a **PETROBRAS**. Quanto a **GRAÇA FOSTER**, ela atende aos chamados de **LULA**, mas na verdade representa os interesses de **DILMA**, sendo importante considerar que, nesta fase: (a) há um atrito de bastidores entre **LULA** e **DILMA** para definir quem será o candidato em 2014; (b) surge a preocupação de que a Lava Jato vai chacoalhar a rosela.

Sem se afastar do assunto, **PALOCCI** vai a **ANDRÉ ESTEVES** e tem uma conversa franca com ele, percebendo que **ESTEVES** (importante sócio da **SETE BRASIL**) quer atender **GRAÇA FOSTER** no que se refere à troca de **FERRAZ**, mas sente que **FERRAZ** tem o apoio de **LULA** e “opera” com **PALOCCI**. Então, **PALOCCI** esclarece que não está fazendo qualquer operação com **FERRAZ** e que ele e **GRAÇA** podem ficar a vontade sobre quem colocar na Presidência da **SETE BRASIL**. De qualquer forma, **PALOCCI** pontua que a opinião de **LULA** pode ser diferente e que **ANDRÉ ESTEVES**, por ter acesso fácil ao ex-presidente, pode consultá-lo sobre o assunto, se desejar.

ANDRÉ ESTEVES se mostra agradecido e aliviado com a visita de **ANTONIO PALOCCI**, sendo que, em menos de 10 dias, **FERRAZ** é demitido.

– IV –

Diretoria de Marketing

No primeiro governo **LULA**, o Sr. **WILSON SANTARROSA** foi nomeado para a diretoria de Marketing da **PETROBRAS**. Sua nomeação foi feita, por **LULA**, já se antevendo uma longa e consistente operação ilícita. O esquema ilícito funcionava da seguinte forma: existiam três agências de publicidade contratadas pela diretoria de Marketing, a **NBS/QUE**, **HEADS** (ligada a **PAULO BERNARDO**) e **FCB**, cujo principal interlocutor era **DUDU GODOY**, da empresa **QUÊ**. O lucro das empresas sobre o contrato de marketing era de 20% do valor do contrato. Cada empresa ficava incumbida de repassar 3% do total do contrato, ao diretor **SANTARROSA**, a **LULA** e a **LUIZ MARINHO**. O recolhimento desses valores ficava a cargo de **LUIZ FERNANDO TEIXEIRA FERREIRA**, que passava nas empresas para pegar malas de dinheiro em espécie. Para se ter em mente o vulto dos valores a que está-se referindo, só no ano de 2015, a **PETROBRAS** gastou R\$ 1,3 bilhão com publicidade.

No ano de 2006, **PALOCCI** foi procurado por **DOMINGOS ALZUGARAY**, o qual lhe pediu uma ajuda, para conseguir um contrato da empresa **ISTOÉ** com a **PETROBRAS**. Atendendo ao pedido de **ALZUGARAY**, **ANTONIO PALOCCI** ligou para **SANTARROSA** e solicitou que a

PETROBRAS realizasse um contrato com a **ISTOE**. Por sua vez, **SANTARROSA** disse que poderia fazer, sem nenhum problema. Em suma, foi realizado um contrato da **PETROBRAS** com a **ISTOE**, consistente na alocação de 58 páginas de anúncio da **PETROBRÁS** na revista veiculada a partir de setembro de 2006, por R\$ 2,6 milhões. **DOMINGOS** ficou muito "agradecido" e, em contrapartida a esse contrato, determinou que **LEONARDOARTUCHI** fizesse uma reportagem de capa com **ANTONIO PALOCCI**, meses antes dele se tornar candidato a Deputado Federal.

- V -

Doação na Campanha Presidencial de 2010

Poucos dias antes das eleições presidenciais de 2010, **ANTONIO PALOCCI** recebeu um telefonema de **MARCOS DE QUEIROZ GALVÃO**, um dos proprietários da construtora **QUEIROZ GALVÃO**, o qual pediu um encontro com o mesmo no escritório da **PROJETO**, em São Paulo/SP. **ANTONIO PALOCCI** disse que poderia receber **MARCOS DE QUEIROZ GALVÃO** e o encontro foi marcado. Na sequência, **MARCOS DE QUEIROZ GALVÃO** foi até a **PROJETO**. Na reunião, ele relatou a **ANTONIO PALOCCI** que estava ali para fazer uma doação de R\$ 2 milhões de reais para a campanha presidencial de **DILMA ROUSSEFF**. **MARCOS DE QUEIROZ GALVÃO** disse que tinha vindo fazer a "doação" diretamente com **ANTONIO PALOCCI** à pedido de **PAULO ROBERTO COSTA** e que preferiria que ela fosse realizada por caixa dois, porque a origem do dinheiro era ilícita e estava vinculada aos negócios da empresa com a **PETROBRÁS**. Nesse contexto, **ANTONIO PALOCCI** agradeceu a doação e pediu que **MARCOS DE QUEIROZ GALVÃO** procurasse um dos dois tesoureiros da campanha presidencial de 2010 (**JOSÉ DE FILIPPI** ou **JOÃO VACCARI**) para operacionalizar o recebimento dos valores, o que foi aceito por este. Dias mais tarde, **ANTONIO PALOCCI** recebeu a confirmação por parte de integrantes do **PARTIDO DOS TRABALHADORES** de que a empresa tinha, efetivamente, realizado a doação de R\$ 2 milhões de reais por caixa dois para o **PT**.

Elementos de
Corroboração

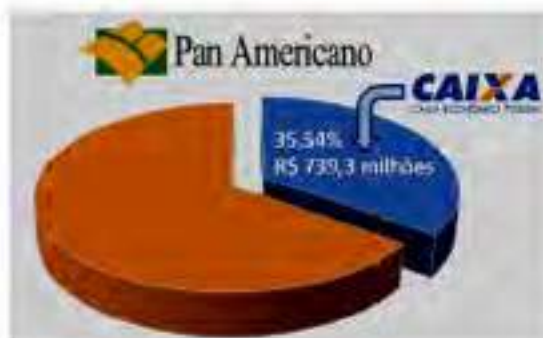
- a) Bilhetagem telefônica;
- b) Capa da Revista ISTOÉ DINHEIRO;
- c) Publicidade na Revista ISTOÉ;

ANEXO 13

BANCO PANAMERICANO

Sínpse

No começo do ano de 2009, **ANTONIO PALOCCI** foi procurado por **LUIZ SEBASTIÃO SANDOVAL**, presidente do grupo **SILVIO SANTOS**, no seu escritório em São Paulo/SP. No encontro, **LUIZ SEBASTIÃO SANDOVAL** disse que gostaria da intermediação de **ANTONIO PALOCCI** numa operação junto à **CAIXA ECONÔMICA FEDERAL**. Na verdade, o banco **PANAMERICANO**, que pertencia ao **GRUPO SILVIO SANTOS**, passava dificuldades; e o desejo de **LUIZ SEBASTIÃO SANDOVAL** era vender uma parte do banco para a **CAIXA ECONÔMICA FEDERAL**, para, assim, melhorar a situação financeira do banco **PANAMERICANO**. **ANTONIO PALOCCI** disse que não poderia intermediar a venda porque a **CAIXA ECONÔMICA** era um banco público, mas que, se a venda fosse feita a um banco privado, ele, **ANTONIO PALOCCI**, poderia intermediar o negócio. **LUIZ SEBASTIÃO SANDOVAL** não se deu por satisfeito com a posição de **ANTONIO PALOCCI** e disse que iria ver como poderia resolver a questão de outra forma. Dias mais tarde, **ANTONIO PALOCCI** recebeu outra visita de **LUIZ SEBASTIÃO SANDOVAL**. Ele disse que, após o encontro acima relatado, se reuniu com **GUIDO MANTEGA** e pediu que este o ajudasse na venda de parte do banco **PANAMERICANO** para a **CAIXA ECONÔMICA FEDERAL**. Ainda segundo **LUIZ SEBASTIÃO SANDOVAL**, **GUIDO MANTEGA** se mostrou favorável a intermediar a operação, mas pediu um "comissionamento" para o **PARTIDO DOS TRABALHADORES** em troca da compra que seria realizada pela **CAIXA ECONÔMICA FEDERAL**, o que foi aceito pelas partes envolvidas na operação. Em seguida, no dia 02 de dezembro de 2009, a **CAIXA ECONÔMICA FEDERAL** comprou 35% do **BANCO PANAMERICANO** por R\$ 739,3 milhões.



Tempos mais tarde, **ANTONIO PALOCCI**, em razão da posição de importância que ocupava junto ao **PARTIDO DOS TRABALHADORES**, foi informado que, para obter a compra, o Banco **PANAMERICANO** pagou o valor de R\$ 19 milhões de reais em vantagens indevidas para o **PARTIDO DOS TRABALHADORES**. Tal recebimento foi coordenado por **GUIDO MANTEGA** junto com o vice-presidente da **CAIXA ECONÔMICA FEDERAL**, **MARCIO PERCIVAL**, tendo sido operacionalizado no exterior, sendo que a conta recebedora desse valor era de **JOESLEY BATISTA** nos Estados Unidos (conta do governo **LULA**). A conta pagadora foi uma conta do **BANCO PANAMERICANO**, no exterior.

Após a compra realizada pela **CAIXA ECONÔMICA FEDERAL**, descobriu-se que o **BANCO PANAMERICANO** tinha, antes da venda, maquiado os seus balanços, escondendo diversos débitos que possuía com seus credores. Diante da descoberta, **LUIZ SEBASTIÃO SANDOVAL** e **RAFAEL PALLADINO**, então presidente do banco, procuraram **ANTONIO PALOCCI** para resolver o escândalo. No encontro, **ANTONIO PALOCCI** disse para **LUIZ SEBASTIÃO SANDOVAL** e **RAFAEL PALLADINO** que a questão teria que ser resolvida junto ao **BANCO**

CENTRAL. Paralelamente a isso, **PALOCCI** falou com **DILMA ROUSSEFF**, na granja do Torto, dizendo que estava preocupado com o problema, porque a compra do **PANAMERICANO** pela **CAIXA ECONÔMICA FEDERAL** possuía como pano de fundo a prática de vários atos ilícitos. Em paralelo a isso, **SILVIO SANTOS** foi procurar **LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA**, no Palácio do Planalto. **SILVIO SANTOS** não estava entendendo o escândalo em torno do tema e queria pedir ao presidente que desse uma solução ao problema. Em seguida, **ANTONIOPALOCCI** falou com **LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA**, ocasião em que **LULA** perguntou a **ANTONIOPALOCCI** se tinha algum problema na situação. Diante da pergunta de **LULA**, **PALOCCI** lavou as mãos, passando a bola para **GUIDO**: “fale com **GUIDO**”, disse **PALOCCI** a **LULA**.

Fato é que, em meio a crise, **GUIDO MANTEGA** viajou para o exterior. A equipe do **BANCOCENTRAL** desesperada com o tema e preocupada em abafar o escândalo procurou **ANTONIOPALOCCI** para pedir auxílio com o assunto. Na conversa, **ALEXANDRETOMBINI** disse que uma das soluções possíveis era trazer o **BTG PACTUAL** para a operação, por intermédio do Fundo Garantidor de Créditos do Sistema Financeiro, no sentido de permitir que o **BTG PACTUAL** efetuasse a compra de outra parte do **BANCO PANAMERICANO**. Com isto, além de solucionar o tema, o Governo ofereceria uma boa operação para **ANDRE ESTEVES**, o qual era “parceiro” do governo. Diante da proposta, **PALOCCI** sugere que **TOMBINI** ligue para **SILVIO SANTOS** para convencê-lo a vender outra parte do **BANCO PANAMERICANO** para o **BTG PACTUAL** enquanto que ele, **ANTONIO PALOCCI**, ligaria para **ANDRE ESTEVES** para informar que ele teria preferência na compra e, por causa disso, deveria realizá-la imediatamente. Após a ligação, uma parte do Banco **PANAMERICANO** foi comprado pelo Banco **BTG PACTUAL**.

Tempos mais tarde, **ANTONIO PALOCCI** foi até a casa de **ANDRE ESTEVES** em São Paulo/SP para tomar um café com este. No encontro, **ANTONIO PALOCCI** perguntou como estava a questão do Banco **PANAMERICANO**. **ANDRE ESTEVES** disse que o tema ia bem, e que a **CAIXA ECONÔMICA FEDERAL** iria realizar mais um aporte de R\$ 1 bilhão de reais no banco. **ANTONIOPALOCCI** indagou a **ANDRE ESTEVES** se não era muito cedo para a **CAIXA ECONÔMICA FEDERAL** realizar mais um aporte. Em resposta, **ANDREESTEVES** apenas assentiu com a cabeça, mas afirmou que as coisas tinham sido decididas dessa forma entre ele e **GUIDOMANTEGA**. No diálogo, ficou claro que, em razão de tal aporte, **ANDRE ESTEVES** tinha realizado novo pagamento de vantagens indevidas para o **PARTIDO DOS TRABALHADORES**.

Dados de Corroboração

- a) Históricos de aquisição;
- b) Extratos bancários das contas no exterior;
- c) Agenda pessoal de **ANTONIO PALOCCI**;

ANEXO 14

GOVERNADOR FERNANDO PIMENTEL – PROPINA E CAIXA DOIS

Sinopse

Com relação ao atual governador de Minas Gerais, **FERNANDO PIMENTEL**, dois temas merecem destaque: (a) o primeiro sobre a sua participação e recebimento de parte da propina distribuída pela **CAMARGO CORRÊA**, referente à “Operação Castelo de Areia”; (b) o segundo sobre o uso de “caixa dois” para a manutenção da casa clandestina que funcionou como “quartel general” da “guerra de dossiês” na campanha para a presidência de 2010.

(a) Distribuição da Propina da Camargo Corrêa:

Na época da doação dos R\$ 50 milhões pela **CAMARGO CORRÊA**, **FERNANDO PIMENTEL** foi um dos beneficiados pela distribuição, a fim de financiar a sua campanha ao Senado, tendo recebido R\$ 2 milhões. **FERNANDO PIMENTEL** participava da coordenação da campanha de **DILMA** e sabia que a distribuição dos valores seria para esconder o valor global exorbitante da propina recebida, completamente fora do razoável. **ANTONIO PALOCCI** já esclareceu que participou da articulação para estabelecer a distribuição do repasse do dinheiro da **CAMARGO CORRÊA**, podendo confirmar que **PIMENTEL** foi um dos participantes desta articulação.

EMPRESA	VALOR	DESTINATÁRIO	VALOR	VALOR	VALOR	VALOR	VALOR	VALOR	VALOR
EMPRESA 1	10.000.000,00	EMPRESA 1	10.000.000,00	10.000.000,00	10.000.000,00	10.000.000,00	10.000.000,00	10.000.000,00	10.000.000,00
EMPRESA 2	10.000.000,00	EMPRESA 2	10.000.000,00	10.000.000,00	10.000.000,00	10.000.000,00	10.000.000,00	10.000.000,00	10.000.000,00
EMPRESA 3	10.000.000,00	EMPRESA 3	10.000.000,00	10.000.000,00	10.000.000,00	10.000.000,00	10.000.000,00	10.000.000,00	10.000.000,00
EMPRESA 4	10.000.000,00	EMPRESA 4	10.000.000,00	10.000.000,00	10.000.000,00	10.000.000,00	10.000.000,00	10.000.000,00	10.000.000,00

Quando foi realizada a oferta pela **CAMARGO CORRÊA**, **PIMENTEL** participou da discussão para definir se o valor ficaria todo para a campanha de **DILMA** ou se fariam a distribuição entre os candidatos do **PT**, a fim de disfarçar o *quantum* global. **DILMA** falou que pediria que fosse “caixa dois”, mas foi desestimulada por **ANTONIO PALOCCI**, sendo que então resolveram fazer a distribuição. **PIMENTEL** foi beneficiado então com a quantia de R\$ 2 milhões, sabedor da origem ilícita.

(b) A Casa da Guerra dos Dossiês:

Ainda sobre **FERNANDO PIMENTEL**, na campanha de 2010, o hoje Governador protagonizou um caso que acabou exigindo o uso de “caixa dois”. Foi a situação envolvendo a denominada “casa 5”, clandestinamente estruturada para atuar na parte de jornalismo e preparação de dossiês (guerra de campanha).

PIMENTEL trouxe para a campanha de **DILMA** um dossiê encomendado por **AÉCIO NEVES** contra **JOSÉ SERRA**, tendo passado a circular que o **PT** teria este dossiê, o qual se encontrava na posse de um jornalista chamado **LANZETTA**. Outro jornalista, o **EURÍPEDES da VEJA**, descobriu a situação e procurou **ANTONIO PALOCCI** narrando que tinha conhecimento do que estava acontecendo. **ANTONIO PALOCCI** ligou então para **DILMA** para avisar e ela pediu para o Colaborador cuidar disso.

Procurando se inteirar melhor sobre o que estava acontecendo, **ANTONIO PALOCCI**

vem a saber, por intermédio dos jornalistas da campanha, que seria “coisa do **FERNANDO PIMENTEL**”. Consultado informalmente, **PIMENTEL** confirma ao Colaborador que a casa clandestina efetivamente existia.

PIMENTEL explica que o tal dossiê havia sido feito a pedido de **AÉCIO** contra o **SERRA** e que, posteriormente, contratou **LANZETTA** para ter em mãos toda a documentação. **ANTONIO PALOCCI**, ao se inteirar exatamente do que estava acontecendo, sugeriu fechar a casa e mandar todo mundo embora, até porque não fazia parte formal da campanha e poderia vir a se tornar um grave problema, notadamente porque a imprensa já estava sondando o assunto.

ANTONIO PALOCCI também voltou a procurar **EURÍPEDES**, a fim de minimizar o problema e marcou uma reunião entre este e **DILMA** para esclarecer a situação.

No meio da campanha de 2010, **GILES** procurou o Colaborador dizendo que era preciso arrumar um dinheiro para pagar “os *meninos da casa 5*”, resquício que ficou para trás. A fim de que o problema não ficasse ainda maior, o Colaborador falou com tesoureiro da campanha de **DILMA** para que este arranjasse dinheiro por fora para pagar a tal casa, a qual tinha um custo médio mensal de R\$ 500 mil.

**Dados de
Corroboração**

- a) Doações para Fernando Pimentel;
- b) Bilhetagem telefônica;

ANEXO 15

DOAÇÕES PARA A CAMPANHA DE GLEISI HOFFMANN AO SENADO EM 2010

Síntese

Em 2010, quando ainda era Deputado Federal, **ANTONIO PALOCCI** se encontrou com **PAULBERNARDO**, então Ministro do Planejamento, no comitê da campanha presidencial de **DILMAROUSSEFF**. No encontro, **PAULO BERNARDO** solicitou que **ANTONIOPALOCCI** providenciasse doações formais e informais para a campanha da então candidata ao Senado **GLEISI HOFFMANN**. Diante da solicitação, **ANTONIO PALOCCI** obteve as seguintes doações de campanha para a Senadora **GLEISI HOFFMANN**:

a) Doação oficial da empresa **CAMARGO CORRÊA**, no valor de R\$ 1.000.000,00, realizada por intermédio de diversos depósitos na conta da campanha da então candidata: (1) R\$ 250.000,00 (03/08/2010); (2) R\$ 500.000,00 (17/08/2010) (3) R\$ 125.000,00 (17/09/2010); (4) R\$ 125.000,00 (22/09/2010). Vale dizer que tal doação era, em verdade, repasse de vantagens indevidas obtidas pelo **PARTIDO DOS TRABALHADORES** no âmbito da "operação **CASTELO DE AREIA**", conforme já narrado em anexo específico. **ANTONIO PALOCCI** solicitou diretamente a **DILMA ROUSSEFF** que parte do valor da vantagem indevida obtida em tal operação fosse repassada à Senadora **GLEISI HOFFMANN**, o que foi prontamente aceito pela ex-presidente. **ANTONIO PALOCCI** informou a **PAULO BERNARDO** a origem dos valores, o qual pediu que a doação fosse realizada de qualquer forma, ainda que sua origem fosse ilícita. Nesse contexto, **JOSE DE FILIPPI JUNIOR** ficou responsável por ir até a **CAMARGO CORRÊA** para operacionalizar a doação oficial junto à empresa, informando os dados da conta bancária da candidata **GLEISI HOFMANN**;

b) Doação por via de caixa dois da empresa **ODEBRECHT**, no valor de R\$ 2 milhões de reais. Tal montante foi acordado por **ANTONIO PALOCCI** com **MARCELO ODEBRECHT**, o qual descontou a doação da conta corrente que o **PARTIDO DOS TRABALHADORES** tinha com a **ODEBRECHT**;

c) Doação oficial da empresa **OAS**, próxima de R\$ 800 mil. A doação foi realizada por dois depósitos: (i) R\$ 500.000,00 (09/08/2010); e (ii) R\$ 280.000,00 (29/09/2010).

Elementos de Corroboracão

- a) Extrato de doações oficiais;
- b) Bilhetagem telefônica: **ANTONIO PALOCCI** e **PAULO BERNARDO**; **ANTONIO PALOCCI** e **MARCELO ODEBRECHT**; **ANTONIO PALOCCI** e **BRANISLAV**;
- c) Agenda pessoal eletrônica **ANTONIOPALOCCI**;
- d) Registros de entrada e saída da empresa **ODEBRECHT**;
- e) Registros de entrada e saída da empresa **OAS**;
- f) Depoimento **MARCELO ODEBRECHT**;
- g) Planilha **ODEBREHCT**;
- h) Depoimento **LEO PINHEIRO**.

ANEXO 16

DOAÇÕES PARA A CAMPANHA DE CARLOS ZARATTINI EM 2010

Sinopse

No ano de 2010, o então candidato a Deputado Federal **CARLOS ZARATTINI** procurou o assessor de **ANTONIO PALOCCI**, **BRANISLAV KONTIC**. No encontro, o Deputado Federal disse a **BRANISLAV KONTIC** que precisava de doações para sua campanha, as quais poderiam ser realizadas por via oficial ou por caixa dois. Assim sendo, **CARLOS ZARATTINI** pediu que **BRANISLAV KONTIC** falasse com **ANTONIO PALOCCI**, para solicitar ao mesmo a obtenção de tais doações. **BRANISLAVKONTIC** conversou então com **ANTONIO PALOCCI** e transmitiu a ele o pedido do Deputado Federal **CARLOS ZARATTINI**. Nesse contexto, **ANTONIO PALOCCI** determinou que **BRANISLAV KONTIC** fosse até a **ODEBRECHT** e solicitasse uma doação extraoficial para **CARLOS ZARATTINI**, dentro dos compromissos que **MARCELO ODEBRECHT** tinha com o Colaborador para a campanha de 2010. **BRANISLAV KONTIC** foi então até a **ODEBRECHT** e obteve a doação não oficial de R\$ 50 mil reais para **CARLOS ZARATTINI**.

O valor foi acordado entre **BRANISLAVKONTIC** e **HILBERTOMASCARENHAS/FERNANDOMIGLIACCIO** e foi entregue diretamente ao então candidato **CARLOS ZARATTINI** por **BRANISLAV KONTIC**. Vale dizer que **CARLOS ZARATTINI** tinha pleno conhecimento da origem ilícita dos valores que abasteceram a sua campanha eleitoral.

Depois de eleito, **ZARATTINI** é nomeado como Relator do projeto de conversão em Lei da Medida Provisória Anticorrupção. Assim, em vista da contribuição para a campanha, **PALOCCI** mantém tratativas com **ZARATTINI** para que este atenda aos pleitos das empreiteiras, a partir de emendas para amenizar as exigências da referida MP. **ZARATTINI** atende parcialmente os pleitos das empreiteiras e volta a receber doações nas eleições de 2014.

Elementos de Corroboração

- a) Registros de entrada e saída **PROJETO**;
- b) Registros de entrada e saída **ODEBRECHT**;
- c) Depoimento **MARCELO ODEBRECHT**;
- d) Depoimento **HILBERTO MASCARENHAS**;
- e) Depoimento **FERNANDO MIGLIACCIO**;
- f) Planilha **ODEBRECHT**;

ANEXO 17

DOAÇÕES PARA A CAMPANHA DE JILMAR TATTO EM 2010

Síntese

Durante a campanha de 2010, **JILMAR TATTO** procurou **ANTONIO PALOCCI** e solicitou ao mesmo a obtenção de doações para a sua campanha eleitoral para Deputado Federal. **ANTONIO PALOCCI** disse que iria obter o recurso e indagou ao então candidato se a doação poderia ser realizada via caixa dois. Diante da resposta afirmativa do mesmo, **ANTONIOPALOCCI** foi até a **ODEBRECHT** e solicitou a **MARCELO ODEBRECHT** a doação de R\$ 500 mil ao candidato, dentro dos compromissos da empresa com a campanha do **PT** em 2010.

Elementos de Corroboração

- a) Registros de entrada e saída **ODEBRECHT**;
- b) Planilha **ODEBRECHT**;
- c) Depoimento **HILBERTO MASCARENHAS**;
- d) Depoimento **FERNANDO MIGLIACCIO**.

ANEXO 18

DOAÇÕES PARA A CAMPANHA DE TIÃO VIANA 2010

Síntese

No ano de 2010, o Senador **JORGE VIANA** solicitou a **ANTONIO PALOCCI** a obtenção de doações de campanha, por via oficial ou caixa dois, para a candidatura do seu irmão, **TIÃO VIANA**, ao governo do Acre. Nesse contexto, **ANTONIO PALOCCI** foi conversar com **MARCELO ODEBRECHT** e solicitou a este a realização de doações para a campanha de **TIÃO VIANA**, dentro dos compromissos da empresa com o **PT** na campanha eleitoral de 2010. Assim sendo, a **ODEBRECHT** doou R\$ 2 milhões de reais para a campanha de 2010 do Governador **TIÃO VIANA**, descontando tais doações das vantagens indevidas acordadas entre a empresa e o **PARTIDO DOS TRABALHADORES**. Tal "doação", que em verdade tratava-se do repasse de vantagens ilícitas, foi realizada da seguinte forma: a) R\$ 500 mil reais em doação oficial; b) R\$ 1,5 milhão de reais em caixa dois.

Elementos de corroboração

- a) Extratos de doação oficial;
- b) Registros de entrada e saída **ODEBRECHT**;
- c) Planilha **ODEBRECHT**;
- d) Depoimento **MARCELO ODEBRECHT**.

ANEXO 19

DOAÇÕES PARA A CAMPANHA DE LINDBERG FARIAS

Sinopse

No ano de 2010, o candidato ao Senado **LINDBERG FARIAS** foi até o apartamento funcional do então Deputado Federal **ANTONIO PALOCCI** em Brasília/DF, para solicitar doações para sua campanha eleitoral. **ANTONIO PALOCCI** disse que iria ajudar o candidato, pedindo uma doação para a **ODEBRECHT** e indagou se tal doação poderia ser realizada por caixa dois. O Senador **LINDBERG FARIAS** aceitou que a doação fosse feita via caixa dois. **ANTONIO PALOCCI** foi então até **MARCELO ODEBRECHT** e pediu para que a **ODEBRECHT** realizasse uma doação eleitoral para a campanha de **LINDBERG FARIAS**, dentro dos compromissos da empresa com o **PT** na campanha de 2010. Dessa forma, a **ODEBRECHT** realizou a doação de R\$ 3,2 milhões de reais para a campanha do Senador **LINDBERG FARIAS** em 2010. Vale dizer que o Senador **LINDBERG FARIAS** tinha pleno conhecimento de que tais valores eram originados da relação entre a **ODEBRECHT** e o governo do **PT**.

Elementos de corroboração

- a) Bilhetagem telefônica **LINDBERG FARIAS** e **ANTONIO PALOCCI**;
- b) Registros de entrada e saída **ODEBRECHT**;
- c) Planilha **ODEBRECHT**;
- d) Depoimento **MARCELO ODEBRECHT**.

ANEXO 20

ATOS DE OBSTRUÇÃO À JUSTIÇA

Síntese

ANTONIO PALOCCI percebeu que a Lava Jato poderia trazer graves consequências para ele e para o **PARTIDO DOS TRABALHADORES** quando **DILMA ROUSSEFF** deu uma declaração ao jornal **ESTADÃO** dizendo que tinha sido enganada na aquisição da **REFINARIA DE PASADENA** (Texas/EUA) quando fazia parte do Conselho de Administração da **PETROBRÁS**. Em verdade essa notícia alarmou **ANTONIO PALOCCI** porque ela significa, em trocado e miúdos, que a então Presidente da República admitia a existência de procedimentos graves na **PETROBRÁS**.

Nesse contexto, **ANTONIO PALOCCI** se encontrou com **LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA**, em um hotel em São Paulo/SP, e disse ao ex-presidente que estava preocupado com os destinos da operação. No encontro, **LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA** também confessou estar preocupado, sobretudo porque achava que **DILMA ROUSSEFF** jogaria toda a responsabilidade dos ilícitos ocorridos na **PETROBRÁS** em cima de sua pessoa. Desde então, as preocupações com os rumos da operação passaram a ser mais intensas e diversas reuniões entre **ANTONIO PALOCCI**, **DILMA ROUSSEFF** e **LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA** foram realizadas para discutir o tema. Nesses encontros, a implementação de diversas medidas era cogitada: **(a)** trocar os delegados envolvidos na operação; **(b)** fazer pressões sobre os juizes envolvidos nos procedimentos.

Nesse ínterim, ocorre a sétima fase da operação Lava Jato e todos ficam ainda mais assustados. É aí que a cúpula do **PARTIDO DOS TRABALHADORES** decide tomar duas atitudes mais concretas visando obstruir o seguimento da operação. De um lado, a indicação de um novo Ministro para o **SUPERIOR TRIBUNAL DE JUSTIÇA**. De outro lado, a nomeação de **LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA** para o cargo de Ministro da Casa Civil.

- 1 -

PRIMEIRO ATO DE OBSTRUÇÃO À LAVA JATO: NOMEAÇÃO DE MARCELO NAVARRO

No âmbito do **SUPERIOR TRIBUNAL DE JUSTIÇA**, a relatoria dos processos envolvendo a operação Lava Jato ficou a encargo do então Desembargador Federal convocado **NEWTON TRISOTTO**. Portanto, o próximo ministro indicado para o **SUPERIOR TRIBUNAL DE JUSTIÇA** seria responsável, justamente, por julgar tais processos. Nesse contexto, a cúpula do **PARTIDO DOS TRABALHADORES**, em articulação com outros políticos, montou uma “contraoperação” para escolher um novo nome para o **SUPERIOR TRIBUNAL DE JUSTIÇA**, de forma que o novo ministro indicado ficaria encarregado de barrar a operação Lava Jato no **SUPERIOR TRIBUNAL DE JUSTIÇA**.

Por parte do **PARTIDO DOS TRABALHADORES**, participaram de tal operação as seguintes pessoas: **LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA**, **DILMA ROUSSEFF**, **JOSÉ EDUARDO CARDOSO**, **ALOÍSIO MERCADANTE**, **DELÍDIO DO AMARAL**. **ANTONIO PALOCCI** acompanhou o processo em diferentes reuniões com **LULA**. Como político de outro partido envolvido na operação, participou da “contraoperação” o Senador **RENAN CALHEIROS**. Em verdade, **RENAN CALHEIROS** foi o primeiro político que sugeriu o nome de **MARCELO NAVARRO** para o cargo. Além disso, frise-se que, durante o procedimento de nomeação de **MARCELO NAVARRO**, **RENAN CALHEIROS** ligou para **ANTONIO PALOCCI** para verificar se este estava de acordo com o nome indicado por ele.

Foi então que o Ministro **MARCELO NAVARRO** foi indicado para o **SUPERIOR TRIBUNAL DE JUSTIÇA**, sendo que, em contrapartida à sua nomeação, o seu primeiro ato como Ministro seria o de conceder o *Habeas Corpus* nº 339.037, para soltar **MARCELO ODEBRECHT**.

Fato é que, no dia 03/12/2015, já como ministro do **SUPERIOR TRIBUNAL DE JUSTIÇA**, **MARCELO NAVARRO** votou para interromper a prisão preventiva de **MARCELO ODEBRECHT** no referido *Habeas Corpus*, mas restou vencido na votação colegiada, razão pela qual **MARCELO ODEBRECHT** continuou preso. No entanto, esse não foi o único ato de obstrução praticado contra a operação Lava Jato.

- II -

**SEGUNDO ATO DE OBSTRUÇÃO À LAVA JATO:
NOMEAÇÃO DE LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA**

Em 2016, o governo de **DILMA ROUSSEFF** abriu o ano com grande instabilidade. De um lado, a então presidente estava sob a ameaça de impeachment. De outro lado, **LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA** estava sob a ameaça de ser preso. Nesse contexto, começou-se a cogitar a nomeação de **LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA** para exercer o cargo de Ministro do governo **DILMA**. Tal nomeação atingiria um duplo escopo. Em primeiro lugar, ela daria mais força ao governo **DILMA**. Em segundo lugar, e sobretudo, ela conferiria foro privilegiado ao ex-presidente **LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA**, o que o afastaria da competência da 13ª Vara Federal de Curitiba/PR.

O plano começa então a ser discutido perante a cúpula do **PARTIDO DOS TRABALHADORES**, em algumas reuniões das quais **ANTONIO PALOCCI** participou. Em tais encontros, **LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA** sempre indagou a **ANTONIO PALOCCI** o que ele achava da sua nomeação para compor o quadro de ministros do Governo **DILMA ROUSSEFF**. **ANTONIO PALOCCI** sempre disse que entendia o receio de **LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA** em ser preso, mas que a sua entrada no Governo Federal não seria uma boa escolha em termos políticos, pois poderia agravar a crise. Fato é que, em 04/03/2016, a condução coercitiva de **LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA** foi decretada pelo juízo da 13ª Vara Federal de Curitiba/PR, o que aumentou o receio de ser preso. Por conta disto, visando exclusivamente a obtenção do foro privilegiado, **LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA** é nomeado Ministro da Casa Civil por **DILMA ROUSSEFF** em 17/03/2016. Em verdade, dias antes da sua nomeação, **LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA** conversou com **ANTONIO PALOCCI** para saber novamente a opinião deste sobre o tema e, no encontro, ficou claro que **LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA** já havia decidido compor os quadros do Governo **DILMA ROUSSEFF** apenas para obter o foro privilegiado. **ANTONIO PALOCCI**, novamente, mostrou-se contrário à nomeação, mas isso não foi suficiente para dissuadir **LULA** da ideia. Por fim, sublinhe-se que a nomeação de **LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA** para o cargo de Ministro da Casa Civil foi adiantada em alguns dias por **DILMA ROUSSEFF** porque o Palácio do Planalto recebeu a informação de que a prisão do ex-presidente estava prestes a ser decretada pelo juízo da 13ª Vara Federal de Curitiba/PR. Dessa forma, adiantou-se a nomeação de **LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA** em alguns dias para evitar que eventual decisão da 13ª Vara Federal de Curitiba/PR pudesse ser cumprida.

**Dados de
Corroboração**

- a) Bilhetagem Telefônica;
- b) Nomeação Ministro Navarro e Decisão;
- c) Interceptação Telefônica.

ANEXO 21

ENGEFORM

Síntese

Ato ilícito

Atuação perante a PETROBRAS, juntamente com José Dirceu, para fazer com que a ENGEFORM conseguisse integrar o rol de empresas que mantinham contratos com a PETROBRAS.

Vantagem Indevida

Repasses a ANTONIO PALOCCI via empresa de consultoria PROJETO, totalizando R\$ 160 mil reais.

No final do ano de 2011, a ENGEFORM fez uma operação de vantagem indevida em contrapartida a benefícios ilícitos viabilizados por ANTONIO PALOCCI e JOSÉ DIRCEU. A intenção de REINALDO ABUCHAM (da empresa ENGEFORM) era entrar no denominado "clube" das empreiteiras que cartelizava o mercado da PETROBRAS. A vantagem indevida está corroborada por prova documental, consistente na contratação da consultoria de ANTONIO PALOCCI, ocorrida a partir do início do ano de 2012. Em verdade, foi feito um contrato falso de prestação de serviços para dissimular a destinação ilícita dos valores.

Data	Valor
09/01/2012	R\$ 20.000,00
07/02/2012	R\$ 20.000,00
12/03/2012	R\$ 20.000,00
10/04/2012	R\$ 20.000,00
07/05/2012	R\$ 20.000,00
05/06/2012	R\$ 20.000,00
06/07/2012	R\$ 20.000,00
06/08/2012	R\$ 20.000,00

Em contrapartida a essas vantagens indevidas dissimuladas sob a roupagem de honorários de consultoria, ANTONIO PALOCCI intermediou um encontro para apresentar JOSÉ DIRCEU a REINALDO ABUCHAM. Com efeito, era necessário que JOSÉ DIRCEU ingressasse na empreitada porque ele era quem dentro do partido tratava do assunto PETROBRAS. Depois desse encontro, inicia-se a segunda parte da história, em que se consuma a contrapartida ilícita da vantagem indevida: a contratação da empresa ENGEFORM pela PETROBRAS. Dessa forma, de um lado, a empresa ENGEFORM foi contratada pela PETROBRAS e, de outro lado, em contrapartida, ela realizou o pagamento de vantagens indevidas a ANTONIO PALOCCI e JOSÉ DIRCEU.

Elementos de Corroboração:

- a) Contratos PROJETO CONSULTORIA;
- b) Bilhetagem telefônica;
- c) Procedimentos de contratação PETROBRAS;
- d) Notas fiscais PROJETO CONSULTORIA;
- e) Extrato bancário PROJETO CONSULTORIA;
- f) Depoimento motorista ANTONIO PALOCCI.

ANEXO 22

PARMALAT

Síntese

Em 2008, a **PARMALAT** tinha uma linha de crédito que estava "emperrada" e precisava ser liberada perante o **BANCO DO BRASIL**. Vale dizer que o **BANCO DO BRASIL** não estava liberando a linha de crédito porque esta era desfavorável para os interesses do banco. Ante a dificuldade em se liberar a linha de crédito que existia perante o **BANCO DO BRASIL**, o dono do fundo **LAEP** que havia recém adquirido a **PARMALAT**, **MARCOS ALBERTO ELIAS**, procurou o então deputado federal **ANTONIO PALOCCI**. A procura de **ANTONIO PALOCCI** se deveu ao fato de que foi ele quem, na condição de Ministro da Fazenda, havia nomeado **ROSSANO MARANHÃO** à presidência do **BANCO DO BRASIL**, tendo, pois, ascendência e forte influência sobre ele. Diante da procura de **MARCOS ALBERTO ELIAS**, **ANTONIO PALOCCI** aceitou operar a interferência junto à presidência do **BANCO DO BRASIL** para liberar a linha de crédito e, em contrapartida, recebeu R\$ 100 mil pagos a título de vantagem indevida a sua pessoa. Tal valor foi adimplido por intermédio de um contrato de consultoria firmado entre a **PARMALAT** e a **PROJETO**.

Nesse contexto, **ANTONIO PALOCCI** interferiu perante **ROSSANO MARANHÃO** e obteve junto a este a liberação do crédito para a **PARMALAT**. Em verdade, **ROSSANO MARANHÃO** se comprometeu a liberar o dinheiro, mesmo diante do fato de que tal linha de crédito era desfavorável ao **BANCO DO BRASIL**.

Elementos de corroboração

- a) Contrato de consultoria PROJETO;
- b) Notas fiscais PROJETO;
- c) Extrato bancário PROJETO;
- d) Entradas e saídas BANCO DO BRASIL;
- e) Procedimento de liberação de linha de crédito BANCO DO BRASIL.

ANEXO 23

FUSÃO ITAÚ-UNIBANCO

Síntese

Em 2008, o **UNIBANCO** enfrenta uma crise de confiança. Nesse contexto, no dia 02/11/2008, um domingo à noite, **ANTONIO PALLOCI** recebe uma ligação de **PEDRO MOREIRA SALLES**, anunciando que o **UNIBANCO** iria se fundir com o **ITAÚ**. O real motivo da ligação consistia no fato de que já era previsível que a operação pudesse ser objetada, por variadas razões: seja porque a fusão entre os bancos dominaria mais de 30% do mercado financeiro; seja porque **GUIDO MANTEGA** poderia ser contra a operação. Dessa forma, **PEDRO MOREIRA SALLES** aproveita o ensejo para desabafar com **ANTONIO PALLOCI** a respeito de **GUIDO MANTEGA** e solicitar o apoio de **ANTONIO PALLOCI** para que a fusão desse certo e fosse aprovada pelos órgãos competentes, dado que a relação de **PEDRO** com **GUIDO** era muito ruim.

Fato é que, pouco tempo depois, em 11 de dezembro de 2008, **ANTONIO PALLOCI** é designado para ser relator do Projeto de Lei nº 265/2007, que tramitava na **COMISSÃO DE FINANÇAS E TRIBUTAÇÃO**, e que transferia do **BANCO CENTRAL** para o **CADE** a análise dos casos de fusão bancária, notadamente no que diz respeito aos riscos econômicos para o sistema financeiro nacional em tais casos de fusão. O tema era importante, porque a análise da fusão entre o **ITAÚ** e o **UNIBANCO** poderia ser diretamente afetada com o andamento desse projeto de lei. Antes de receber a relatoria de tal projeto, **ANTONIO PALLOCI** já tinha se pronunciado sobre o tema, no entanto, como a análise do Projeto de Lei afetaria a fusão do **ITAÚ/UNIBANCO**, **ANTONIO PALLOCI** não quis dar andamento imediato à relatoria do projeto. Isto porque, se a análise de tal fusão passasse a ser de competência do **CADE**, este poderia não validar a operação realizada entre o Banco **ITAÚ** e o **UNIBANCO**. Nesse contexto, o **CADE** começou a pressionar **ANTONIO PALLOCI** para aprovar o projeto de Lei em questão o quanto antes, no sentido de transferir tal competência do **BANCO CENTRAL** para o **CADE**. Aliás, o presidente do **CADE** inclusive disse a **PALLOCI** que estava satisfeito que a relatoria caísse na mão dele, porque **PALLOCI** sempre foi favorável ao projeto de passar a análise das fusões bancárias do **BANCO CENTRAL** para o **CADE**. Na verdade essa era a posição oficial do Ministério da Fazenda, do **BANCO CENTRAL** e do **CADE** nos últimos anos.

Na sequência, **PALLOCI** entrou em contato com **HENRIQUE MEIRELLES** para dizer que estava com a relatoria do projeto, pedindo a posição do **BANCO CENTRAL** sobre o tema. Depois disso, **ALEXANDRE TOMBINI**, então diretor do **BANCO CENTRAL**, foi até a casa de **ANTONIO PALLOCI** levar uma grande documentação totalmente contrária à passagem do controle do **BANCO CENTRAL** para o **CADE**, o que destoava da própria posição do **BANCO CENTRAL** sobre o assunto. Isto porque, historicamente, o **BANCO CENTRAL** sempre se posicionou a favor da passagem de tal controle. No entanto, ficou claro na reunião que a posição inovadora do **BANCO CENTRAL** visava, assim como a posição de **ANTONIO PALLOCI**, não permitir que o **CADE** prejudicasse a fusão realizada entre o Banco **ITAÚ** e o **UNIBANCO**. Vale dizer que, durante a operação, **ANTONIO PALLOCI** sabia que **PEDRO MOREIRA SALLES** conversava tanto com **HENRIQUE MEIRELLES**, quanto com **ALEXANDRE TOMBINI** para assegurar o sucesso da fusão. Além disso, o próprio **ALEXANDRE TOMBINI** disse a **ANTONIO PALLOCI** que precisava que o então Deputado Federal não desse seguimento ao Projeto de Lei nº 265/2007. Ademais, também durante a tramitação do processo, **ANTONIO PALLOCI** conversou com **PEDRO MOREIRA SALLES**, o qual buscava assegurar que tudo daria certo e que a fusão do **ITAÚ** com o **UNIBANCO** não seria prejudicada. Depois de tais encontros e conversas, **ANTONIO PALLOCI**, visando assegurar o sucesso da fusão realizada entre os já mencionados bancos, "sentou em cima" do projeto de lei em questão e não deu mais andamento a sua relatoria. Fato é que, até hoje, o projeto continua engavetado e, depois da

saída de **ANTONIOPALOCCHI** da Câmara, o projeto foi arquivado. Na sequência, conforme já era esperado, em 18 de fevereiro de 2009, o **BANCO CENTRAL** aprovou a fusão entre o **ITAÚ** e o **UNIBANCO**.

Por conta da ajuda conferida aos bancos, durante a campanha de 2010, **PALOCCI** recebeu uma ligação do diretor financeiro do **ITAÚ UNIBANCO**, dizendo: “*vocês não estão precisando de dinheiro para a campanha? Estou aqui com o seu dinheiro e vocês não vem buscar pô*”. Diante disto, **ANTONIOPALOCCHI** acionou o tesoureiro da campanha, **JOSÉ DI FILIPE**, para fazer os ajustes e operacionalizar a doação. Então, foi feita a doação oficial no valor de R\$ 4 milhões de reais para a campanha presidencial de **DILMA ROUSSEFF**. Vale sublinhar que no diálogo travado entre **ANTONIO PALOCCI** e o diretor financeiro do **ITAÚ UNIBANCO** ficou claro que a doação realizada pelo banco era um agradecimento pela ajuda que o governo deu para que a fusão fosse aprovada pelo **BANCO CENTRAL**. Além disso, dois fatos chamam a atenção. A uma, contrariando a lógica de outras campanhas, a iniciativa da doação partiu do próprio banco, mesmo sem um pedido inicial do **PARTIDO DOS TRABALHADORES**. A duas, o fato que o Diretor Financeiro do **BANCO ITÁU/UNIBANCO** ligou para **ANTONIO PALOCCI** e não para o tesoureiro da campanha de 2010, justamente para vincular a doação ao ato de ofício não realizado por **ANTONIOPALOCCHI** como Deputado Federal em favor do **ITAÚ/UNIBANCO**.

Além disso, é preciso ressaltar é que o braço de banco de investimentos do **ITAÚ**, o banco **ITAÚ-BBA** já mantinha e manteve por longo período contrato de consultoria com a empresa **PROJETO**.

Elementos de Corroborarção

- a)** Bilhetagem eletrônica;
- b)** Histórico de tramitação do projeto de lei;
- c)** Entradas e saídas escritório de **ANTONIO PALOCCI**;
- d)** Doações oficiais de campanha 2010;
- e)** Histórico da fusão;
- f)** Histórico sobre as posições do **BANCO CENTRAL** e de **ANTONIO PALOCCI** sobre o tema
- g)** Contratos de consultoria da **PROJETO**;
- h)** Notas fiscais da **PROJETO**;
- i)** Extrato bancário da **PROJETO**;

ANEXO 24

BANCO BRADESCO

Sínpse

Dentre os bancos com os quais **ANTONIO PALOCCI** detinha proximidade, ele possuía antiga intimidade com o **BANCO BRADESCO**. Nesse contexto, diversas medidas foram praticadas por **ANTONIO PALOCCI** visando apoiar os interesses do **BANCO BRADESCO** no âmbito do Governo Federal. Tais atos possuíam como contrapartida doações oficiais realizadas pelo **BANCO BRADESCO** às campanhas eleitorais e, também, alguns pontuais pagamentos pessoais para realizados pelo Banco à **ANTONIO PALOCCI** por intermédio de palestras e consultorias que este prestava ao **BRADESCO**.

- 1 -

DEFESA DOS INTERESSES DO BRADESCO NA VALE DO RIO DOCE

A **VALE DO RIO DOCE** é uma empresa privada, cujos proprietários são: o **BANCO BRADESCO**; a **PREVI**; a **PETRUS**; a **FUNCEF**; o **BNDES**; e outros acionistas minoritários. Por conta da participação do **BNDES** e dos fundos de pensão na **VALE DO RIO DOCE**, a posição do Governo Federal é muito importante para o **BANCO BRADESCO**, pois ela se reflete diretamente nas decisões do Conselho de Administração da **VALE DO RIO DOCE**. Nesse contexto, **ANTONIO PALOCCI** sempre intercedeu junto ao Governo Federal para que a posição deste fosse harmoniosa com os interesses do **BANCO BRADESCO** junto à **VALE DO RIO DOCE**. Essas intervenções se desdobraram em duas frentes principais. De um lado, a manutenção de **ROGER AGNELLI** na presidência da empresa, indicado que fora pelo **BANCO BRADESCO**. De outro lado, a obtenção do apoio do **BANCO MUNDIAL**, para que a **VALE DO RIO DOCE** pudesse explorar minas de carvão em Moçambique, na África. Vejamos cada uma dessas frentes detalhadamente:

- (1) Por três vezes, **ANTONIO PALOCCI** interferiu diretamente no Governo Federal para obter a manutenção de **ROGER AGNELLI** na presidência da **VALE DO RIO DOCE**. A primeira vez ocorreu no ano de 2008. Durante a crise, o presidente **LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA** criticou publicamente algumas condutas de **ROGER AGNELLI** na direção da **VALE DO RIO DOCE**. Por conta disso, **ANTONIO PALOCCI** foi contatado por **LAZARO BRANDÃO**, presidente do Conselho de Administração **BRADESCO**, e por **LUIZ CARLOS TRABUCO**, presidente do **BANCOBRADESCO**, para obter a manutenção de **ROGER AGNELLI** na presidência da **VALE DO RIO DOCE**, a despeito das críticas presidenciais de **LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA**. Na qualidade de Deputado Federal do **PARTIDO DOS TRABALHADORES**, **ANTONIO PALOCCI** interferiu diretamente perante o presidente **LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA** para a manutenção de **ROGER AGNELLI** na presidência da **VALE DO RIO DOCE**, o que foi assentido pelo então Presidente. A segunda vez, ocorreu no ano de 2009. Nessa época, **ANTONIO PALOCCI** foi procurado por **LAZARO BRANDÃO**, que se dizia preocupado com a manutenção de **ROGER AGNELLI** na presidência da **VALE DO RIO DOCE**, porque o cargo estava sendo ameaçado por **EIKE BATISTA**, o qual queria assumir a presidência da companhia. **LAZARO** estava preocupado porque a saída de **ROGER AGNELLI** poderia prejudicar os interesses do **BRADESCO** na **VALE DO RIO DOCE**. **ANTONIO PALOCCI** se comprometeu a ajudar o Banco **BRADESCO** com o tema. Na sequência, **ANTONIO PALOCCI** fez uma visita na sede do **BTG** de **ANDRE ESTEVES** em São Paulo/SP. No encontro, **ANTONIO PALOCCI** perguntou se **ANDRE ESTEVES** sabia do plano que estava sendo orquestrado para colocar **EIKE BATISTA** na presidência da **VALE DO RIO DOCE**. **ANDRE ESTEVES** disse que

sim e que, na verdade, ele era o principal arquiteto do plano, pois com **EIKE BATISTA** na presidência da **VALE DO RIO DOCE** as coisas ficariam mais fáceis para todos, inclusive para o **PARTIDO DOS TRABALHADORES**. **ANDRE ESTEVES** disse, também, que estava cuidando do tema junto ao então Presidente da República **LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA**. **ANTONIO PALOCCI**, depois da visita e preocupado com o assunto, foi até o Palácio do Planalto para conversar com **LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA**, o qual disse estar informado sobre o tema e estar participando do projeto para mudar a presidência da **VALE DO RIO DOCE**. **ANTONIO PALOCCI** buscou demover **LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA** da ideia, pois a troca na presidência iria prejudicar a empresa. **LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA** disse que ia pensar no assunto. Nesse contexto, e após a conversa com o então Presidente da República, **ANTONIO PALOCCI** ligou para **LUIZ TRABUCO** e informa que estava tentando manter **ROGER** na presidência da **VALE DO RIO DOCE**, mas que efetivamente existia um projeto para colocar **EIKE BATISTA** na presidência da companhia. Fato é que a conversa de **ANTONIO PALOCCI** com **LULA** surte efeito e **ROGER AGNELLI** é mantido na presidência da **VALE DO RIO DOCE**. A última e terceira vez ocorre no ano de 2011. Na qualidade de Ministro da Casa Civil, **ANTONIO PALOCCI** foi procurado por **LAZARO BRANDÃO** porque este estava mais uma vez preocupado com a manutenção de **ROGER AGNELLI** na presidência da **VALE DO RIO DOCE**. **LAZARO** disse que, de um lado, **ROGER** não se dava bem com a então presidente **DILMA ROUSSEFF** e que, de outro lado, não tinha nenhuma interlocução com **GUIDO MANTEGA**. Por conta disso, ele, **LAZARO BRANDÃO**, achava que **ROGER AGNELLI** corria riscos e não conseguiria continuar presidente da **VALE DO RIO DOCE**. **ANTONIO PALOCCI**, na qualidade de Ministro da Casa Civil, foi até **DILMA ROUSSEFF** para discutir o tema e lutar pela manutenção de **ROGER AGNELLI** no cargo. No entanto, **ANTONIO PALOCCI** não teve força para fazer sua vontade prevalecer e, diante das críticas que **GUIDO MANTEGA** fez publicamente a **ROGER AGNELLI**, a então presidente da república **DILMA ROUSSEFF** disse que ela, infelizmente, teria que se posicionar a favor da saída de **ROGER AGNELLI** da presidência da **VALE DO RIO DOCE**. Fato é que em maio de 2011, mesmo depois dos esforços de **ANTONIO PALOCCI** junto ao governo e no exercício da função pública, **ROGER AGNELLI** deixou a presidência da **VALE DO RIO DOCE** a despeito dos interesses do **BANCO BRADESCO**.

- (2) No ano de 2005, a **VALE DO RIO DOCE** estava disputando com uma empresa da Índia para explorar uma mina de carvão em Moçambique na África. Para ganhar a disputa, era muito importante que a **VALE DO RIO DOCE** obtivesse o apoio do **BANCO MUNDIAL** na operação, como grande financiador do projeto. Nesse contexto, **ROGER AGNELLI** e **LAZARO BRANDÃO** pediram o apoio de **ANTONIO PALOCCI**, como Ministro da Fazenda, para que a disputa fosse solucionada em favor da **VALE DO RIO DOCE**. O pedido se deu porque **ANTONIO PALOCCI** tinha sido responsável pela indicação de **OTAVIANO CANUTO** como Diretor Executivo do **BANCO MUNDIAL**. **ANTONIO PALOCCI** assentiu com o pedido e, por conta disto, ligou imediatamente para **OTAVIANO CANUTO** requisitando que o **BANCO MUNDIAL** solucionasse o tema em favor da **VALE DO RIO DOCE**, apoiando a entrada da empresa em Moçambique. **OTAVIANO CANUTO** disse que iria proceder nesse sentido. Além disso, para reforçar o pedido em favor do **BANCO BRADESCO**, **ANTONIO PALOCCI** chegou a ligar para o presidente do **BANCO MUNDIAL** e solicitar o apoio deste na questão em favor da **VALE DO RIO DOCE**. Fato é que a **VALE DO RIO DOCE** acabou ganhando a disputa e recebeu o apoio do **BANCO MUNDIAL** para entrar no país africano, obtendo enormes ganhos com esse novo investimento.

Em contrapartida a tais atos de ofício, o **BANCO BRADESCO**, diretamente ou por intermédio da **VALE DO RIO DOCE**, sempre realizou doações para o **PARTIDO DOS**

TRABALHADORES, em especial nos anos de 2002, 2006 e 2010: **a)** no ano de 2002, o **BANCO BRADESCO** doou R\$ 500 mil para a campanha do **PARTIDO DOS TRABALHADORES**, enquanto que a **VALE DO RIO DOCE** doou R\$ 160 mil reais; **b)** no ano de 2006, a **VALE DO RIO DOCE** doou R\$ 7,680 milhões para a campanha do **PARTIDO DOS TRABALHADORES**, enquanto que o **BANCO BRADESCO** doou o valor de R\$ 3,524 milhões; **c)** no ano de 2010, o **BANCO BRADESCO** doou R\$ 9,180 milhões para a campanha do **PARTIDO DOS TRABALHADORES**, enquanto que a **VALE DO RIO DOCE** doou R\$ 10,038 milhões; **d)** no ano de 2014, o **BANCO BRADESCO** doou R\$ 14,050 milhões para a campanha do **PARTIDO DOS TRABALHADORES**, enquanto que a **VALE DO RIO DOCE** doou R\$ 8,250 milhões de reais.

Durante as campanhas eleitorais, **ANTONIO PALOCCI** era a pessoa responsável por solicitar as doações junto ao **BANCO BRADESCO**. Vale dizer que as doações eram realizadas no "atacado", para que o banco pudesse colher os benefícios no " varejo", em especial em questões referentes à **VALE DO RIO DOCE**. Havia, portanto, não uma relação de contrapartidas isoladas, mas uma relação mútua de confiança entre os gestores do banco e **ANTONIO PALOCCI**.

- II -

FORNECIMENTO DE INFORMAÇÕES PRIVILEGIADAS PARA O BANCO BRADESCO

No ano de 2009, ainda quando era Deputado Federal, **ANTONIO PALOCCI** foi procurado em seu escritório (Alameda Ministro Rocha Azevedo, nº 38, conjunto 401, São Paulo/SP) por dois representantes do **BANCO BRADESCO**. De um lado, o economista chefe do Banco, **OCTAVIO DE BARROS**. De outro lado, o diretor de tesouraria do Banco, **JULIO SIQUEIRA**. A procura ocorreu porque naquele ano a política monetária estava em forte transição e, nesse contexto, o **BANCO BRADESCO** tinha realizado diversos contratos para os quais a taxa de juros era muito importante. Por tal razão, o **BANCO BRADESCO** pretendia que **ANTONIO PALOCCI** fornecesse informações privilegiadas oriundas do **BANCO CENTRAL**, a fim de que o **BANCO BRADESCO** não corresse o risco de perder dinheiro com as variações da taxa **SELIC** e pudesse se adiantar às variações de juros propostas pelo **COPOM**.

Para tanto, os dois funcionários do **BANCO BRADESCO** propuseram a celebração de um contrato de consultoria com **ANTONIO PALOCCI**, no sentido de se remunerar as informações obtidas. **ANTONIO PALOCCI** disse que achava muito arriscado a celebração de um contrato específico com relação ao tema, mas que tentaria ajudar o banco em suas necessidades sem a realização de consultoria formal, dada a grande proximidade do banco com as lideranças do governo e com o próprio Colaborador. A proposta foi rapidamente aceita pelos representantes do **BANCO BRADESCO**, mas estes deixaram claro que o novo contrato de consultoria também poderia ser realizado em paralelo.

Fato é que, ao longo do ano de 2009 e 2010, por diversas vezes, **ANTONIO PALOCCI** se reuniu com o então presidente do **BANCO CENTRAL**, **HENRIQUE MEIRELLES**, para obter indicativos sobre a taxa de juros que seria proposta pelo **COPOM** nos meses seguintes. Uma vez obtidas tais informações, estas eram diretamente e precisamente repassadas aos funcionários do **BANCO BRADESCO** envolvidos no tema. Por conta de tais informações privilegiadas, o **BANCO BRADESCO** realizou doações oficiais para a campanha presidencial de 2010 de **DILMA ROUSSEFF**, a pedido de **ANTONIO PALOCCI**. Neste ano, inclusive, a candidata **DILMA ROUSSEFF**, acompanhada do Colaborador, visitou o banco e teve grande recepção por toda a cúpula da instituição.

Dados de Corroboração

- a)** Contrato de palestra e documentos;
- b)** Entradas e saídas escritório de **ANTONIO PALOCCI**;
- c)** Doações oficiais;

ANEXO 25

VOTORANTIM

Sínpse

- I -

GRUPO VOTORANTIM – SALVAMENTO DA CRISE

No ano de 2008, o **GRUPO VOTORANTIM** entrou em uma crise financeira muito grave, ficando em estado pré-falimentar. Na verdade, o **GRUPO VOTORANTIM**, por conta de operações financeiras envolvendo “derivativo cambial”, acumulou um prejuízo bilionário. Nesse contexto, **RAUL CALFAT**, um dos executivos do **GRUPO VOTORANTIM**, foi conversar com **LUCIANOCOUTINHO**, então presidente do **BNDES**, pedindo a ajuda do Governo Federal para solucionar a crise no Grupo.

Convocado a atuar na questão, **ANTONIO PALOCCI** se encontrou com **LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA** e o Presidente decidiu que o Governo Federal deveria ajudar o **GRUPO VOTORANTIM** a sair da crise, sobretudo através da injeção de dinheiro público nas empresas integrantes do Grupo, o que acabou se concretizando.

Na verdade, a ação consistiu em um salvamento total, que acabou sendo feito pelo Governo. Destaca-se que duas “ajudas” realizadas pelo Governo Federal foram as mais arrojadas.

- (1) De um lado, a atuação do **BNDES** junto ao **GRUPO VOTORANTIM**, a qual foi desdobrada em duas frentes: (a) o **BNDES**, por intermédio do **BNDSPAR**, tornou-se sócio de todas as empresas do **GRUPO VOTORANTIM**; (b) o **BNDES**, por intermédio do **BNDSPAR**, aumentou suas cotas de participação nas empresas do **GRUPO VOTORANTIM** das quais ele já era sócio. No total, no bojo dessa primeira “ajuda”, o **BNDES** injetou um total de R\$ 2,4 bilhões de reais no **GRUPO VOTORANTIM**.
- (2) De outro lado, a atuação do **BANCO DO BRASIL** junto ao **BANCO VOTORANTIM**, uma das empresas do Grupo. Nessa segunda ajuda, o **BANCO DO BRASIL**, contrariando a lógica de operações habituais nesse contexto de crise, tornou-se sócio minoritário e não majoritário do **BANCO VOTORANTIM**, adquirindo 49% do capital votante da empresa. Na operação, o **BANCO DO BRASIL** injetou um total de R\$ 4,2 bilhões no **BANCO VOTORANTIM**.

Apesar de serem totalmente atípicas, essas duas “ajudas” foram determinadas pelo Governo Federal ao **BNDES** e ao **BANCO DO BRASIL**, por intermédio de diversas condutas praticadas pelo ex-presidente **LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA**, por **ANTONIO PALOCCI**, por **GUIDOMANTEGA**, por **LUCIANO COUTINHO** e por **HENRIQUE MEIRELLES**.

A contrapartida ao salvamento ocorreu no ano de 2010, durante as eleições presidenciais. No começo do ano, **ANTONIO PALOCCI** foi chamado pelo **GRUPO VOTORANTIM** para um almoço. No encontro, os executivos da empresa disseram que eram muito gratos ao Governo Federal pelos atos praticados no ano de 2009 e que queriam expressar essa gratidão ajudando na campanha presidencial de 2010, para que o **PARTIDO DOS TRABALHADORES** continuasse na Presidência da República. **ANTONIO PALOCCI** assentiu, momento no qual os executivos solicitaram que **ANTONIO PALOCCI** promovesse um almoço entre a empresa e a então candidata **DILMA ROUSSEFF** para tratarem do tema. Durante a campanha de 2010,

ANTONIO PALOCCI e **DILMA ROUSSEFF** foram até a empresa para um novo almoço. No encontro, os executivos do **GRUPO VOTORANTIM** afirmaram à então candidata **DILMA ROUSSEFF** que eles "seriam parceiros da campanha presidencial, como o governo foi parceiro da empresa durante a crise". **ANTONIOPALOCCI** combinou que o tesoureiro da campanha iria visitá-los posteriormente.

- II -
MULTA CADE

No ano de 2013, **ANTONIO PALOCCI** recebeu uma ligação de **RAUL CALFAT**, o qual pediu um encontro. Neste encontro, **RAUL CALFAT** disse que gostaria de contratar **ANTONIO PALOCCI** para interceder junto ao **CADE** para resolver uma multa de R\$ 1,565 bilhão que seria imposta ao **GRUPO VOTORANTIM** em um futuro julgamento da autarquia nos próximos meses. **ANTONIO PALOCCI** disse que poderia ajudar, mas que não gostaria de celebrar um contrato de consultoria específico sobre o tema. Nesse mesmo encontro, **RAUL CALFAT** pediu para que **ANTONIO PALOCCI** levasse um representante do **GRUPO VOTORANTIM** até o ex-presidente **LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA** para tentar resolver a questão também em conjunto com **LULA**. **ANTONIO PALOCCI** marcou então um encontro entre **LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA** e um dos familiares proprietários do **GRUPO VOTORANTIM**. No encontro, **LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA** se prontifica a ajudar a empresa e a conversar com a **DILMA ROUSSEFF** para tentar resolver o problema. Nesse momento, o representante do **GRUPO VOTORANTIM** afirmou a **LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA** que "o grupo estava à disposição do presidente em tudo o que fosse necessário". Na sequência, **LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA** fala com a **DILMA ROUSSEFF** e informa isso para **ANTONIO PALOCCI**, dizendo que a então presidenta iria interceder pessoalmente para solucionar o problema junto ao **CADE**. **ANTONIO PALOCCI** vai até o **GRUPO VOTORANTIM**, via **RAUL CALFAT**, e diz que o assunto já estava nas mãos de **DILMA ROUSSEFF**, a qual estava tentando resolvê-lo. Novamente, **RAUL CALFAT** quis celebrar um contrato de consultoria com **ANTONIO PALOCCI**, visando lhe remunerar pela operação, o que não foi aceito por **ANTONIO PALOCCI**. **ANTONIO PALOCCI** sabe que, para resolver a questão, **DILMA ROUSSEFF** conversou com o à época Secretário de Defesa Econômica do Ministério da Justiça. Além disso, durante o procedimento, **ANTONIOPALOCCI** pediu para **BRANISLAV** ir conversar com o **GILES AZEVEDO**, para acompanhar a intercedência de **DILMA ROUSSEFF** junto ao **CADE**. Fato é que a decisão do **CADE** foi desfavorável a **VOTORANTIM**, no entanto, após a prolação do voto do relator, o Conselheiro **MARCIOOLIVEIRA JUNIOR** pediu vista dos autos e, na sequência, propôs que o valor da multa fosse mantido, mas que a lista de ativos que deveriam ser vendidos pela **VOTORANTIM** diminuísse consideravelmente (de 35% para 20%), o que acabou sendo um benefício parcial à empresa. Após a decisão do **CADE**, **EDINHO SILVA** foi responsável por, em contrapartida ao ato de Governo, recolher as doações de campanha em 2014. **ANTONIO PALOCCI** não fez o recolhimento porque estava à época fora do país.

Elementos de Corroboração

- a) Decisão CADE;
- b) Agenda pessoal de ANTONIO PALOCCI;
- c) Bilhetagem telefônica de ANTONIO PALOCCI;
- d) Doações INSTITUTO LULA.

ANEXO 26

AEROPORTOS VIRACOPOS/GALEÃO - ODEBRECHT

Síntese

A empresa **ODEBRECHT** possuía ampla relação com o Governo Federal. Nesse contexto, **ANTONIO PALOCCI** era um dos grandes interlocutores entre a **ODEBRECHT** e o **PARTIDO DOS TRABALHADORES**, conforme narrado em anexo específico. Dentre os assuntos que foram tratados por **ANTONIO PALOCCI**, no que tange à empresa **ODEBRECHT**, está a concessão dos aeroportos de **VIRACOPOS** e do **GALEÃO**. A empresa **ODEBRECHT** acabou perdendo a licitação do aeroporto de **VIRACOPOS** para um consórcio formado entre as empresas **UTC/TRIUNFO**. Inconformada com a perda, a **ODEBRECHT** interpôs recurso administrativo junto à **AGÊNCIA NACIONAL DE AVIAÇÃO CIVIL**, visando anular a vitória da **UTC/TRIUNFO** na concessão do mencionado aeroporto.

Nesse momento, **MARCELO ODEBRECHT** procurou **ANTONIO PALOCCI** para pedir auxílio com a questão. **MARCELO** disse que já possuía dois votos na **ANAC** e que precisava que **ANTONIO PALOCCI** realizasse ingerência perante o então presidente da **ANAC**, **MARCELO GUARANY**, para que este se posicionasse favorável ao recurso da **ODEBRECHT**. **MARCELO ODEBRECHT** foi procurar **ANTONIO PALOCCI** porque este foi responsável pela nomeação de **MARCELO GUARANY** como presidente da **ANAC**. No encontro, **MARCELO ODEBRECHT** disse que possuía uma verba de R\$ 50 milhões de reais que poderia ser usada por **ANTONIO PALOCCI** para resolver o tema. Apesar dos insistentes pedidos de **MARCELO ODEBRECHT**, **ANTONIO PALOCCI** disse que não iria intervir junto à **ANAC**, por achar que seria uma abordagem indevida. O Colaborador levou o assunto à Presidente **DILMA**, a qual pediu que ele retornasse a **MARCELO** dizendo que eles deveriam pensar em outro aeroporto e que ela então tentaria ajudar. **PALOCCI** transmitiu a sugestão a **MARCELO**, sendo que ele ficou inconformado, mas acabou por aceitar e retirou seu recurso junto à **ANAC**.

Fato é que, tempos mais tarde, a **ODEBRECHT** desistiu do seu recurso para reverter a concessão do aeroporto de **VIRACOPOS**, isto porque ela passou a almejar a obtenção da concessão de outro aeroporto: o do **GALEÃO**. Em 2012, a **ODEBRECHT** começou a disputar junto com a **INVEPAR** (**OAS**, **PETROS**, **FUNCEF** e **PREVI**) a concessão do aeroporto do **GALEÃO**. Nesse contexto, **MARCELO ODEBRECHT** se reuniu com **DILMA ROUSSEFF** para solicitar que a Presidente dessa preferísse a **ODEBRECHT** na concessão do aeroporto do **GALEÃO**. Para tanto, **MARCELO ODEBRECHT** sugeriu a **DILMA ROUSSEFF** que no edital de concessão de tal aeroporto fosse estabelecida uma regra segundo a qual (sintetizando a ideia) a empresa ganhadora não poderia ter outra concessão aeroportuária no Brasil. Essa regra seria suficiente para impedir a entrada da **INVEPAR** no aeroporto do **GALEÃO**, vez que a empresa já possuía à época a concessão do aeroporto de **GUARULHOS**.

MARCELO ODEBRECHT entrega a **DILMA ROUSSEFF** uma proposta de edital referente à concessão do aeroporto do **GALEÃO**, no bojo da qual existia uma cláusula que beneficiava a empresa **ODEBRECHT** e impedia a participação da empresa **INVEPAR** no certame. O edital é publicado e a empresa **ODEBRECHT** sagra-se vencedora da concessão. Da leitura do edital (01/2013) é possível verificar a cláusula ditada pela própria **ODEBRECHT**, fazendo referência às empresas "vencedoras" da licitação anterior (incluindo Guarulhos), prevista no edital 02/2011:



EDITAL DO LEILÃO Nº 01/2013
CONCESSÃO PARA AMPLIAÇÃO, MANUTENÇÃO E EXPLORAÇÃO DOS AEROPORTOS INTERNACIONAIS
RIO DE JANEIRO/GALEÃO – TANCREDO NEVES/CONFINS

3.18. Os acionistas dos Acionistas Privados das concessionárias de serviço público de infraestrutura aeroportuária federal definidas pelo Leilão nº 2/2011, suas Controladoras, Controladas e Coligadas não poderão participar deste Leilão isoladamente, bem como as Controladas e Coligadas das Controladoras e das Controladas dos referidos acionistas

3.19. É admitida a participação dos acionistas dos Acionistas Privados das concessionárias de serviço público de infraestrutura aeroportuária federal definidas pelo Leilão nº 2/2011, suas Controladoras, Controladas e Coligadas, bem como as Controladas e Coligadas das Controladoras e das Controladas dos referidos acionistas como membro de Consórcio, observadas as disposições da presente cláusula.

3.19.1. Um ou mais dos referidos acionistas não poderão ter participação igual ou superior a 15% (quinze por cento) do Consórcio, considerada a soma de suas participações.

3.19.2. Para fins do disposto no item 3.19.1 acima, serão consideradas cumulativamente, a participação no Consórcio de quaisquer das pessoas jurídicas mencionadas no item 3.19.

3.20. Em qualquer hipótese, a participação das entidades indicadas no item 3.18 estará sujeita à vedação à previsão, por qualquer forma, inclusive acordo de acionistas, de participação na administração do Acionista Privado e da Concessionária, ficando impossibilitada de eleger membros do Conselho de Administração ou da Diretoria.

Vale ressaltar que, durante a disputa entre **ODEBRECHT** e **INVEPAR** pela concessão do aeroporto do **GALEÃO, MOREIRA FRANCO**, na qualidade de Ministro da Aviação, procurou a **ODEBRECHT** dizendo que poderia ajudar a empresa a ganhar a concessão. Para tanto, ele solicitou a **MARCELO ODEBRECHT** o pagamento de vantagem indevida no patamar de R\$ 4 milhões de reais, em espécie, o que foi realizado, embora o assunto tenha sido resolvido diretamente pela Presidente **DILMA**.

Elementos de
corroboração

- (a) Agenda presidencial;
- (b) Edital de concessão do aeroporto do GALEÃO;
- (c) E-mail's ODEBRECHT;
- (d) Bilhetagem telefônica ANTONIO PALOCCI.

ANEXO 27

BANCO DO BRASIL / BRASIL SEGUROS

Síntese

No ano de 2009/2010, **ANTONIO PALOCCI**, na qualidade de Deputado Federal, foi procurado pelo então presidente da **BRASIL SEGUROS**, **TARCISIO GODOY**. No encontro, **ANTONIO PALOCCI** foi informado que a **BRASIL SEGUROS** possuía uma grande parceria com a **PRUDENTIAL**, uma empresa americana, mas que – devido a certos movimentos realizados por integrantes do **PARTIDO DOS TRABALHADORES** – essa parceria estava ameaçada e que, portanto, precisavam de um padrinho político que protegesse a parceria. Nesse contexto, visando angariar apadrinhamento político, **TARCISIO GODOY** convidou **ANTONIO PALOCCI** para dar palestras no **BANCO DO BRASIL**, o que foi aceito pelo então Deputado Federal. **TARCÍSIO** visava remunerar o Deputado pelas palestras, mas este realizou apenas uma e não efetuou cobrança por se tratar de órgão público. No entanto, o contramovimento de **TARCISIO GODOY** para manter a parceria entre a **BRASIL SEGUROS** e a **PRUDENTIAL** não foi suficiente e, por tal razão, com a troca de presidência do **BANCO DO BRASIL**, tal parceria foi desfeita e passou a ser realizada entre a **BRASIL SEGUROS** e a empresa **MAPFRE**.

Nesse contexto, **ANTONIO PALOCCI** foi informado que a troca de parceria envolvendo a **BRASIL SEGUROS** foi coordenada por **GUIDO MANTEGA** e por **RICARDO BERZOINI**, os quais possuíam ampla ingerência dentro do **BANCO DO BRASIL**. Para obter essa troca, a **MAPFRE** realizou o pagamento de vantagens indevidas ao **PARTIDO DOS TRABALHADORES** no exterior, valor este que foi depositado na conta aberta por **JOESLEY BATISTA** para alocar recursos ilícitos do **PARTIDO DOS TRABALHADORES**. Além disso, **ANTONIO PALOCCI** foi informado pelo próprio **ANTONIO FRANCISCO LIMA NETO** que a sua demissão da presidência do **BANCO DO BRASIL** ocorreu porque este não quis realizar a operação em questão e substituir a **PRUDENTIAL** pela **MAPFRE** na parceria com a **BRASIL SEGUROS**.

Ademais, é interessante consignar que entre os dias 18 e 20 de abril de 2017, após notícias da abertura de um procedimento de colaboração por parte de **ANTONIO PALOCCI**, foram detectadas operações atípicas envolvendo as negociações dos CRIs da **BB MAPFRE**. Nesses três dias, o volume de negociações representou 90% do total negociado desde dezembro de 2016. Outro fator interessante é que quem motivou essas transações atípicas foi o **BTG PACTUAL** que iniciou a venda em massa dos papéis que tinha em mãos referentes ao **BB MAPFRE**. Provavelmente **ANDRE ESTEVES**, para ter adquirido tais papéis, foi informado por **GUIDO MANTEGA** que uma operação de troca da parceria envolvendo a **BRASIL SEGURO** iria ocorrer. Dessa forma, com tal informação privilegiada, ele providenciou a compra dos papéis que passaram a ser vendidos após a notícia da colaboração de **ANTONIO PALOCCI**.

- A) Operações atípicas;
- B) Bilhetagem telefônica;
- C) Agenda.

ANEXO 28

LUCIANO COUTINHO – PEDIDO DE DOAÇÕES VIA BNDES

Síntese

ANTONIO PALOCCI conheceu **LUCIANO COUTINHO** durante a campanha presidencial de 2002. Na sequência, em 2007, **LUCIANO COUTINHO**, por indicação de **ALOIZIO MERCADANTE**, foi indicado para ser presidente do **BANCO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL**, para atender a objetivos políticos do governo ou do próprio colaborador. Nesse contexto, durante as campanhas de 2010 e 2014, **LUCIANO COUTINHO** recebia visita dos tesoureiros de campanha, os quais o orientavam a realizar pedidos de doação. Dessa forma, **ANTONIO PALOCCI** sabe que tanto **JOSE DE FILIPPI**, quanto **EDINHO SILVA** foram ao encontro de **LUCIANO COUTINHO** com essa finalidade. Assim sendo, **LUCIANO COUTINHO** abordou diversas empresas para obter doações para o **PARTIDO DOS TRABALHADORES** nas eleições de 2010 e 2014, vinculando nas entrelinhas que a doação seria muito bem vista para a continuidade dos negócios entre as empresas doadoras e o **BNDES**. Dessa forma, **ANTONIO PALOCCI** pode citar, para ilustrar, os seguintes empresários que receberam tais pedidos de doação da parte de **LUCIANO COUTINHO**: **JOESLEY BATISTA**, **JOAO ALVES DE QUEIROZ FILHO**, **MARCELO ODEBRECHT** e **RICARDO PESSOA**.

Há mais dois episódios importantes no relacionamento de **LUCIANO COUTINHO** com **ANTONIO PALOCCI**. O relativo à **PDG** e o referente à fusão **SADIA/PERDIGÃO**, ambos relatados em anexos próprios.

ANEXO 29

CADE – FUSÃO SADIA e PERDIGÃO

Síntese

Durante o ano de 2008, também por conta de contratos envolvendo “derivativos cambiais”, a empresa **SADIA** entrou em uma grave crise financeira, encontrando-se praticamente falida, em virtude dos prejuízos imensuráveis. Em meio à crise, **LUIZ FERNANDO FURLAN**, então presidente da **SADIA**, foi procurar **ANTONIO PALOCCI**, estando bastante abalado e solicitando ajuda, no segundo semestre de 2008, pois estava devendo bilhões. **FURLAN** foi na casa de **ANTONIO PALOCCI**, no apartamento do Colaborador em Moema. **FURLAN** havia pensado em uma solução, mas precisava se reunir com **LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA**. **PALOCCI** transmitiu a **LULA** a gravidade da situação, sendo que a ideia de **FURLAN** para solucionar o seu problema, envolvia a ajuda do governo, sobretudo com aportes do **BNDES**. O encontro com **FURLAN** foi logo após a quebra do **LEMAN BROTHERS**. **FURLAN** efetivamente teve a conversa com **LULA**, o que é reportado a **ANTONIO PALOCCI**. Duas soluções possíveis são pensadas no governo: (a) atuar para viabilizar a fusão da **SADIA** com a **PERDIGÃO**, com apoio e aporte do **BNDES**; (b) injetar recursos na **SADIA**, por meio de empréstimos e a participação acionária do **BNDESPAR**. Após a reunião com **FURLAN**, **LULA** se reúne com **LUCIANOCOUTINHO**, oportunidade em que **LUCIANO** defende a ideia da fusão combinada com aporte do **BNDES**. A atuação de **LULA** para viabilizar a fusão era necessária haja vista que a **PERDIGÃO** se encontrava sob o controle dos Fundos de Pensão, em especial da **PREVI**. Assim, atendendo ao pleito de **FURLAN**, **LULA** ordena ao Presidente da **PREVI** a realização da fusão com a **SADIA**. A fusão seria extremamente arriscada para a **PERDIGÃO**, conseqüentemente para os Fundos de Pensão, considerando-se que a **SADIA** realmente estava “quebrada”. A ação, neste momento, era benéfica tão somente para a **SADIA**. **PALOCCI** comenta a situação com **LULA**, dizendo que ele não poderia forçar os fundos a fazer a operação, mas que seria necessário um convencimento. Após a intercessão do então presidente da república, a operação de fusão foi realizada e a **SADIA** junto com a **PERDIGÃO** formaram a empresa **BRF**. A verdade é que tanto os Fundos de Pensão, através da **PERDIGÃO**, quanto o **BNDES** receberam determinação para investir em uma empresa que se encontrava insolvente. O empréstimo do **BNDES** também não seria liberado facilmente sem a intervenção do Presidente **LULA**, considerando-se a situação financeira da **SADIA**. **LULA** praticamente exigiu perante o Presidente da **PREVI** que a operação fosse realizada. **FURLAN** procurou o Colaborador, após a fusão, para agradecer. Posteriormente voltou a fazer contato, chamando o Colaborador no escritório da empresa querendo “contratar” **PALOCCI**, pretendendo a atuação deste perante o **CADE**. O Colaborador disse que não achava interessante realizar uma contratação com esta finalidade, mas que estaria disposto a ajudar no que fosse preciso. Quando, em 2011, **PALOCCI** foi nomeado Ministro da Casa Civil e tinha a possibilidade de indicar um nome para conselheiro do **CADE** (vaga aberta), o Colaborador ligou para **LUCIANO COUTINHO**, para pedir um “bom” nome, pois **COUTINHO** tinha atuado em inúmeras fusões que certamente seriam questionáveis no **CADE**. Assim, o Colaborador chamou **COUTINHO** para definirem o nome que integraria o **CADE**. Ficando combinado então que o Chefe de Gabinete de **LUCIANOCOUTINHO** assumiria a vaga, sobretudo para atuar na validação das fusões questionáveis. Após a nomeação, vários empresários, incluindo **FURLAN**, vêm parabenizar o Colaborador pela escolha. O nomeado foi **MARCOS PAULO VERÍSSIMO**.

Fato é que, ainda no primeiro semestre de 2011, a operação de fusão estava para ser analisada pelo **CADE**. Nesse contexto, **ANTONIO PALOCCI** foi procurado, no Ministério da Casa Civil, por **LUCIANO COUTINHO**, à época presidente do **BNDES**, o qual estava preocupado com a análise que o **CADE** iria fazer sobre a fusão, receoso de que o Conselho não aprovasse a operação. **LUCIANO** estava muito preocupado, pois havia um parecer do relator que colocava

sérios obstáculos à fusão.

Aquiescendo à preocupação de **LUCIANO COUTINHO**, **ANTONIO PALOCCI**, na qualidade de Ministro da Casa Civil, reuniu-se com **VINICIUS DE CARVALHO**, à época Secretário de Defesa Econômica do Ministério da Justiça, este também nomeado por **PALOCCI**, ao qual o **CADE** era subordinado. No encontro, **ANTONIO PALOCCI** disse que a fusão precisava ser aprovada pelo **CADE**, até porque o Presidente **LULA** estava na origem do negócio, o que foi aceito pelo então Secretário de Defesa Econômica. Além disto, **ANTONIO PALOCCI** foi também conversar com **JOSÉ EDUARDO CADOZO**, à época Ministro da Justiça, o qual disse que empreenderia esforços para assegurar a aprovação da fusão pelo **CADE**. Fato é que em 13/07/2011, a fusão da **SADIA** com a **PERDIGÃO** acabou sendo aprovada pelo **CADE**.

Vale dizer que, apenas no ano de 2010, a **BRF** doou R\$ 800 mil reais para o **PARTIDO DOS TRABALHADORES**. De toda sorte, **LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA** se mostrou extremamente incomodado com a atitude pouco generosa de **LUIS FURLAN** durante a campanha de 2012, esperando que a **BRF** realizasse doações mais expressivas para o **PARTIDO DOS TRABALHADORES**. Tanto é assim que, em conversa com **ANTONIO PALOCCI**, **LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA** deixou escapar que "LUIZ FURLAN era um ingrato, pois o governo impediu a quebra da empresa dele em 2009 e, mesmo assim, ele realizava magras doações para o partido". De toda sorte, a partir da cobrança de **LULA**, **ANTONIO PALOCCI** foi conversar com **LUIZ FURLAN** e dizer que **LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA** estava muito descontente com este, pedindo para ele tomar alguma atitude para solucionar o problema. Em resposta, **LUIZ FURLAN**, muito preocupado com a situação, disse que realizaria doações tanto para o **PARTIDO DOS TRABALHADORES** (R\$ 3,6 milhões), quanto para o **INSTITUTO LULA**.

Documentos
de
corroboração

- (a) Doações de Campanha;
- (b) Doações Instituto Lula;
- (c) Bilhetagem telefônica;
- (d) Decisão do Cade;
- (e) Nomeação do Chefe de Gabinete;
- (f) Comunicados sobre a fusão;
- (g) Agendas presidenciais.

ANEXO 30

PORTO DA ODEBRECHT, TCU E MEDIDA PROVISÓRIA

Síntese

A ODEBRECHT estava pleiteando importantes ajustes de legislação para a estruturação de um porto em Santos, pois tinha adquirido, em parceria com outras empresas internacionais, o terminal portuário privado **COIMEX** da **EMBRAPORT**. A ODEBRECHT pretendia tais alterações legislativas para viabilizar a sua atuação na estruturação portuária, cobrando do governo, a edição de Medida Provisória que facilitasse a atuação dos terminais portuários privados.

ANTONIO PALOCCI participou de algumas interferências para beneficiar a ODEBRECHT nesta questão portuária. Assim é que, em determinado momento, o Ministro do TCU, **RAIMUNDO CARREIRO**, liga para o Colaborador e diz que o assunto do terminal portuário da ODEBRECHT está indo para a pauta com encaminhamento desfavorável ao investimento.

Contudo, sabedor do interesse do governo no assunto, o Ministro do TCU diz que seria possível adiar a decisão negativa, caso houvesse um pedido de **ANTONIO PALOCCI**, enquanto Ministro da Casa Civil, pleiteando um adiamento da questão. O então Ministro pede ao secretário executivo na Casa Civil, **BETO VASCONCELLOS**, que providencie o pedido ao TCU. Esta era uma questão de extrema importância para a ODEBRECHT, de forma que a empresa estava atuando em várias frentes para atingir o resultado pretendido.

Após o pedido de adiamento, a questão ficou suspensa por um ano no TCU, quando, encontrando "nova caminho", **DILMA ROUSSEF** editou Medida Provisória (MP 595/2012) "pondo ordem" na questão dos portos que incluía o intuito previamente combinado de beneficiar os interesses da ODEBRECHT em Santos.



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria para Assuntos Jurídicos

MEDIDA PROVISÓRIA Nº 595 DE 12 DE OUTUBRO DE 2012

Exatidão: 100%

Assinatura: 100% (100%)

Trabalho assinado e aprovado: 100% e 100%, por meio de envio de e-mail e assinatura pessoal, e com as devidas documentações pessoais, assinaturas e de outros envolvidos.

A PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA, no exercício de suas funções, está a requerer do Poder Judiciário, com fins de lei.

(10/10/12)

No caso, foi uma Medida Provisória em que **DILMA ROUSSEF** degladiou com **EDUARDO CUNHA**, que estava resolvendo variados interesses outros. Aproximadamente um mês após a aprovação da MP, o Colaborador se encontra com **MARCELO ODEBRECHT** e pergunta: "como ficou a questão do porto?". Ao que **MARCELO** responde que tinha ficado bem resolvida.

Com a aprovação da MP dos Portos, convertida na Lei 12.815/2013, a ODEBRECHT teve grande parte das reivindicações atendidas, sendo que o seu terminal privado poderia ser prejudicado caso a MP não fosse aprovada e voltasse a valer para o setor a Lei dos Portos de 1993 e o Decreto 6620/08. Em termos práticos, a MP dos Portos beneficiou a ODEBRECHT, pois viabilizou o uso de mão de obra celetista e retirou a necessidade de distinção entre carga própria e de terceiros – antiga exigência aos terminais privados de justificarem a existência de carga própria para poderem prestar serviços a terceiros. Com a MP, terminais privados, como o da ODEBRECHT, passaram a poder operar cargas de terceiros e não apenas cargas próprias.

ANEXO 31

TRIBUTAÇÃO BOLSA DE VALORES

Síntese

Na qualidade de Ministro da Fazenda, no ano de 2004, **ANTONIO PALOCCI** se reuniu com **MANUEL FELIX CINTRA NETO**, então presidente da **BM&F**. No encontro, **MANUEL FELIX** trabalhava por uma redução na tributação que incidia sobre as operações financeiras de ganhos sobre ações e que isso poderia aproximar o governo do mercado de capitais, setor normalmente resistente ao **PT**.

Após a apresentação de algumas informações técnicas, **ANTONIO PALOCCI** concordou em realizar a redução tributária, a partir de uma regulamentação mais benéfica. Assim é que **ANTONIO PALOCCI**, no exercício do cargo de Ministro da Fazenda, editou duas Medidas Provisórias (206 e 209/2004), inserindo disposições mais benéficas aos ganhos ocorridos no mercado de capitais e em especial na operação com ações.



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria para Assuntos Jurídicos

MEDEIA PROVISÓRIA Nº 206 DE 6 DE AGOSTO DE 2004

Decreto nº 5.107, de 11 de agosto de 2004

Exercício de Função

Atos e Liberação do Mercado Financeiro e de Capitais, Anúncio e Registro de Oferta para Investimento e Modernização e Regulação do Mercado Financeiro - REFORMA, e de outras providências.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, no uso da atribuição que lhe confere o art. 84, da Constituição, edita a seguinte Medida Provisória com força de lei:

Brasília, 6 de agosto de 2004, 183ª da Independência e 116ª da República.

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA
Antonio Palocci Filho

Este texto não substitui o publicado no D.O.U. de 9/8/2004

Em contrapartida a tal ato de ofício, **ANTONIO PALOCCI** solicitou contribuições eleitorais da **BM&F** e também da **BOVESPA** durante a campanha de 2006. Por tal razão, ambas as empresas realizaram doações ao **PARTIDO DOS TRABALHADORES** no ano de 2006, totalizando R\$ 350 mil reais em doações oficiais para a campanha presidencial de 2006. Além disso, a **BM&F** também realizou em contrapartida a tal ato de ofício a doação de R\$ 50 mil reais para campanha de **ANTONIO PALOCCI** como deputado federal em 2006.

BOLSA DE MERCADORIAS E FUTUROS

54641030000106 08/09/2006 50.000,00

Recursos de pessoas jurídicas

BRASIL SALOMÃO E MATTHEUS ADVOCACIA

44230464000160 11/08/2006 80,00

Descrição das doações salomão e mattheus adv

Elementos de Corroboração

- Entrada e saída no Ministério da Fazenda;
- Doações oficiais realizadas em 2006 pela **BM&F**;
- Histórico de redução tributária sobre as operações financeiras envolvendo a bolsa de valores;

ANEXO 32

INFRAESTRUTURA DAS FORÇAS ARMADAS

Síntese

- I - PROSUB

Em 2008, teve início o projeto **PROSUB** de construção de submarinos, envolvendo uma parceria entre os governos brasileiro e francês. O projeto que ainda se encontra em andamento é um dos mais caros da história das forças armadas, com orçamento de R\$ 30 bilhões.

Para efetivar o **PROSUB**, foram firmados contratos para a construção de cinco submarinos em parceria com o Governo Francês e empresas francesas, sendo um dos submarinos de propulsão nuclear, no caso o primeiro do Brasil com esta tecnologia. A **ODEBRECHT** foi uma das empresas integrantes do referido projeto.

Sobre o **PROSUB**, **ANTONIO PALOCCI** participou de uma reunião, a pedido do **MARCELO ODEBRECHT**, ocasião em que este último veio se queixar que **GUIDO MANTEGA** e **JOÃO VACCARI** estavam procurando-o para pedir contribuições vinculadas ao projeto, já que tal projeto dependia de constantes liberações de verbas públicas.

A queixa de **MARCELO** era no sentido de ele já tinha comprometido 50 milhões em propina para aqueles a quem referiu como sendo "*a parte francesa*" e que, portanto, não teria espaço para fazer contribuições aqui no Brasil.

MARCELO queria a "ajuda" do Colaborador para afastar as demandas de propina do **PT**, especificamente quanto ao assunto do **PROSUB**, encabeçadas por **MANTEGA** e **VACCARI**.

O Colaborador disse a **MARCELO** que poderia falar com **VACCARI**, mas que era **MARCELO** quem deveria tratar com **GUIDO**, por ser um relacionamento governamental e que, desta forma, não lhe caberia interferir.

ANTONIO PALOCCI chegou a conversar com **VACCARI** sobre o assunto. Contudo, o Colaborador não sabe se a advertência foi suficiente para dissuadir os colegas do **PARTIDO DOS TRABALHADORES**.

O Colaborador sabe, por sua atuação no mercado, tendo recebido várias informações neste sentido, que quem repassou os 50 milhões da "*parte da França*" foi **JOSÉ AMARO PINTO RAMOS**, o qual atuava como representante de uma empresa francesa.

Sabe-se hoje que na verdade foram 67 milhões de euros pagos a **JOSÉ AMARO**. **MARCELO** confirmou ao Colaborador que, após ter solicitado a sua intervenção, resolveu repassar R\$ 17 milhões a **JOÃO VACCARI**.

- II - AVIÕES DE CAÇA

A licitação iniciou-se no governo de **FERNANDO HENRIQUE CARDOSO**. Na ocasião, quatro concorrentes se apresentaram: EUA, RUSSIA, FRANÇA (**MIRAGE**) e SUÉCIA (**GRIPEN**). A aeronáutica transitava nos bastidores preferindo pelo **GRIPEN**, mas sabe que a questão terá que fazer parte de uma operação política mais ampla.

O caça americano foi descartado já no governo **FHC**, sendo confirmada a desclassificação no governo **LULA** pela não disposição de transferência de tecnologia.

A concorrência se arrasta ano após ano. **ANTONIO PALOCCI**, em meados 2004/2005 fez um acordo com a aeronáutica para atender às necessidades provisoriamente, adquirindo caças **MIRAGE** com pouco tempo de uso na França. As aquisições eram muito vantajosas pois a França, querendo ganhar a licitação, (que “amarraria” a aeronáutica brasileira por muitas décadas) entregou os aviões quase novos por preços baixíssimos. Em 06/07/2009, o presidente francês **NICOLAS SARKOZY** vem pessoalmente ao Brasil negociar os equipamentos.

Nesta visita o presidente **LULA** define com o Ministro da Defesa **NELSON JOBIM**, a aquisição dos submarinos, helicópteros e aviões de caça da França. Contudo, permaneceram pendências impactantes em termos de preço que ficam para negociações posteriores. Todas as outras questões (prazos, parcerias, transferência de tecnologia, etc.) são acertados por **NICOLAS SARKOZY** e **LULA**.

Contudo, alguns meses após a posse como Presidente da República, **DILMA ROUSSEF** ameaçou a rediscutir o assunto e terminar por alterar a decisão sobre os caças, anulando o acordo com os franceses e realizando um acordo com os suecos.

Havia um grande *lobby* em defesa dessa mudança, que tinha origem tanto na aeronáutica (que sempre preferiu os caças suecos), quanto por setores da militância na área da ciência e tecnologia. No lado político, havia grande pressão no Congresso Nacional e também pelo então Prefeito de São Bernardo do Campo/SP, **LUIZ MARINHO**, muito ligado a **LULA** (de quem foi Ministro da Previdência Social).

Também atuou nesse trabalho o escritório de advocacia de **CAPUTO BASTOS** em Brasília com o qual **ANTONIO PALOCCI** teve vários contatos. Por fim, **ANTONIO PALOCCI** não acompanhou o desenlace das tratativas depois que saiu do Ministério da Fazenda.

- III - HELICOPTEROS

Dentro dos contratos para atender as forças armadas do Brasil, o governo do Presidente **LULA** realizou a contratação de aproximadamente 50 helicópteros junto às empresas francesas com a intervenção do governo francês. O custo do projeto foi de R\$ 28 bilhões. O parceiro brasileiro é uma empresa que fez contribuições para o **INSTITUTO LULA**.

Em 2010, o Sr. **MENDES** (sobrinho de **FERNANDO CANDIDO MENDES**, do setor educacional do RJ) procurou **ANTONIO PALOCCI FILHO** a pedido de **JOÃO VACCARI NETO** e pede que **PALOCCI** faça uma gestão junto a **GUIDO MANTEGA** para que ele acelere os pagamentos dos compromissos relativos à contratação dos helicópteros. **PALOCCI** não estabelece interlocutores para tratar com o Sr. **MENDES**, mas vai a **GUIDO MANTEGA** transmitir a solicitação e avisa que foi a pedido de **VACCARI**. **PALOCCI** não acompanhou os desdobramentos posteriores.

ANEXO 33

ANGOLA

Síntese

ANTONIO PALOCCI tem conhecimento de que a **ODEBRECHT** sempre teve grande atuação em Angola, sendo, inclusive, umas das maiores empregadoras do país africano, atuando sobretudo com as verbas liberadas pelo **BNDES**.

Em certa oportunidade, **MARCELO ODEBRECHT** procurou o Colaborador na tentativa de conseguir interferência junto ao **BNDES**. De acordo com **MARCELO**, ele precisava melhorar os limites com o **BNDES** na questão específica dos contratos em andamento em Angola. **MARCELO** confidenciou, na ocasião, que havia tratado do mesmo assunto com **PAULO BERNARDO**, mas que toda ajuda seria bem vinda.

MARCELO falou que, caso conseguisse o que queria, a “boa vontade” do Colaborador poderia render um significativo valor de contribuição adicional para o **PARTIDO DOS TRABALHADORES**, pois o aumento da linha de crédito era muito importante para a empresa.

ANTONIO PALOCCI disse a **MARCELO** que infelizmente não teria como ajudar com esta questão. Contudo, soube que **MARCELO** passou a tratar a questão exclusivamente com **PAULO BERNARDO**, à época Ministro do Planejamento. O Colaborador acredita que os R\$ 40 milhões, referidos na colaboração de **NESTOR CERVERÓ**, compõem parte do total que **MARCELO** negociou com **PAULO BERNARDO**. **MARCELO ODEBRECHT** diz que nesta oportunidade obteve sucesso com **PAULO BERNARDO** e comprometeu-se a pagar R\$ 64 milhões de propina.

A **ODEBRECHT** era uma empresa altamente dominante em Angola, sendo que o governo brasileiro recebia reclamações do governo de Angola e de outras empresas brasileiras, as quais queriam entrar no mercado angolano. Quando estas reclamações chegavam ao Colaborador, ele esclarecia que o responsável pela definição de quem faz a obra, a partir do empréstimo do Brasil, era o próprio governo Angola, assim, qualquer empresa poderia atuar.

Na visão do Colaborador, a atuação da **ODEBRECHT** deveria, inclusive, ser freada, para não se perder o controle. Em certa oportunidade, **MARCELO** reclamou com o Colaborador que **LUÍS PEREIRA**, então Secretário de Relações Internacionais do Ministério da Fazenda, estava agindo contra a **ODEBRECHT**, na questão de Angola. O Colaborador disse que **LUÍS PEREIRA** estava fazendo isso em nome do próprio Colaborador.

Angola era uma tensão constante. As outras empresas pediam para que o domínio da **ODEBRECHT** fosse freado, a exemplo da **ASPERBRAS**, de **BETO COLNAGHI**, bem como **QUEIRÓZ GALVÃO** e **OAS**. Tanto é assim que a **ASPERBRAS** se comprometeu a repassar dinheiro ao **PT** e a **LULA**, como forma de facilitar as coisas em Angola. Assim é que, no ano de 2012, a **ASPERBRAS** faz um repasse de R\$ 200 mil para o **INSTITUTO LULA**. Mas o Colaborador não sabe se isso ocorreu por ocasião de uma ajuda em Angola.

A **QUEIRÓZ GALVÃO**, certa vez, pediu que o Colaborador ligasse para o Banco Central Angolano para recebê-los, já que tinham a intenção de fazer obras em Angola. O Colaborador fez esta ligação do seu gabinete. Era Ministro da Fazenda na época.

ANEXO 34

ASSESSORES E FUNCIONÁRIOS (ANEXO DESCRITIVO)

Síntese

Ao longo dos anos em que atuou na política, direta e indiretamente, o Colaborador contou com o apoio de funcionários e assessores, sendo que um de seus assessores, **BRANISLAV KONTIC**, participou das ilicitudes e outros funcionários, sobretudo seus motoristas, podem trazer informações relevantes sobre fatos por eles testemunhados. Isto porque **PALOCCI** não dirigia, sendo que todos os seus deslocamentos, incluindo aqueles com finalidades não republicanas, eram feitos através de motoristas. Ademais, inúmeras reuniões eram marcadas pela secretária da **PROJETO**, pessoa que também pode contribuir com relevantes informações sobre os encontros realizados pelo Colaborador:

- I -

MOTORISTAS E SECRETÁRIA

CARLOS ABERTO POSSENTE, mora em São Paulo e Ribeirão Preto. Trabalhou com **PALOCCI** de 1988 a 2002 em Ribeirão Preto, de 2003 a 2006 em Brasília, de 2011 até os dias atuais em São Paulo.

- Entrega para **LULA** no Aeroporto de Congonhas (uísque);
- Entregas para **LULA** no Instituto Lula;
- Retiradas no **SAFRA** (caixa de lenços).

CLAUDIO GOUVEIA, mora em Brasília. Trabalhou com **PALOCCI** de 2007 a junho de 2011 em Brasília. Não trabalha mais com **PALOCCI**.

- Levou **DILMA** na casa do **GUIDO** para falar com **ANDRÉ ESTEVES**;
- Entrega para **LULA** no terminal da aeronáutica e outros encontros;
- Casa de **RENAN**, **EDUARDO CUNHA**, **SARNEY**.

RITA DE CASSIA SANTOS, mora em São Paulo. Trabalhou com **PALOCCI** de 2007 até os dias atuais.

- Todas as marcações de reuniões;
- Confirma as reuniões realizadas na **PROJETO**.

- II -

BRANISLAV KONTIC

BRANISLAV KONTIC auxiliou **ANTONIO PALOCCI** na prática de inúmeras operações, sobretudo na operacionalização de retiradas e entregas de valores em espécie ('cash'), a exemplo do que restou detalhado no anexo de **LUÍS INÁCIO LULA DA SILVA**, além de outras ocasiões.

BRANISLAV KONTIC começou a trabalhar com o Colaborador na campanha de 2006 e tornou-se Chefe de Gabinete na Câmara dos Deputados. Anteriormente, **BRANISLAV** havia trabalhado na Prefeitura de São Paulo, no Gabinete da ex-prefeita **MARTA SUPLICY**. A partir de 2006, **BRANISLAV** se tornou o principal assessor do Colaborador, assumindo amplas funções, na medida em que, além de ter boa formação universitária, foi empresário do ramo têxtil, tendo, portanto, grande experiência na área de atuação de **ANTONIO PALOCCI**. Por isso pode

ter realizado alguma operação com motivação própria.

BRANISLAV acompanhou toda a atuação do Colaborador, tanto lícita, quanto ilícita, tendo contato com as ilicitudes, desde as campanhas eleitorais, até os procedimentos de "sustentação" financeira de **LULA** e do **INSTITUTO LULA**, entre 2011 e 2015, o que só teve encerramento quando **PALOCCI** ficou demasiadamente exposto na operação Lava Jato.

O envolvimento de **BRANISLAV** em atividades ilícitas se deu em geral por solicitação do Colaborador. Isso porque **BRANISLAV** é militante antigo do **PT** e tem uma rede própria de relações.

Além disso, **BRANISLAV** tem uma empresa própria para atividades que não guarda relação com a empresa do Colaborador. No primeiro caso, de apoio partidário, **BRANISLAV** mantinha relações com um conjunto de vereadores da capital e deputados do **PT**, os quais não são do mesmo círculo político do Colaborador. No caso de sua empresa, **BRANISLAV** fez um longo trabalho para o governo da Sérvia, a pedido do embaixador deste país no Brasil. Este trabalho envolveu contatos com a **ODEBRECHT**, **ANDRADE GUTIERREZ** e outras empresas nacionais, durante um longo período. Este trabalho só foi relatado de forma genérica ao Colaborador, pois não o envolveu ou a sua empresa **PROJETO**.

Ressalta-se que **BRANISLAV** acompanhou **ANTONIO PALOCCI** na Casa Civil, onde foi assessor especial do Ministro, deixando o posto na mesma semana que o Ministro, em junho de 2011, e o acompanhando 04 meses depois (*quarentena*) na reabertura da empresa **PROJETO**. As atuações específicas de **BRANISLAV** estão detalhadas em diversos anexos.

- III -

JUSCELINO DOURADO

JUSCELINO DOURADO trabalhou como assessor do Colaborador desde a Prefeitura de Ribeirão Preto, no ano 2000 até 2005, quando **ANTONIO PALOCCI** se encontrava no Ministério da Fazenda. **JUSCELINO** manteve contato com o Colaborador até o início de 2010, sendo que após este não mais conversaram.

Na prefeitura, **JUSCELINO** foi Secretário da Casa Civil, tendo relação com os principais temas do governo local. Quando o Colaborador deixou a prefeitura, assumindo o Ministério da Fazenda, em janeiro de 2003, nomeou **JUSCELINO** como Chefe de Gabinete. Na prefeitura, **JUSCELINO** tomou contato com todo tipo de assunto.

Já no Ministério da Fazenda, embora pessoa de grande confiança do Colaborador, manteve sua função nos limites que lhe eram atribuídos e não atuou em ilicitudes. Naquela época o trabalho do Ministério da Fazenda era intenso e eventuais desvios de conduta eram mais raros, não havendo nada digno de nota envolvendo **JUSCELINO** nesta fase.

Na crise do "mensalão", quando o Colaborador foi envolvido, embora não denunciado, tentou-se envolver também a pessoa de **JUSCELINO**, dada a proximidade dele com o Colaborador. **JUSCELINO** chegou a ser convocado para a CPI dos Correios, onde compareceu e fez um pronunciamento considerado satisfatório pela maioria dos parlamentares. Contudo, se disse esgotado emocionalmente e pediu para se afastar do Ministério, no que foi atendido por **ANTONIO PALOCCI**. Quando, em 2006, **PALOCCI** se candidatou a Deputado Federal, **JUSCELINO** teve uma razoável participação, ajudando, inclusive, na captação de recursos financeiros. Não obstante, nesta época **BRANISLAV KONTIC** começou a trabalhar com o Colaborador, assumindo as funções de **JUSCELINO**.

MÔNICA MOURA diz em sua colaboração que recebeu quantias expressivas em dinheiro, vindas da **ODEBRECHT**, das mãos de **JUSCELINO**. Há duas incoerências aí: a primeira que os recursos da **ODEBRECHT** não eram passados para **MÔNICA** em espécie, pelo menos do que era de conhecimento do Colaborador; em segundo lugar, neste ano, quem tratava destes assuntos para o Colaborador era principalmente **BRANISLAV**.

JUSCELINO trabalhou mais na estrutura da campanha, pois já estava um pouco afastado do Colaborador. Após esta fase, o Colaborador e **JUSCELINO** se afastaram.

Anos depois, em 2011, quando o Colaborador se envolveu em polêmicas sobre o seu patrimônio, durante o início do governo **DILMA**, o jornal Folha de São Paulo trouxe matéria de capa dizendo que **JUSCELINO** estava envolvido em investimentos de reflorestamento. Os jornalistas buscavam a informação no sentido de investigar eventuais alocações de propina de **ANTONIO PALOCCI**, mas nada foi encontrado ou sugerido na época.

Em 2012, **PEDRO NOVIS**, Presidente do Conselho da **ODEBRECHT**, procura o Colaborador informando que **JUSCELINO** estava comprando cabeças de gado no Mato Grosso (a região em questão é o local de origem da família de **JUSCELINO**, onde eles já possuíam uma fazenda, não sabendo o Colaborador o valor ou a dimensão desta propriedade). Claramente **PEDRO NOVIS** especulava se aquelas aquisições estavam sendo feitas para o Colaborador, o qual esclareceu na oportunidade que estava bastante afastado de **JUSCELINO**, mas sabia que este tinha uma fazenda com o seu irmão no Mato Grosso, contudo não mantendo nenhum contato profissional ou financeiro com **JUSCELINO**. **NOVIS** não fez novas considerações sobre o assunto, ficando para o Colaborador a impressão de que ele quis apenas esclarecer se as aquisições de **JUSCELINO** tinham ou não relação com o Colaborador, na medida em que **NOVIS** comercializava gado na mesma região de atuação de **JUSCELINO**.

NOVIS e **JUSCELINO** já se conheciam desde o Ministério da Fazenda, quando o primeiro agendava as diversas reuniões do Colaborador, incluindo as realizadas com **PEDRO NOVIS**.

Quando da prisão do Colaborador (26 de setembro de 2016), junto com **JUSCELINO** (solto 05 dias depois, no vencimento da temporária) e **BRANISLAV** (solto em 14 de dezembro de 2016, por ordem do TRF4), diversas matérias na imprensa afirmaram que uma fazenda comprada por **JUSCELINO** anos antes era de propriedade do Colaborador, sendo neste momento que o Colaborador soube que, na verdade, **JUSCELINO** não havia comprado apenas cabeças de gado, quando procurado por **NOVIS**, mas sim uma nova fazenda.

Em alguma das matérias, foi citado que tal fazenda pertencia à atual esposa de **PEDRO NOVIS**. Definitivamente, esta fazenda não pertence ao Colaborador. Em 2017, o Colaborador soube, através de seus advogados, que uma extensa investigação foi feita pela Receita e demais órgãos de investigação sobre o relacionamento financeiro de **JUSCELINO** e seu irmão com **PALOCCI** e sua empresa, além dos antigos donos da referida fazenda.

- IV -

ROGÉRIO BURATTI

ROGÉRIO BURATTI foi Secretário de Governo da primeira gestão de prefeito do Colaborador (janeiro de 1993), tendo deixado a prefeitura em 1995, após acusações de ilícitos. **BURATTI** tornou-se vice-presidente da principal empreiteira da cidade, chamada **LEÃO & LEÃO**. Durante o "mensalão", **BURATTI** foi acusado de ter atuado junto à **GETEC**, que era uma empresa que fornecia tecnologia de jogos para a **CEF**, nada se comprovando nesta época.

Mas, **BURATTI** acabou preso em Ribeirão Preto por outros motivos, quando fez acordo de colaboração e denunciou o Colaborador por ilícitos. A denúncia foi rejeitada em todas as instâncias em que avaliada, nos planos criminal e civil.

ANEXO 35

BELO MONTE

Síntese

Em meados de 2010, **ANTONIO PALOCCI** é procurado por **OTAVIO MARQUES**, presidente do grupo **ANDRADE GUTIERREZ**, o qual vai o apartamento do Colaborador em Brasília e pede seu apoio em situação envolvendo a licitação da hidrelétrica de **BELO MONTE**. Ele argumenta que o seu consórcio é o único concorrente e que o Governo estaria organizando um segundo consórcio apenas para forçar a redução do preço de contratação da usina.

OTÁVIO afirma que negociou com o **PT** o percentual de 1% sobre o contrato, que possivelmente seria dividido meio a meio com o **PMDB**. **ANTONIO PALOCCI** esclarece que não poderá agir por se tratar de área de ação direta de **DILMA ROUSSEF** e que não teria como contrariá-la.

A licitação ocorre e o 2º Consórcio vence. De fato aparentemente, o governo incentivava a redução de preço na contratação da obra. Posteriormente, **OTÁVIO MARQUES** volta a procurar o Colaborador, agora buscando integrar o consórcio vencedor. Novamente o colaborador sustenta a sua impossibilidade de ajudar.

No início de 2011, já na Casa Civil do governo **DILMA**, o Colaborador volta a ser procurado por **OTÁVIO MARQUES** e então resolve perguntar à Presidente **DILMA** se ela deseja que ele faça algum encaminhamento da questão. Palocci avisa **DILMA** sobre a propina que o **OTAVIO** diz ter ajustado com **PT**. **DILMA** diz que não quer qualquer encaminhamento desta questão e que o Colaborador deveria continuar refutando as abordagens.

Em meados do 2012, **VACCARI** procura **ANTONIO PALOCCI**, abordando o assunto. **VACCARI** diz que até aquela data a o consórcio que estava executando obra não havia pago nada ao **PT**. Nessa ocasião **VACCARI** confirma que o **PT** havia conversado com **OTAVIO** sobre a propina de 1% sobre o valor da obra, a ser dividido entre **PT** e **PMDB**.

O colaborador menciona a última conversa que teve sobre esse assunto com **DILMA**, sendo que **VACCARI** entende a situação e diz que vai falar com **DILMA**. Depois de um tempo, **VACCARI** volta ao Colaborador dizendo que **DILMA** transmitiu ao presidente do **PT**, **RUI FALCÃO**, a autorização para que o **PT** procurasse a **ANDRADE** para acertar a situação (se aproximavam as eleições municipais de 2012 e o **PT** precisava de recursos).

VACCARI então afirma que vai procurar **OTÁVIO** e pede que **PALOCCI** reforce o pleito a **OTÁVIO**. **PALOCCI** diz que não vê necessidade, mas fica à disposição. Um tempo depois **OTÁVIO** volta a procurar **PALOCCI**. Diz que estão se entendendo com **VACCARI**, mas que ainda não havia feito nenhuma contribuição ao **PT**. Disse também que já estava bastante adiantado com as atribuições ao **PMDB**. Nesta ocasião, **OTÁVIO** pergunta a **PALOCCI** sobre eventual compromisso do governo com **DELFIN NETO**, que teria ajudado o consórcio vencedor. **OTAVIO** lembra que a **ANDRADE** já tem contrato com **DELFIN NETO** de consultoria econômica e diz que vai procurá-lo. Essa foi a última vez que o assunto foi tratado pelo Colaborador.

Elementos de Corroboração

- a) Registro de entrada e saída da Projeto;
- b) Doações oficiais de campanha de 2012;
- c) Depoimento de Otávio Azevedo.

ANEXO 36

PREFEITURA DE RIBEIRÃO E O BANCO SANTANDER

Síntese

No ano 2000, o **BANCO BANESPA** foi comprado pelo **BANCO SANTANDER**. Na época, **ANTONIO PALOCCI** era prefeito de Ribeirão Preto/SP e a maior parte das contas bancárias do município era alocada no **BANCO BANESPA**. Com a compra, diversas prefeituras migraram do **BANCO BANESPA** para outros bancos, porque mencionado Banco deixaria de ser público e passaria a ser privado. Nesse contexto, **ANTONIO PALOCCI** se encontrou com **MIGUEL JORGE**, à época diretor de relações governamentais do **BANCO BANESPA/SANTANDER**, para tratar do tema.

MIGUEL JORGE disse que estava preocupado com a migração das contas municipais para outros bancos, o que estava trazendo inúmeros prejuízos, e que gostaria que **ANTONIO PALOCCI**, na qualidade de prefeito, mantivesse a conta da prefeitura de Ribeirão Preto no **BANCO SANTANDER**, sendo que o banco ficaria muito satisfeito de retribuir **PALOCCI** naquilo que ele viesse a precisar. **ANTONIO PALOCCI** disse que poderia assentir com o pedido sem problemas.

Em troca, **MIGUEL JORGE** se mostrou muito satisfeito e disse que queria realizar um agradecimento a **ANTONIO PALOCCI** pelo ato de manutenção. Ou seja, gostaria de realizar o pagamento de alguma vantagem indevida a **ANTONIO PALOCCI** pelo ato de ofício praticado por este. **ANTONIO PALOCCI** disse que em troca da manutenção das contas da prefeitura de Ribeirão Preto/SP no **BANCO SANTANDER**, ele gostaria que o Banco contribuísse para as eleições presidenciais de 2002, em especial para a candidatura de **LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA**.

O pedido foi prontamente aceito por **MIGUEL JORGE**. Fato é que, na sequência, o **BANCO SANTANDER**, por intermédio do **BANCO BANESPA**, realizou a doação de R\$ 2 milhões para a campanha presidencial do **PARTIDO DOS TRABALHADORES** em 2002.

ANEXO 37

QUALICORP

Síntese

A empresa **QUALICORP** é uma corretora de planos e seguros de saúde. Uma *broker* antiga de planos de saúde. A **QUALICORP**, através da atuação de seu sócio fundador, **JOSÉ SIRIPIERI JÚNIOR**, conhecido na política como **JÚNIOR**, criou um modelo de planos de saúde coletivos para associações profissionais. **JÚNIOR** era filho de um influente Delegado aposentado da Polícia Civil de São Paulo e atuou por muito tempo como vendedor de planos da **GOLDEN CROSS**.

Ao sair da **GOLDEN CROSS**, **JÚNIOR** montou um plano de saúde específico para os policiais civis de São Paulo. Posteriormente **JÚNIOR** começou a atuar com planos individuais, tornando-se muito amigo do médico **ROBERTO KALIL FILHO**, através do qual passa a fazer muitos contatos políticos, inclusive com o então presidente **LULA**.

A influência de **JÚNIOR**, com a intermediação de **KALIL**, passa a ser tão grande que, em 2009, ele consegue colocar um dos diretores da **QUALICORP**, **MAURÍCIO CESCHIN**, como diretor da **ANS**, posteriormente passando este à condição de diretor-presidente. Quando o seu representante está na **ANS**, estrutura as resoluções 195 e 196, as quais visavam, sobretudo, garantir à **QUALICORP** um monopólio de mercado, na corretagem de seguros, com três medidas principais: *(a)* obriga que todos os planos de saúde sejam vendidos com corretagem; *(b)* proíbe as operadoras de planos de saúde de fazerem corretagem; *(c)* permite planos coletivos em sistemas de associação.

RESOLUÇÃO NORMATIVA – RN Nº 196, DE 14 DE JULHO DE 2009

Dispõe sobre a classificação e características dos planos privados de assistência à saúde, regulando a sua contratação, gestão e arbitragem para contratação de planos privados de assistência à saúde de custos individuais.

[Texto Completo](#)

[Texto Completo \(Versão Microsoft Word\)](#)

A Diretoria Colegiada da Agência Nacional de Saúde Suplementar – ANS, em um das deliberações que lhe confere o inciso II do artigo 10, ordenado com as Leis nº 3.066 e 10.021 do artigo 1º, da [Lei nº 3.066](#), de 28 de janeiro de 2000 e em conformidade com o disposto no art. 24, inciso II, alínea “a”, do Anexo I, da [Resolução Normativa – RN nº 21](#), de 2 de setembro de 2004, em reunião realizada em 1 de julho de 2009, adotou a seguinte Resolução, o seu Diretor-Presidente, determinou a sua publicação:

PALOCCI ficou sabendo de todos estes movimentos, pois, além de manter laços de amizade com **KALIL**, atuava em prol dos interesses de **AMIL** e **BRADESCO**, os quais eram clientes de sua empresa **PROJETO** e se revoltaram contra as resoluções, evidentemente direcionadas para beneficiar a **QUALICORP**.

Vale consignar que o **EDSONGODOY** da **AMIL** cogitou com **PALOCCI** fazer um movimento para derrubar as resoluções, mas **PALOCCI** o aconselhou em sentido contrário. Assim, **PALOCCI** ficou sabendo dos detalhes aqui narrados.

Atendida em todos os seus pleitos perante o Governo, a **QUALICORP** não media esforços em atender a todas as contrapartidas solicitadas, sendo que fez aportes de vantagens indevidas nas campanhas, no **INSTITUTO LULA** e, provavelmente, na empresa **TOUCHDOWN** do filho de **LULA**.

Em determinado momento, quando **ROSEMARY NORONHA** foi processada penalmente, **LULA** pediu para **PALOCCI** procurar alguém para pagar o advogado, valor que seria superior a R\$ 1 milhão de reais. Contudo, na mesma hora, **PAULO OKAMOTO** disse que a situação já estava resolvida, pois o **JÚNIOR** da **QUALICORP** ia acertar o valor com o advogado

ELEMENTOS DE	<p>que era de sua confiança (CELSO VILLARDI).</p> <p>Em setembro de 2014, JÚNIOR trocou mensagem (SMS) com o ANTONIO PALOCCI perguntando como faria para doar para a campanha de DILMA ROUSSEF.</p> <p>Além disso, JÚNIOR da QUALICORP emprestava helicóptero, avião e o que mais LULA quisesse. LULA chegou a passar alguns dias na casa de JÚNIOR em Angra dos Reis. PALOCCI usou o helicóptero e o avião de JÚNIOR algumas vezes.</p>
	<ul style="list-style-type: none"> a) Nomeação de MAURÍCIO CESCHIN ; b) Resoluções 195/196 c) Supostas doações para TOUCHDOWN, INSTITUTO LULA e LILS ; d) Bilhetagem telefônica ; e) Pagamento advogado ROSEMARY NORONHA.

ANEXO 38

UNIBANCO X MULTIPLIC (PLANO REAL)

Síntese

Nos anos de 2005/2006 já estava claro que as ações na Justiça que questionavam a validade ou a forma de aplicação dos Planos Econômicos se transformaria numa imensa demanda contra o Sistema Financeiro Nacional.

Desde aquela época e até os dias atuais a batalha sobre os Planos Econômicos passou a ser a mãe de todas as batalhas para os grandes bancos brasileiros. Por mais que, ao fim e ao cabo, a demanda acabe por questionar o próprio Tesouro Nacional, o fato é que os grandes bancos, públicos e privados, acabam suportando todo o preço das decisões judiciais.

Durante algum tempo os bancos administravam esta questão nos níveis inferiores da Justiça, inclusive para não provocar, em reação, um maior número de ações reparadoras.

Mas, por volta de 2005/2006 as ações já estavam no **STJ** e algumas já a caminho do **STF**. Assim, já não era mais possível adiar a reação, de forma que inicia-se uma operação de grande porte, envolvendo a **FEBRABAN**, a **CNSIF**, os grandes bancos públicos e privados e os principais escritórios de advocacia do país.

A questão básica das ações dizia que, em cada um dos diversos planos econômicos da história recente do país, os poupadores haviam sido prejudicados pelas diferentes maneiras com que os áculos de transição de moedas foram realizados, de forma que os bancos deveriam ressarcir os poupadores. Isso envolvia desde a pequena poupança de uma dona de casa até aplicações de contratos entre diferentes financeiras, fazendo com que algumas demandas fossem milionárias. A Justiça de primeira instância também estava dando ganho de causa para demandas coletivas, o que assustava ainda mais o Sistema Financeiro. Este era o cenário em que se deram os fatos envolvendo o **UNIBANCO**.

Em meados de 2006, **PEDRO MOREIRA SALLES** procura **ANTONIO PALOCCI** para discutir a primeira das grandes demandas contra o Plano Real que irá para decisão do **STF**. Tratava-se de uma demanda com valor, na época, de 400 milhões de reais. Tratava-se de uma demanda movida pelo banco **MULTIPLIC** do Rio de Janeiro, contra o **UNIBANCO**, da família **MOREIRA SALLES**.

PEDRO MOREIRA SALLES pede a intervenção do Colaborador junto ao Presidente da República, pois o feito iria desaguar no questionamento do próprio Plano Real. **ANTONIO PALOCCI** fala, então, com o Presidente **LULA**, o qual determina que o então Secretário de Assuntos Jurídicos da Casa Civil, **DIAS TOFFOLI**, trabalhe o tema com o Colaborador.

Alguns dias depois, **PEDRO MOREIRA SALLES** envia um longo fax para a casa de **ANTONIO PALOCCI**, o qual repassa o documento para **DIAS TOFFOLI** que, por sua vez, vai ao **STF** debater a questão com os Ministros da Suprema Corte, em especial com o Ministro **SEPÚLVEDA PERTENCE**, o qual era o então relator da ação. **SEPÚLVEDA PERTENCE** compreende bem a situação e decide por suspender a tramitação da ação em análise e de outras ações sobre o tema nas instâncias inferiores, até decisão final do **STF**. No caso, representou uma importante vitória inicial para o **UNIBANCO**, bem como para o Plano Real.

Dias depois, **FERNANDO SALLES**, irmão de **PEDRO**, convida o Colaborador para proferir uma palestra para sua empresa **CBMM** (nesta época o Colaborador já tinha cumprido o período de quarentena após deixar o Ministério da Fazenda e atuava como palestrante e consultor).

Antes de iniciar a palestra (apresentação) na **CBMM**, estando sozinho com **FERNANDO SALLES** na sala, este diz a **PALOCCI** o seguinte: « Nossa convite é uma contrapartida que estamos lhe dando pelo que você fez pela nossa família junto ao **STF**. Queremos chamá-lo aqui durante algum tempo, em agradecimento. Embora você não tenha nos cobrado nada, nós nos sentimos na obrigação de compensá-lo ».

O Colaborador agradece, realiza a palestra e é remunerado em R\$ 20 mil. **PEDRO MOREIRA SALES**, em outra oportunidade faz a mesma coisa e convida **PALOCCI** para palestrar no **UNIBANCO**.

No mesmo ano, o **UNIBANCO** oferece uma doação para a campanha de **ANTONIO PALOCCI** ao cargo de Deputado Federal, no valor de R\$ 200 mil. Quando do repasse, o diretor do **UNIBANCO** diz que o banco estaria doando R\$ 50 mil para alguns candidatos a deputado federal que estavam apoiando, mas que havia recebido ordem para doar quatro vezes mais para o Colaborador. Outras apresentações foram feitas posteriormente e remuneradas.

Em 2007 o assunto volta à pauta e o Relator da ação no **STF** é o Ministro **MENEZES DIREITO**, que passou a ocupar a vaga de **SEPÚLVEDA PERTENCE** e recebeu as ações em andamento para relatar. Assim é que, dias antes da votação, **MENEZES DIREITO** se encontra com **PALOCCI** na Embaixada da Inglaterra em Brasília, num jantar comemorativo.

O Colaborador passa a dialogar com **MENEZES DIREITO** sobre a análise do caso, na busca de convencê-lo a decidir em favor do « Plano Real » (mas, em verdade querendo O Colaborador favorecer o **UNIBANCO**). O Colaborador dá uma minuciosa explicação ao Ministro, sendo que este agradece e diz que irá fazer o melhor possível. Dias depois o Ministro apresenta seu voto em favor da aplicação do Plano Real e nega a demanda do **MULTIPLIC**.

Novamente **PEDRO MOREIRA SALLES** promove uma apresentação de **ANTONIO PALOCCI** em seu banco e o remunera em R\$ 20 ou R\$ 30 mil, no final de 2007.

Posteriormente uma grande mobilização do setor financeiro se realiza para barrar as ações que começam a chegar ao **STF**. Esse processo ainda hoje está em andamento.

Elementos de Corroboração

- a) Decisões STF ;
- b) Bilhetagem telefônica ;
- c) Palestras na CBMM ;
- d) Palestras no UNIBANCO ;
- e) Doação para a campanha de PALOCCI em 2006.

ANEXO 39

TOUCHDOWN

Síntese

A empresa TOUCHDOWN pertence ao filho do ex-presidente LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA, LUIS CLÁUDIO LULA DA SILVA. ANTONIO PALOCCI intercedeu diversas vezes perante empresas próxima ao Governo para obter doações e financiamento para a TOUCHDOWN. Vale dizer que algumas dessas doações foram expressamente vinculadas a atos de ofício realizados pelo Governo em benefício das empresas doadoras. A título de exemplo, no ano de 2013, ANTONIO PALOCCI intercedeu perante a AMBEV e a AMIL para que tais empresas realizassem financiamentos para a TOUCHDOWN. A doação da AMBEV, por exemplo, foi sem dúvida vinculada aos atos de ofício realizados por ANTONIO PALOCCI e LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA com relação a questão do PIS/COFINS, conforme relatado em anexo específico.

Ademais, no ano de 2013/2014, por conta da Medida Provisória nº 471, a qual prorrogou o incentivo para o setor automobilístico, LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA intercedeu junto ao Governo Federal, perante DILMA ROUSSEFF e ALOIZIO MERCADANTE, para obter a confecção e a aprovação da referida medida e, assim, beneficiar duas montadoras em específico: a CAO A e a MITSUBISHI. Em contrapartida, as duas montadoras contrataram o escritório MARCONDES & MAUTONI para, de maneira dissimulada, repassar R\$ 2,4 milhões de reais em vantagens ilícitas para a empresa TOUCHDOWN, a pedido de LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA. Esse fato foi discutido entre ANTONIO PALOCCI e LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA em encontros realizados no INSTITUTO LULA no ano de 2013/2014.

Elementos de corroboração

- a) Doações para a TOUCHDOWN ;
- b) MP 471 ;
- c) Contrato CAO A, MITSUBISHI e MARCONDES & MAUTONI.

